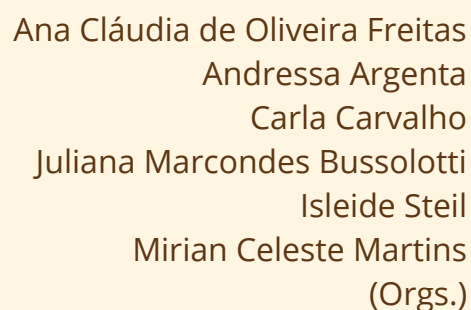




Volume 1 . 2025



Ana Cláudia de Oliveira
Freitas Andressa Argenta
Carla Carvalho
Juliana Marcondes Bussolotti
Isleide Steil
Mirian Celeste Martins
(Organizadoras)

FORMAÇÃO DOCENTE COM/EM
ARTES/CULTURAS:
PROPOSIÇÕES
ARTÍSTICAS E ESTÉTICAS
Volume I



Taubaté/SP
2025

EXPEDIENTE

edUNITAU - Editora da Universidade de Taubaté

Presidente

| Pró-reitora de Extensão: Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

Conselho Editorial

| Assessor de Difusão Cultural: Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves
| Coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas: Shirlei de Moura Righeti
| Representante da Pró-reitoria de Graduação: Profa. Dra. Emari Andrade
| Representante da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação: Profa. Dra. Monica Franchi Carniello
| Área de Biociências: Profa. Dra. Eliane Stevanato
| Área de Exatas: Profa. Dra. Kátia Celina da Silva Richetto
| Área de Humanas: Prof. Dr. Fernando Gentil Gizzi de Almeida Pedroso

Consultoria Ad hoc (link equipe consultores) ↩

| Representante: Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira (Universidade de Taubaté)

Equipe Técnica

| Coordenador de Produção Editorial: Alessandro Squarcini
| Grupo de Estudos em Língua Portuguesa – GELP
| Sistema Integrado de Bibliotecas - SiBI

Avaliação, parecer e revisão por pares

| Esta obra foi avaliada por pares e indicada para publicação

Projeto Gráfico

| Capa: Andressa Argenta
| Diagramação: Andressa Argenta, Fransuê Ribeiro e Lutiere Dalla Valle
| Finalização: Maurilio Augusto Pereira Puccinelli Zanquetta
| Impressão: Eletrônica

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi/ UNITAU Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI

F724 Formação docente com/em artes/culturas : proposições artísticas e estéticas : volume 1 [recurso eletrônico] / organizadores Ana Cláudia de Oliveira Freitas... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Taubaté: EdUnitau, 2025.
1 recurso on-line (255 p.).

Formato: PDF
Requisitos do sistema: Adobe
Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-85-9561-214-3 (on-line)

1. Formação docente. 2. Arte-educação. 3. Proposições artísticas. 4. A/r/tografia. 5. Educação estética. I. Argenta, Andressa (org.). II. Carvalho, Carla (org.). III. Bussolotti, Juliana Marcondes (org.). IV. Steil, Isleide (org.). V. Martins, Mirian Celeste (org.). VI. Título.

CDD - 371.12

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Índice para Catálogo sistemático
Formação docente – 371.12
Arte-educação – 707
Proposições artísticas – 701
A/r/tografia – 707
Educação estética – 707

Copyright © by Editora da UNITAU, 2025

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

SUMÁRIO

Uma publicação coletiva, sensível e provocadora, em parceria com o GEAEC/UNITAU

Juliana Marcondes Bussolotti (UNITAU)..... 07

Através: proposições como desvelamentos

Mirian Celeste Martins (UPM) 09

ARTE/CORPO/CIDADE 23

Corpo . Cidade . Errâncias . Deslocamentos

Margarete Sacht Goés (UFES) 25

Cartografias afetivas: Arte. Corpo. Cidade.

Adair de Aguiar Neitzel, Isleide Steil, Mônica Zewe Uriarte, Cleide Pareja, Janete Nhoque (UNIVALI); Flávia Brochetto Ramos (UCS) 33

Pelas ruas de Blumenau: o que registra um grupo de Pedagogia

Carla Carvalho, Caroline Carvalho, Patrícia Gonçalves Jorge (FURB) 41

Cidade . Estesia . Afetos e Descobertas na Formação de Professoras/es

Leísa Sasso (SECEC/SEEDF/MUN), Paulo Bareicha (UnB), Tereza B.S.Ramos (IFB)... 47

Memória e Território: olhares de licenciandos/as da Pedagogia Indígena Xokleng sobre a cidade

Caroline Carvalho, Fransuê Ribeiro e José Inácio Sperber (FURB) 54

Una reflexión poético pedagógica en Palermo, Ansina y el Museo de Artes y Oficios

Gabriela Ferreira Olaso (INN-CFE-ANEP) 62

Deslocamentos pela Cidade Universitária

Lutiere Dalla Valle (UFSM) 71

CAMINHANDO 79

Caminhando com Lygia Clark

Mirian Celeste Martins, Leonardo Birche (UPM) 81

Caminhando- Revivendo um proposição de LYGIA CLARK

Jaime Ruiz Solórzano (Universidad Surcolombiana) 87

No hay camino, hace camino al andar: percurso, registro, o outro	
Jéssica Mami Makino (FFCLRP - USP)	93
Caminhando com Lygia Clark	
Juliana Bussoloti, Raquel Balduino da Silva, Michael Santos Silva, Ana Paula Vaz Boechat (UNITAU)	102
Caminhando - Lygia Clark	
Dilma Marques Silveira Klem (Unimontes)	108
Caminhar com Lygia para encontrar(se)	
Lutiere Dalla Valle (UFSM)	114
Caminhando com Lygia Clark	
Adrianne Ogêda, Michelle Dantas, Virna Bemvenuto (UNIRIO)	124
Andarilhando com Lygia Clark	
Ana Paula Abrahamian de Souza (UFRPE), Fabiana Souto Lima Vidal (UFPE)	129
Caminhando e Cortando e seguindo...	
Leísa Sasso (SECEC/SEEDF/MUN), Tereza B. Salles Barros (IFB)	138
Caminhos docentes	
Maria Regina Johann (UNIJUI)	145
MEMÓRIA MUSICAL E MOVIMENTOS (im)PENSADOS	150
Do Sertão Baiano: memórias musicais e movimentos (im)pensados na Uneb	
Ana Cláudia de Oliveira Freitas (UNEB)	153
Da memória ao movimento: vivências (im)pensadas para o corpo	
Adrianne Ogêda, Luciana Quintal, (UNIRIO)	170
Da memória musical ao movimento: vivências (im)pensadas para o corpo	
Mirza Ferreira (UNICAMP)	176
Corpo dançante - movimentos (im)pensados	
Adair de Aguiar Neitzel, Isleide Steil, Mônica Zewe Uriarte, Cleide Pareja, Janete Nhoque (UNIVALI); Flávia Brochetto Ramos (UCS)	184
Proposição Estética no território da Pedagogia: uma educação pelo sensível	
Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon, Silvia Sell Duarte Pillotto (UNIVILLE)	192
PERCURSO-SENTIDOS	200

Percursos-sentidos sensibilizados	
Mirian Celeste Martins (UPM)	203
Percursos- Sentidos: arte, percepção, sensibilização	
Dilma Marques Silveira Klem (Unimontes)	208
SABER DE COR	215
Saber de cor	
Vinícius Stein e João Paulo Balisnei (UEM)	219
PROPOSIÇÕES PLANEJADAS	226
Artesaniando a vida com a produção de si	
Silvia Sell Duarte Pillotto (UNIVILLE) e Grupo de Pesquisa NUPAE.....	227
Autorretrato	
Juliana M. Bussolotti (UNITAU); Ana Paula Boechat de Azevedo (UNITAU).....	228
Banquete literário	
Adair de Aguiar Neitzel, Janete Ribeiro Nhoque e Cleide Jussara Müller Pareja (UNIVALI), Flávia Brocchetto Ramos (UCS)	229
Medusa contemporânea	
Pê Braga (UFPE).....	230
Memórias de infância e adolescência	
Mirian Celeste Martins (UPM)	231
Movimentos e registros sonoros – movimento e memória	
Islaide Steil e Monica Zewe (UNIVALI)	232
Navegação	
Adriana Vilchez Magrini Liza (UPM); Lúcia M. S.S. Lombardi (UFSCAR); Mirza Ferreira (Laborarte)	233
O céu em mim e em nós	
Leisa Sasso (SECEC/SEEDF/MUN); Glaucia Melasso Garcia de Carvalho (IFB Campus Brasília);Tereza Bernardette (IFB Campus São Sebastião)	234
O corpo das coisas	
Maria Regina Johann (UNIJUÍ)	235
O olhar como conhecimento de si e do outro	
Silvia Sell Duarte Pillotto (UNIVILLE) e Grupo de Pesquisa NUPAE	236

O pão nosso de cada dia

Mirian Celeste Martins (UPM)..... 237

O seu olhar no meu

Maria Regina Johann (UNIJUÍ) 238

Percursos-convites

Daniela Schneider (UFRG) e Grupo de Estudos e Arte, Formação e Experimentações
Estéticas 239

Receitas de olhar

Caroline Carvalho, Carla Carvalho e Patrícia G. Jorge (FURB) 240

(Re)modelando memórias

Silvia Sell Duarte Pillotto (UNIVILLE) e Grupo de Pesquisa NUPAE..... 241

QUEM SOMOS

Grupos de Pesquisa 242



Uma publicação coletiva, sensível e provocadora, em parceria com o GEAEC/UNITAU

Juliana Marcondes Bussolotti

O livro *Formação Docente com/em Artes/Culturas – Volume 1: Proposições Artísticas e Estéticas* nasce como uma resposta poética e política à urgência de repensar a formação docente em cursos de Pedagogia. Fruto de uma rede internacional de pesquisadores, o volume foi editado em parceria com o GEAEC — Grupo de Estudos Arte Educação e Criação, vinculado ao Mestrado Profissional em Educação da UNITAU.

Mais do que uma coletânea, a obra apresenta uma potente metodologia de formação que integra arte, sensibilidade, corpo e memória. Composto por proposições artísticas experimentadas em mais de 20 universidades do Brasil e da América Latina, o livro propõe formas de ensinar e aprender a partir da experiência estética, do diálogo com o cotidiano e da criação compartilhada.

Um livro que propõe, provoca e inspira! Este volume 1 organiza e apresenta um cardápio de proposições artísticas e estéticas, desenvolvidas e vivenciadas a partir do contexto

real de sala de aula. São práticas criativas que aproximam arte e pedagogia, voltadas para formar educadores sensíveis, críticos e autores de seus próprios percursos formativos. Cada proposição é descrita com clareza, e as vivências em territórios diversos é acompanhada de imagens, reflexões e conceitos que provocam encontros com a arte e a cultura.

A obra, após a introdução que desvela processos, se estrutura em duas partes: Parte 1: Proposições realizadas – experiências vividas por docentes e estudantes em cursos de Pedagogia. Parte 2: Proposições planejadas – ideias em construção, abertas a adaptações e novas práticas.

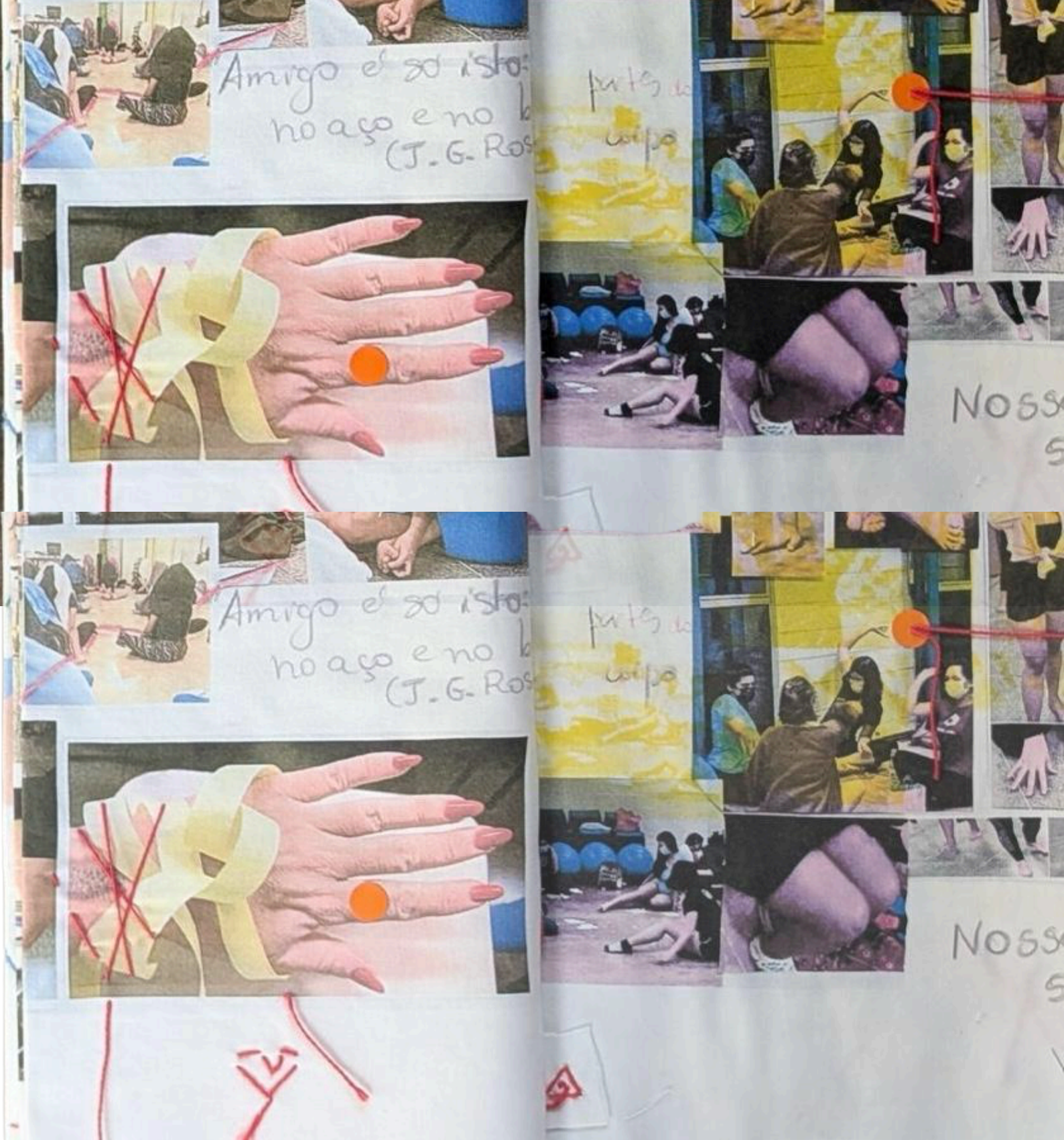
Uma obra viva, que caminha com quem educa. A proposta deste volume é justamente transformar a pesquisa em prática e a prática em arte, sacudindo tanto os estudantes como os professores propositores, todos docentes de Arte em cursos de Pedagogia.

A estrutura da publicação convida o leitor a experimentar, recriar e compartilhar: cada texto é atravessado por imagens, narrativas, sugestões de mediação e rodas de conversa — como num grande ateliê de formação. Deste modo espelha a sua metodologia que embasa a pesquisa: a a/r/tografia, uma abordagem que integra arte, ensino e investigação, e se fundamenta em princípios éticos e estéticos de coparticipação, autoria e sensibilidade.

Trata-se de uma publicação que rompe com o formato tradicional dos manuais didáticos e propõe uma leitura por meio da imagem, da escuta e da corporeidade — colocando a arte como linguagem central na formação de professores.

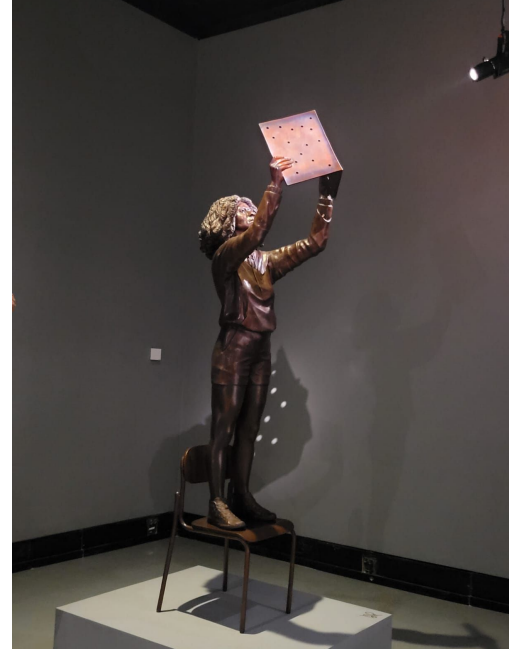
A parceria com o GEAECE - arte, pesquisa e docência entrelaçadas - potencializa ainda mais o alcance e a relevância da obra. O grupo, criado em 2020 no âmbito do Mestrado Profissional em Educação da UNITAU, vem se consolidando como um núcleo de pesquisa e prática em arte-educação. Seus projetos aliam investigação acadêmica, criação artística e formação docente.

O livro reforça a ideia de circularidade, dialogando diretamente com o Volume 2 (em elaboração), que trará a análise detalhada dos processos de formação vividos nas proposições. Juntos, os dois volumes constituem um marco na produção de conhecimento sobre arte e educação no Brasil contemporâneo com foco na formação nos cursos de Pedagogia.



ATRAVÉS:
PROPOSIÇÕES
COMO DESVELAMENTOS





Através: proposições como desvelamentos

Mirian Celeste Martins

No Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo, a sala escura nos convida para um encontro denso e profundo, já antevisto pelo texto na parede logo na entrada da sala. Flávio Cerqueira relembra a importância que a mãe dava ao conhecimento. Como doméstica, ganhou a enciclopédia Barsa, o Google do passado... Uma riqueza para a família!

[...] Assim, o livro é um objeto recorrente na minha produção. Em suas primeiras aparições, livro e escultura eram feitos de materiais distintos por eu acreditar que essa educação erudita não me pertencia e não me era possível alcançar. No decorrer da minha jornada, descobri diversas formas de educação e cultura, e que muitas delas não estão somente nos livros. Hoje está tudo junto e criado com o mesmo material. [...] Flávio Cerqueira, texto de parede no CCBB, 2025)

O livro se incorpora no bronze do corpo da menina e da cadeira simples, daquelas das escolas que ele frequentou na periferia paulistana. E é posicionada frente à luz que permite ver através.

Há esforço em quem quer ver através. A cadeira evidencia o patamar necessário para ver além, assim como a paisagem só se descortina por inteiro para quem trilha montanhas ou sobe em torres construídas pelos seres humanos para ver além.

Há o esforço para subir na cadeira e o esforço do olhar que busca a luz. Não basta ter o livro nas mãos, mas é fundamental o seu contexto. A sala escura, iluminada apenas pelos refletores que focalizam as obras, tem na obra *No meu céu ainda brilham estrelas*, uma presença consciente de sua força.

São 27 furos que permitem a passagem da luz do conhecimento que não se encontra apenas nos livros, assim como são 27 os estados brasileiros. E que expressão podemos ler no rosto da jovem adolescente?



A obra que me tocou profundamente é também a metáfora do que nos move e do que apresentamos neste volume 1 que, em sintonia com o volume 2, cria uma singularidade que convida às leituras e diálogos entre os dois volumes. Ambos focalizam a pesquisa *Formação docente com e em artes/culturas*, com questões que rodearam inicialmente os grupos GPAP e GPeMC: Quais são as bagagens artísticas/culturais das(os) estudantes do Curso de Pedagogia (ou equivalente)? O que revelam? E que motivaram a um grande grupo de professores de arte em Cursos de Pedagogia que ampliaram as questões: Como acessar as bagagens culturais das(os) estudantes? Como trazê-las à tona? Como propor algo que provoque a criação e consista em si mesmo em formação também em arte?

A pesquisa está detalhada na apresentação do volume 2, e neste volume 1 o foco é a metodologia da pesquisa e a prática planejada em um cardápio de proposições, a apresentação das 26 proposições vividas em cinco selecionadas e complementada por todas as demais que compõe o cardápio.



Com a questão central da pesquisa definida pelo grupo pesquisador, a metodologia foi problematizada. A artografia, escrita sem barras com autorização de Rita Irwin (pois não faz sentido em português as três sílabas iniciais: *a* de artista, *r* de *researcher*, pesquisador e *t* de *teacher*, professor), foi a fundamentação primeira. Uma metodologia que segundo Rita Irwin (2013: 31), “é uma forma relacional de investigação que busca a produção de significados, a compreensão e a criação de conhecimento”.

Como pesquisa viva, o campo se modifica durante o processo de pesquisa e essas modificações são incorporadas e alimentadas por novos pensamentos. Um processo dinâmico e vivo entre todos os sujeitos envolvidos. Uma intervenção pedagógica e artística que pode também ser vista como uma “intravenção”, pois “os nossos compromissos pessoais e profissionais são influenciados para além da ação inicial. Quando nosso posicionamento ético está envolvido, nossa postura muda em muitas instâncias”, nos diz Rita Irwin (apud Martins, 2022, p. 22) em entrevista a mim concedida. Na artografia, a pesquisa, o ensino e a produção de arte se costuram entrelaçando conceitos, ações e aprendizagens onde as diferenças testemunham riquezas.

Este rizoma de significados produzidos que aqui apresentamos se tornou também um exercício de pesquisa socio-poética sob a ótica de Gauthier (2004). Vem dele a perspectiva metafórica e a condução por um grupo pesquisador. Também a cartografia proposta por Kastrup et al (2009; 2014) nos conduziu, especialmente nas análises dos resultados, com sua participação em encontro de avaliação da pesquisa em 2023.

Desejávamos realizar uma pesquisa baseada em arte que atendesse a necessidade de produzir ações investigativas com base na experiência estética provocadora e, ao mesmo tempo, possibilitar a leitura sobre as bagagens artísticas/culturais de estudantes de Pedagogia. Assim, foram criadas proposições artísticas com o objetivo de oferecer também aos pesquisadores o exercício de uma docência pautada na observação, na valorização das vozes de estudantes, e o acompanhamento de suas descobertas, entraves e desafios frente à criação.

Duas foram as bases para o conceito de proposições. A primeira, Lygia Clark que em 1968 declarava:

Nós somos os propositores: nós
somos o molde, cabe a você soprar
dentro dele o sentido da nossa
existência.

Nós somos os propositores: nossa
proposição é o diálogo. Sós, não
existimos. Estamos à sua mercê.

Nós somos os propositores:
enterramos a obra de arte como tal e
chamamos você para que o
pensamento viva através de sua ação.

Nós somos os propositores: não lhe
propomos nem o passado, nem o
futuro, mas o agora.



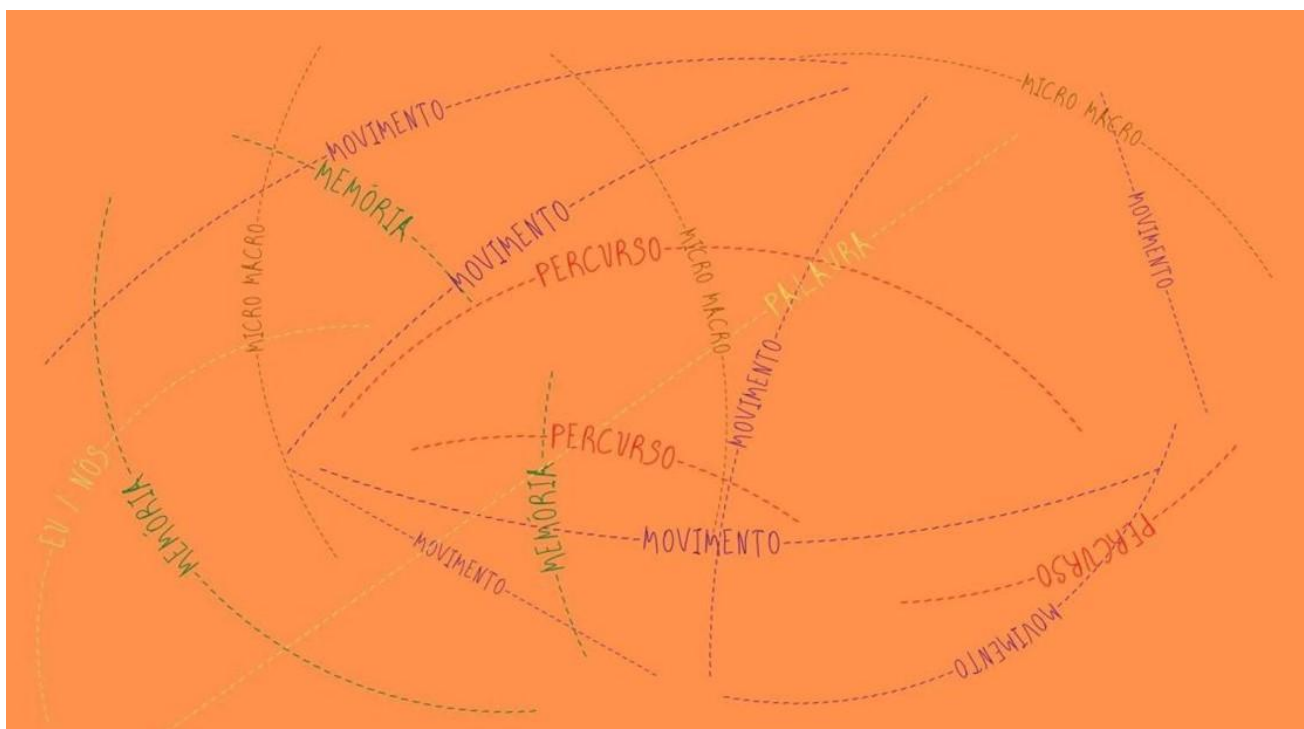
O diálogo, a provocação para a ação, a produção de sentido foi a propulsora de inúmeras intervenções de Lygia Clark e Hélio Oiticica, marcando a arte contemporânea brasileira e convocando para outros processos educativos. As proposições deveriam assim serem provocadoras de fazeres gerando pensamentos vivos por meio da ação.

Outra base foi a proposta de pesquisa coordenada por Giberto Icle (2021) publicada no livro *Formação e processos de criação*. A pesquisa vivida por 12 grupos teve como foco a linguagem da performance. Seguiu protocolos e produziu muitos textos reflexivos analisando as diferentes relações vividas pelos diversos grupos com as mesmas proposições.

Este modo de procedimento metodológico nos guiou na recriação dos protocolos para a elaboração das proposições tendo em vista a nossa pergunta de pesquisa. Assim, todos os pesquisadores seguiriam o protocolo para criar proposições:

- a) Ser provocadora de encontros com a arte – estudantes como leitores/fruidores e como produtores;
- b) Ser passível de ser praticada por um outro grupo, envolvendo três ou mais de 30 pessoas, mesmo que requerendo adaptações;
- c) Ser escrita da forma mais clara, precisa, polida e objetiva possível para que o docente possa replicar a proposição;
- d) Disparar uma prática que não separe processos de criação, ações formativas e reflexões sobre a experiência estética vivida por meio da proposição e sobre a própria concepção de educação em arte.

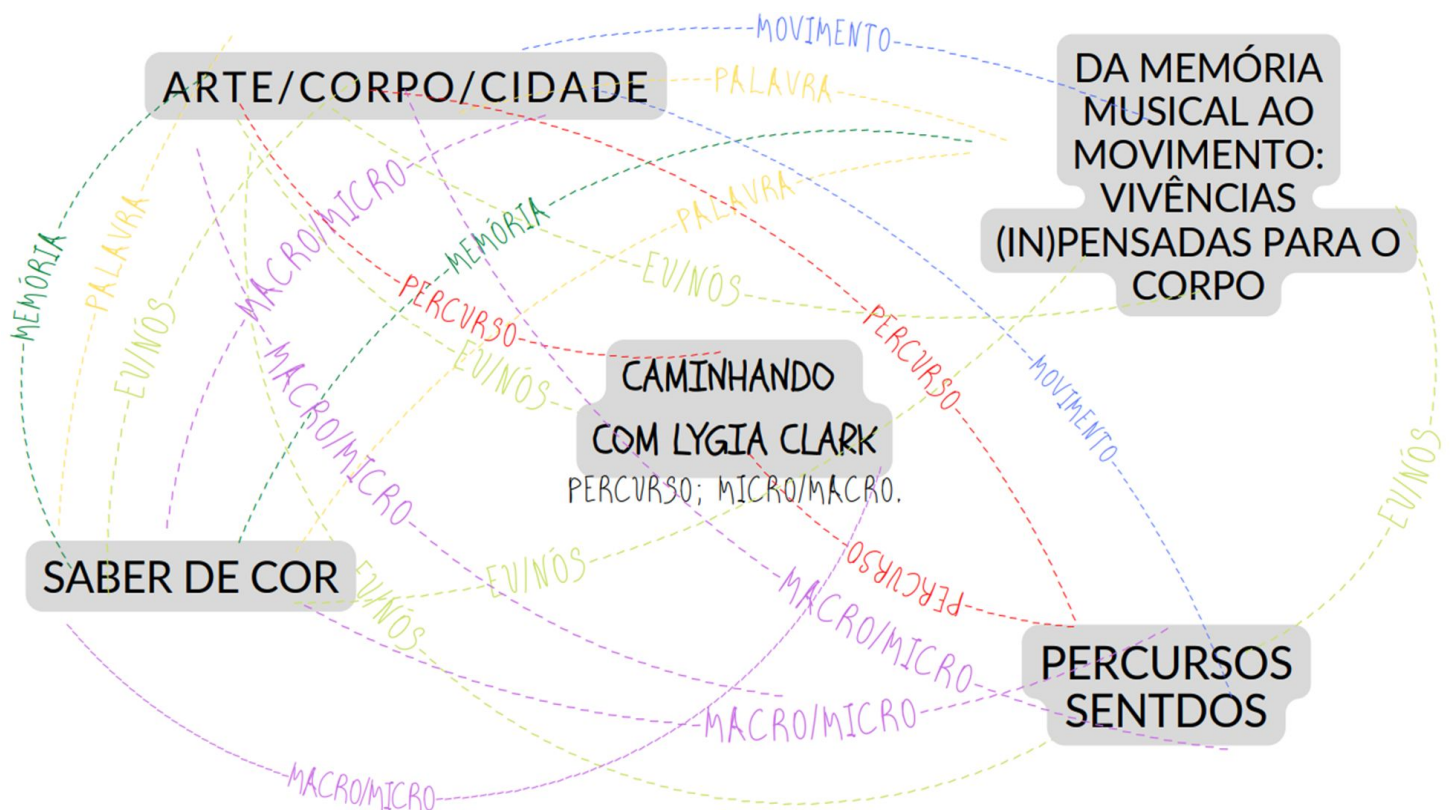
Com estas duas bases, a fundamentação artística de Lygia Clark e os protocolos recriados a partir de Gilberto Icle, iniciamos as discussões de proposições a serem oferecidas a nossos estudantes nas aulas de Arte dos cursos de Pedagogia. Um longo processo de discussão foi vivido, pois cada proposição era problematizada dentro dos protocolos estabelecidos. Muitas vezes a proposição era proposta como uma sequência didática e seu viés de intervenção artística não era claro. Ao mesmo tempo que pensávamos as ações com os estudantes, reelaborávamos as nossas ações docentes. E assim, com muitas idas e voltas, chegamos ao que chamamos de Cardápio de Proposições. E fomos encontrando entre eles um rizoma de territórios.



Esses territórios se cruzavam, mas o exercício de perceber ênfases, levou o grupo-pesquisador a distingui-los:

MOVIMENTO no sentido de gerar ação, performances, registros;
PERCURSO como um território muito presente, um convite para andarilhar;
MEMÓRIA como um voltar-se para si e as lembranças do vivido;
PALAVRA que trazia o verbal como linguagem;
EU/NÓS envolvendo a ação individual e também coletiva;
MICRO/MACRO evidenciando tanto as subjetividades singulares como questões mais sociais e políticas.

Entretanto, se nossa pesquisa buscava compreender as diferenças e similaridades entre estudantes e também nas nossas práticas, como se revelou depois, era necessário selecionar as quais seriam replicadas, para que um maior número de vivências pudessem nos dar mais elementos para as análises. Assim, após votação, chegamos a cinco proposições:



A proposição **Arte/Corpo/Cidade**, perpassa as dimensões: Percurso, Movimento, Micro/Macro, Eu/Nós e Palavra. Foi encabeçada por Margarete Sacht Góes (UFES) com contribuições de Maria da Penha Fonseca (Faculdade Novo Milênio) e Veronica Devens Costa (SEME/PMV). Foi replicada em sete universidades nas cidades de Itajaí e Blumenau/SC, Brasília/DF, Santa Maria/RS, Vitória/ES e em Montevideu/Uruguai. A proposição está relatada também no artigo de Margarete Sacht Goes (2023).

Caminhando com Lygia Clark, na dimensão Percurso e Movimento, foi criada por Mirian Celeste Martins (UPM) e replicada em dez universidades nas cidades de Pernambuco/PE, Taubaté, Ribeirão Preto e São Paulo/SP, Brasília/DF, Santa Maria e Ijuí/RS, Montes Claros/MG, Neiva/Colômbia.

Duas proposições se uniram para formar **Das memórias musicais aos movimentos: vivências (im)pensadas para o corpo**, sob as dimensões de Memória, Movimento e Palavra. Memória musical foi proposta por Jéssica Makino (USP, Ribeirão Preto) e Vivências impensadas para o corpo pela professora Adrienne Ogêda Guedes e integrantes do grupo Fretas, Priscila Menezes, Virna Bemvenuto, Carolina Cony, Michelle Freitas, Luciana Quintal (UNIRIO). Foi replicada cinco vezes em universidades nas cidades de Itajaí/SC, Guanambi/BA, Rio de Janeiro/RJ, Joinville/SC e Campinas/SP.

Percurso-sentido, envolvendo as dimensões Percurso e Movimento foi proposta pela prof. Daniela Schneider e participantes do Grupo de Estudos e Pesquisa afee! Arte, Formação e Experimentações Estéticas: Lívia Lempek, Rafaela Monteiro Alves, Mariana Silva e Isadora Brum (FURG/RS). Foi replicada duas vezes nas universidades nas cidades de São Paulo/SP e Montes Claros/MG.

Todas elas foram replicadas outras vezes e em outras universidades e continuam a ser, mas para esta publicação, foram apenas analisadas as vividas até o dezembro de 2023, quando foram apresentadas no II Simpósio Internacional de Formação de educadores com e em Artes/Culturas. Entretanto, durante o III Simpósio em 2024, de modo híbrido, foi vivenciada a proposição Saber de Cor, que também havia sido selecionada.

Saber de Cor envolve as dimensões Palavra, Micro/Macro, Eu/Nós e Memória e foi proposta por Vinícius Stein e João Paulo Baliscei (UEM). Aconteceu de modo híbrido e veio de encontro com uma de nossas preocupações: como seria uma pesquisa com estes procedimentos metodológicos em cursos à distância?

As fotografias ganham na pesquisa artográfica um lugar especial. Imagens são ideias, como nos ensinam Viadel e Roldán (2017), pois expressam conceitos. Neste sentido, em uma de nossas reuniões tivemos a presença de Olga Egas que nos falou de sua pesquisa (Egas, 2017) e do pensamento visual que ronda o nosso modo de não só registrar, mas poder “falar mais” por meio das fotografias.

Enquanto vivíamos estas proposições, percebemos a necessidade de gerar uma diagramação comum para que todas as proposições pudessem ser analisadas, com estreito diálogo entre palavra e imagem. Nesta perspectiva, desobedecemos a ABNT, colocando as legendas de todas as imagens ao final de cada capítulo, seguindo a ordem de sua apresentação. A leitura primeira há de ser pela imagem e não pela legenda!

Assim, foi estabelecido que o texto de cada proposição iniciaria com três imagens sínteses, como imagens-chave seguidas do título e de um pequeno texto também síntese sem ter as normas de um resumo. E assim seguiria o texto com o entrelaçamento de palavras e imagens.

Lutiere Dalla Valle (UFSM/RS) foi o grande idealizador da diagramação. Ana Paula Abrahamian (UFRPE/PE) imprimiu e trouxe para a São Paulo para nossa primeira visão coletiva no II Simpósio. Um movimento que testemunha que fronteiras não são empecilhos para um trabalho colaborativo. Foi neste II Simpósio, com a participação online de Virginia Kastrup, que iniciamos as análises coletivas de cada uma das proposições. O foco era perceber o que emergia dos relatos das proposições, cujas análises estão no volume 2.

O que vocês lerão nas páginas seguintes são as proposições e suas replicações complementadas por todas as demais proposições que foram criadas e que podem continuar a provocar ações poéticas e artísticas em cursos de Pedagogia, mas não só.

As análises, assim como a apresentação mais detalhada dos processos e procedimentos da pesquisa, compõem o volume 2 e reforçam a circularidade entre estes dois volumes.

Como a menina que sobre na cadeira para ver através, nos unimos para ver melhor. Crescemos coletivamente pesquisando sobre as bagagem artística/cultural de estudantes, articulando processos de criação, formação/reflexão e pesquisa em ação. O caminho espelha a posição de pesquisadores/as, professoras/es e artistas criadores/as inseridas/os na perspectiva artográfica.

Vamos no caminho oposto do menino castigado em *Foi assim que me ensinaram*, obra de Flávio Cerqueira de 2011, porque o horizonte nos chama para continuar a ver através, como em *Horizonte infinito*, de 2013, no menino posicionado justamente para ir além...



Seguimos alimentados pelo esperar de Paulo Freire, pois confiamos na força da criação de cada estudante que se dispõe a viver como um sujeito ex-posto à experiência, como alerta Larrosa (2002). Acreditamos na potência que se desvela quando espaços e tempos se tornam lugares de criação. E na ousadia e coragem de quem pesquisa, é docente e deixa que a arte seja seu modo de ser.

Imagens

1. Flávio Cerqueira. *No meu céu ainda brilham estrelas*, 2023, detalhe. Fotografia de Mirian Celeste Martins no CCBB/SP, fevereiro de 2025.
- 2, 3 e 4. Flávio Cerqueira. *No meu céu ainda brilham estrelas*, 2023, sala da exposição no CCBB. Fotografias de Mirian Celeste Martins no CCBB/SP, fevereiro de 2025.
5. Flávio Cerqueira. *No meu céu ainda brilham estrelas*, 2023, detalhe. Fotografias de Mirian Celeste Martins no CCBB/SP, fevereiro de 2025.
6. Cartografia da Pesquisa “Formação docente com e em artes/culturas indicando as cidades dos pesquisadores envolvidos. Disponível em:
<https://padlet.com/miriancelestemartins/pesquisadores-6otgmgz34f89q1ex>
7. Lygia Clark em *Caminhando* (obra, 1963). Disponível em:
<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>
8. Rizoma das dimensões presentes nas proposições criadas.
9. As cinco proposições selecionadas posicionadas no rizoma das dimensões.
10. Flávio Cerqueira. *Foi assim que me ensinaram*, 2011. Fotografia de Mirian Celeste Martins no CCBB/SP, fevereiro de 2025.
11. Flávio Cerqueira. *Horizonte infinito.*, 2013. Fotografia de Mirian Celeste Martins no CCBB/SP, fevereiro de 2025.

Referências

- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (org.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia. Santa Maria: EdUSFM, 2013.
- EGAS, Olga Maria Botelho. Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamento na formação docente: a fotografia como construção do pensamento visual. 2017. 293 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- GAUTHIER, J. Z.. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 127–142, jan. 2004.
- GÓES, Margarete Sacht. Arte/Corpo/Cidade: itinerâncias imersivas em Arte e Educação nos centros urbanos. Revista Digital do LAV, Santa Maria, vol. 16, e23, p. 01 – 19, jan./dez. 2023 .
- ICLE, Gilberto (Org). Formação e processos de criação: pesquisa, pedagogia e práticas performativas. São Paulo: Editora Max Limonad, 2021.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, jan. 2002.
- MARTINS, Mirian Celeste. Rita Irwin: a a/r/tografia e a potência de encontros educativos como práticas artísticas. Revista Trama Interdisciplinar, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 17 – 28, 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/15338>. Acesso em: 6 mar. 2025.
- MARTINS, Mirian Celeste *et al.* Arte na Pedagogia: problematizando as práticas.. In: Anais do Simpósio de Grupos de Pesquisa sobre Formação de Professores do Brasil. Brasília(DF) Universidade de Brasília, 2021. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/ivsimposiodegruposdepesquisadeformacaodeprofessores/341662-arte-na-pedagogia--problematizando-as-praticas>. Acesso em: 6 mar. 2025.

MARTINS, Mirian Celeste *et al.* Proposições Artísticas como Provocação para Investigar Bagagens Artísticas/Culturais de Estudantes de Cursos de Pedagogia no Brasil. **Revista Portuguesa de Educação Artística**, Volume 13, Número 1, 2023.

MARTINS, Mirian Celeste *et al.* Bagagens artísticas/culturais e Paulo Freire na 34ª Bienal de São Paulo: mais Arte na Pedagogia. In: **Anais do XXX Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil**, 2021. Pelotas: UFPel, 2021. Disponível em:

<https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2023/09/Anais-XXX-ConFAEB-Pelotas-2021.pdf>.

Acesso em: 6 mar. 2025.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, Silvia. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – volume 2**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

VIDEL, R. M.; ROLDÁN, J. **Ideas Visuales**. Investigación basada em Arte e investigación artística. Visual Ideas. Arts Based Research and Artstic Research. Granada: Editorial da Universidad de Granada, 2017.



ARTE/CORPO/CIDADE

ARTE/CORPO/CIDADE

Dimensões: percurso movimento micro/macro eu/nós palavra

Proponentes: Margarete Sacht Góes (UFES); Maria da Penha Fonseca (Faculdade Novo Milênio); Veronica Devens Costa (SEME/PMV);

Obs: O/a mediador/a definirá previamente um local em sua CIDADE que seja potente de IMAGENS (bi e tridimensionais) e SONS (preferencialmente centro da cidade) e que tenham também APARELHOS CULTURAIS. Solicitar que os estudantes levem os seus celulares;

Formando grupos de cinco (5) estudantes para a caminhada no trajeto escolhido, escolher um integrante para o registro da Cartografia Afetiva “arte/corpo/cidade” mapeando, por meio de desenhando e/ou escrevendo, os caminhos percorridos (na rua, podendo adentrar em um museu/galeria caso desejarem) e o restante do grupo fará o registro fotográfico e dos sons. Lembrar de fotografar o que considerar arte; registrar imagens e objetos que causem estranhamentos, repulsa, alegria, reflexão, entre outros sentimentos e sensações; gravar no celular os sons provocam, irritam, acalmam, que trazem memórias afetivas, etc.

Ao voltar para a universidade, cada grupo compartilhará as imagens e sons, apresentando as Cartografias afetivas (desenho/escrita) e em roda de conversa compartilhar experiência vivida. Refletir coletivamente sobre como os espaços urbanos estão sendo ocupados? Como as pessoas se relacionam com as imagens/objetos/sons disponíveis nesses espaços? Como vêm a relação arte e cultura visual? Como compreendê-las/apreendê-las/acessá-las/lê-las? Se visitaram algum museu/galeria, arte urbana, monumentos, quais aproximações, quais distanciamentos perceberam? Qual a (im)potência de cada espaço? Você já tinha andarilhado pela cidade deste modo?

Ao final, registrar por meio de palavras ou desenho qual ou quais experiências estéticas e estésicas a Caminhada propiciou!



Arte/Corpo/Cidade

Corpo . Cidade . Errâncias . Deslocamento Formação de Professoras/es

Margarete Sacht Góes

Universidade Federal do Espírito Santo

Movimento, deslocamento... corpos que deambulam pelas cidades sem ver!
Corpos insensíveis às visualidades que importam e, muitas vezes, atentos a outras
que não importam, mas que formam e conformam o olhar! Corpos que
percorrem as cidades de forma aligeirada, confusa! Seguem o fluxo, outros
corpos, outros movimentos, sons! Corpos à deriva! Trajetos, caminhos fixos!
Corpos anestesiados, decididos a chegar, mas sem ver, ouvir e sentir o que as
cidades oferecem! (GÓES, 2023, p. 1).

Primavera, outubro de 2022. Sábado de sol, dia de praia...

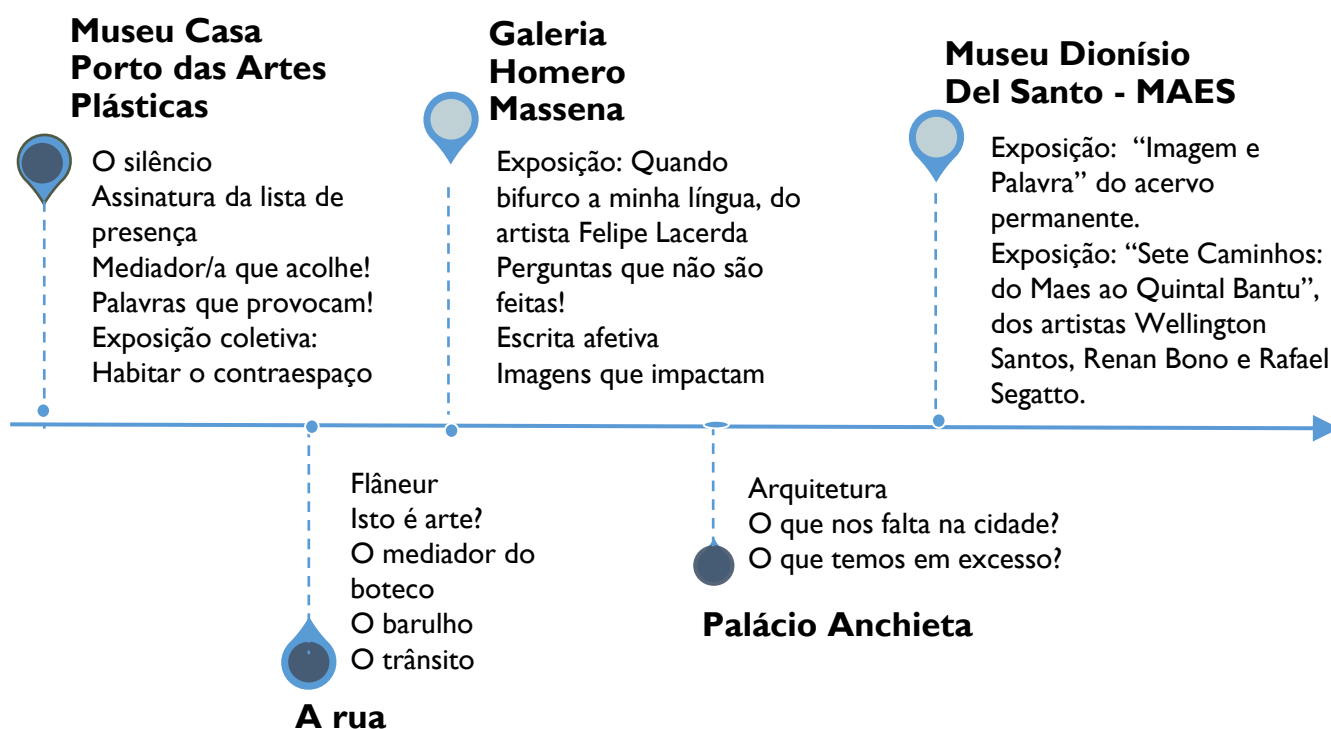
Quinze estudantes do 6º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo, juntamente com a professora da disciplina de “Arte e Educação”, marcam um encontro, ao meio dia, no Centro da cidade de Vitória/ES para caminhar! Mas não era uma caminhada de atividade física. O objetivo era vivenciar experiências estéticas e estésicas... E também, experiências éticas!

A atividade a ser vivenciada seria a partir do protocolo Arte/Corpo/Cidade, proposto pela professora da disciplina de “Arte e Educação”, que consistia, especificamente, em deambular pela cidade, saindo do Museu Casa Porto das Artes Plásticas até o Palácio Anchieta e, de volta ao museu. Os materiais oferecidos para a realização da proposição foram: papel chamex, prancheta, lápis grafite e canetas coloridas. Foi solicitado que trouxessem celulares. Inicialmente foram formados três grupos com cinco estudantes cada. Assim, algumas orientações se tornaram imprescindíveis para esse deslocamento: a primeira ação era caminhar pelas ruas do centro da cidade e que todas elas fotografassem o que considerassem arte, ressaltando que as imagens são dispositivos para a ação e reflexão pedagógica. Uma de cada grupo ficaria responsável pelos registros gráficos (cartografia afetiva) e outra, pelas gravações de vídeos e áudios.

Ao deambular pela cidade, era preciso registrar imagens e objetos que causassem estranhamentos, sentimentos bons, repulsa, alegria, reflexão... os mais variados sentimentos e sensações. Era preciso também registrar os sons que provocassem, irritassem, acalmassem, que trouxessem à tona as memórias afetivas...
(GÓES, 2023, p. 6).



O percurso que foi definido previamente __ Museu Casa Porto das Artes Plásticas até o Palácio Anchieta, com retorno para o Museu Casa Porto __ pode ser feito de diferentes modos, acessado por diversas ruas, possibilitando escolhas, diálogos, itinerâncias... Nesses deslocamentos, derivas e errâncias, era possível ver, sentir, ouvir, fazer conexões, aproximações, tensionamentos... O que é arte e o que pode vir a ser arte?





Deslocamentos . Derivas . Errâncias

Compreendemos que cada andança pelas ruas das cidades e pelos equipamentos culturais, quando realizados com intencionalidade de ver, olhar, observar, perceber, com uma escuta atenta e sensível, suscita perguntas, estranhamentos, sensações, desejos, pois são dispositivos para nos fazer sentir com todos os sentidos (GÓES, 2023, p. 3).





Importante que, [...] na formação inicial de professoras/es, a arte seja potencializada por deslocamentos pelos centros urbanos, pois as visualidades que compõem os repertórios artístico-culturais são constituídas nos mais diferentes e diversos locais de aprendizagem quando os corpos se sensibilizam para seu entorno e, ao se moverem, compreendem suas memórias, histórias e identidades culturais e reconhecem seu lugar na educação e no mundo (GÓES, 2023, p. 1).



Após a realização da proposição, já na Universidade, realizamos uma roda de conversa, inicialmente nos três pequenos grupos e, posteriormente, fazendo a partilha no grande grupo.

O compartilhamento da experiência vivida engendrou reflexões potentes, críticas, reflexivas a partir das Imagens (desenhos, fotografias e filmagens) e dos sons capturados por elas.

Três perguntas fomentaram as discussões:

Como os espaços urbanos estão sendo ocupados?

Existe um descaso com a população pobre. Os espaços foram abandonados pelos órgãos públicos.

Os espaços foram ocupados desorganizadamente quando a população rica saiu de lá. Existem muitos prédios abandonados e as pessoas estão morando na rua.

Os espaços estão sendo ocupados por artistas urbanos.

Existe um olhar de resistência e protesto dos artistas.

Percebemos uma reocupação/revitalização do centro da cidade.

[...] torna-se premente pensar a formação inicial de professoras/es constituídas a partir de dispositivos de mediação entre a arte, o corpo e o mundo em um diálogo profícuo com o lugar em que habitam (GÓES, 2023, p. 5).

Como as pessoas se relacionam com as imagens/objetos/sons disponíveis nesses espaços?

Muita gente parou para ver o que estávamos fazendo.

As pessoas que estavam na rua não tinham interesse pelas imagens e intervenções artísticas, elas começaram a olhar quando nós começamos a parar e fazer contatos visuais.

Nada chama atenção para as pessoas que estão na rua caminhando, existe uma invisibilidade... as pessoas não entenderam porque estávamos fazendo foto da escadaria.

A formação estética de professoras e professores, é, ou deveria ser, um direito fundamental, imprescindível, em que o acesso aos bens culturais integrasse os currículos e as formações de maneira contundente, com o intuito de tornar os sujeitos mais críticos e criativos (GÓES, 2023, p. 2).

Como percebiam a relação entre a arte e a cultura visual. Como compreendê-las/apreendê-las/acessá-las/lê-las?

Arte como protesto.

As imagens da cultura visual que circulam nas cidades com olhar crítico.

A arte é algo individual, cada um tem uma interpretação.

Existe uma poluição visual por isso muitas pessoas acham que arte urbana não é arte.

A cultura visual é uma questão de alfabetização. Nós estamos sendo alfabetizadas/sensibilizadas a ver e a compreender.

Deambular pelo centro da cidade: potências e (im)potências

Potência...

Falta de mediação em alguns espaços expositivos.

Antes de cursarmos a disciplina não procuraríamos o mediador para conversar. Não temos cultura de ir nesses espaços, não fomos criadas pra isso. É uma ruptura que temos que fazer. Tipo... pode perguntar? Que tipo de pergunta eu faço?

Como não valorizamos o que é gratuito: Tudo de graça vazio e no Van Gogh pago, está cheio!

Precisamos valorizar as artistas e os artistas locais (seja na rua ou nos museus).

(Im)potência...

A divulgação das exposições acontece em uma bolha. Fica restrito a um público específico.

Museus e galerias é pra gente rica!

Os espaços tem muita potência, mas a impotência é essa falsa aparência de que é um ambiente inacessível.

O que ressoa na vida e na formação dessas estudantes a partir dessa deambulação e sensibilização pela cidade? Que ou quais bagagens artísticas e culturais elas acumularam? E os afetos em relação à arte, à cidade e aos corpos que por ela transitam? Que ou quais marcas essa experiência transpassará os processos de criação dessas estudantes, futuras pedagogas e pesquisadoras? Por meio das narrativas das estudantes, foi possível compreender que as visualidades que compõem os repertórios artístico-culturais são constituídas nos mais diferentes e diversos locais de aprendizagem, mas para tanto, é preciso provocarmos todos os sentidos dos nossos corpos e a arte é um dispositivo único para ativá-los!

Lista de imagens:

1. Autora (2022). Deslocamento. Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais.
2. Autora (2022). Cartografias afetivas. Par fotográfico composto por três fotografias digitais feita pelas estudantes dos Grupos 1 e 2.
3. Autora (2022). Isto é arte? Foto-ensaio composto por três fotografias digitais feita pelas estudantes dos Grupos 1, 2 e 3.
4. Autora (2022). A lista. Par fotográfico composto por duas fotografias digitais feita pelas estudantes do Grupo 3.
5. Autora (2022). Olhar embaçado. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais feita pelas estudantes dos Grupos 1, 2 e 3.
6. Autora (2022). Errâncias e Narrativas. Par fotográfico composto por duas fotografias digitais feita pelas estudantes do Grupo 1.

Referências:

GÓES, Margarete Sacht. Arte/Corpo/Cidade: itinerâncias imersivas em Arte e Educação nos centros urbanos. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. XX, eX, p. 00 - 00 – jan./dez. 2022 ISSN 1983 – 7348 (no prelo).

MARTINS, Mirian Celeste. De ponta-cabeça: descobrir percepções sensíveis pelos olhos de aspirantes a professores. Revista GEARTE, [S. l.], v. 8, n. 2, 2021. DOI: 10.22456/2357-9854.117500. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/117500>. Acesso em: 30 maio. 2023.

Estudantes participantes do 6º Período do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFES-2022/2:

Alana Souza Santos, Anna Clara Locatelli Sant Anna, Carolina Bernado dos Santos, Cristina Oliveira da Silva, Franciely Souza Nascimento, Isabela de Oliveira Rodrigues, Isadora Menezes Santos, Juliana Pereira Mendes, Kethilla Marroqui do Nascimento, Lethycia Nascimento Sampaio, Leticia Morello Pinho, Lorena Pio da Silva, Luiza Domingues Viana, Lyriellen de Almeida Serafim e Thais Tome de Souza Silva.



CARTOGRAFIAS AFETIVAS: Arte. Corpo. Cidade.

Proposições estéticas. Arte.
Formação de professores em arte.

Adair de Aguiar Neitzel, Isleide Steil, Mônica Zewe Uriarte,
Cleide Pareja, Janete Nhoque
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Onde você mora? Que lugar você habita?

Morar implica saber o que existe se olhamos pela janela. Reconhecemos os cheiros do espaço
que habitamos como os felinos ou caninos que nos rodeiam?

Entendendo que a experiência estética mobiliza saberes importantes para a formação dos licenciandos, sopramos uma brisa nesta direção, ao eleger uma proposição estética para ser experienciada com nove acadêmicas do curso de Pedagogia, do segundo período noturno, na disciplina de Educação Musical, da Universidade do Vale do Itajaí. A ideia é que elas explorassem os artefatos culturais de nossa cidade, Itajaí (SC), com o propósito de exercitar seu olhar poético na apreciação dos objetos artísticos, pois este movimento pode potencializar a reflexão sobre si e seu entorno, além de práticas pedagógicas significativas. Acompanharam as acadêmicas três pesquisadoras, sendo uma delas a professora regente da turma.



Arroyo (2008) defende uma estética do magistério cotejada pela arte, conceituando-a como um saber-fazer que está prenhe de dimensões artísticas, poéticas, lembrando que a docência também é espaço de poesia, de fantasia, de afetos e de invenção, sem apartar a experiência estética das ações cognitivas e da vida.



Com o objetivo de explorar o que é percebido e o que foi vivido como bagagem artística/cultural por estudantes do curso de Pedagogia, iniciamos nosso percurso pelo centro da cidade de Itajaí, SC, perambulando por ela. A proposição consistia em caminhar pelas ruas da sua cidade, em grupos, fotografando o que consideravam arte, registrando imagens, objetos e sons que causavam estranhamentos, sinalizando suas percepções e sentimentos neste percurso.



A sala de aula nesta proposição desloca-se. Não é mais aquela de quatro paredes dentro de um bloco no campus universitário. A cidade educa e buscamos nela outros cenários que poderiam educar. O que se aprende ao caminhar pela cidade? Para discutir o percurso cartográfico das estudantes, vamos tomar de empréstimo o arranjo proposto por Martins e Demarchi (2016) seguindo os três movimentos: o sensorial, a provocação, a interação.

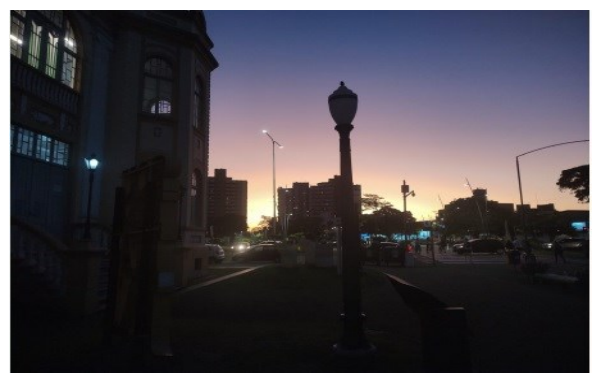


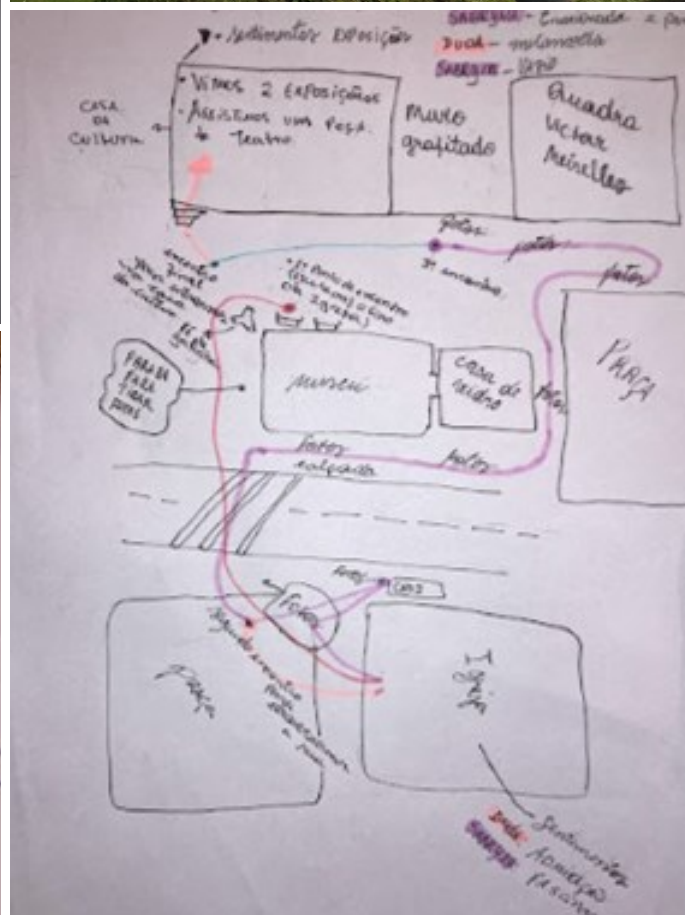
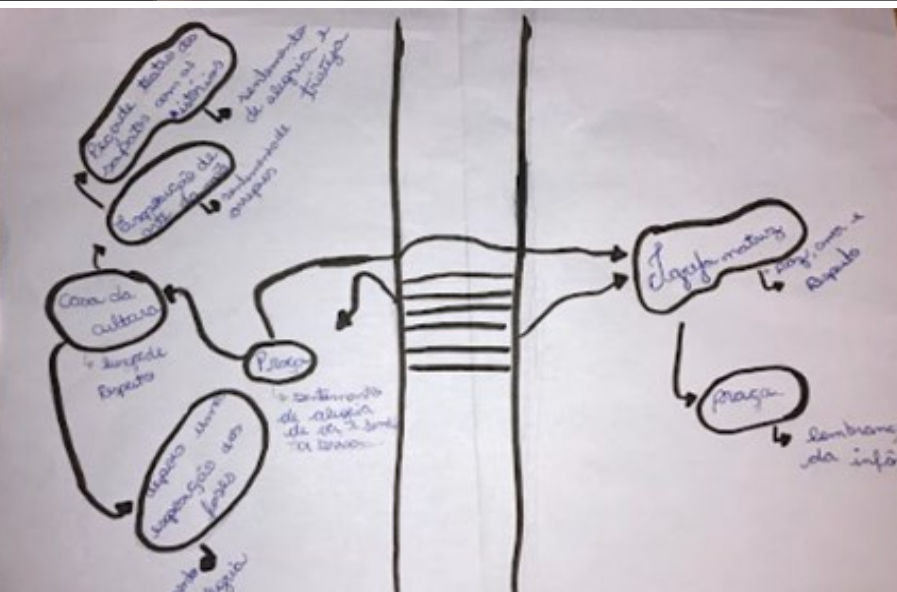
O SENSORIAL: UM CONVITE

Neste percurso, as estudantes destacam a arte em um ponto turístico da cidade: a Igreja Matriz. O grupo 2 destaca que a construção lá estava, diante de seus olhos. Passavam por ela cotidianamente, mas não paravam para admirá-la. Não habitavam aquele espaço, eram apenas passageiros.

Entendemos que esse exercício de educação do olhar pode tirá-los da anestesia quando são instigadas a conhecer mais, investigar os objetos, percebê-los e manter com eles uma relação de proximidade, e talvez, neste movimento possam fazer uma experiência, no sentido atribuído por Heidegger (2015). Quais são os afetos impressos no corpo dessas estudantes e adormecidos pela rudeza do dia a dia, que foram acordados nesta ação noturna?

“[...] a fotografia ‘diz mais’ quando utilizada poeticamente para ‘dizer’ das coisas da vida”
(Egas, 2017, p. 135)







A PROVOCAÇÃO: UM ITINERÁRIO CULTURAL VAI SE DELINEANDO

Nos encontros com a arte, o grupo 1 narra que o Museu Histórico chamou atenção pela arquitetura, revelando um encantamento com a torre do prédio, enquanto que o grupo 2 observa que tiveram sensações de estranhamento frente a mesma arquitetura, tendo em vista a sua composição, uma construção que abriga ao mesmo tempo uma arquitetura mais antiga e outra mais moderna, evidenciando dois tempos distintos no mesmo espaço. Diante dos pés de galinha que se encontrava em frente ao Museu, há estranhamentos: “Foi um artista que fez? É uma obra de arte?” Martins e Demarchi (2016, p. 136) lembram o mote da 4ª Bienal do Mercosul, em 2003, em Porto Alegre: “a arte não responde, pergunta”. Ao ladear o Museu Histórico, encontram o muro de grafite que também os provoca: a arte pode ser percebida na arquitetura clássica assim como no grafite, na arte de rua, a qual foi associada à voz da rebeldia.



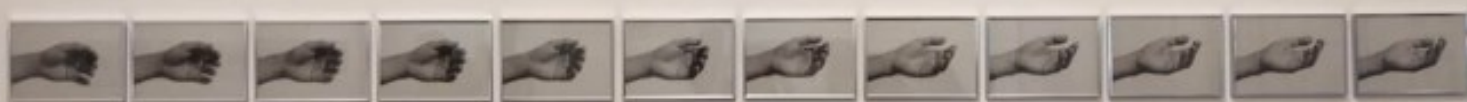


A INTERAÇÃO: ARTE E A VIDA SE INTERPENETRANDO

O percurso segue da Igreja Matriz ao Museu Histórico, deste ao muro de grafite para a Casa da Cultura Didi Brandão. Portas e janelas abertas para duas exposições de artes visuais: Palavra cinza, de Kim Kauã Cunha Coimbra e Nossa Alma, de Mariana Ferret. Além das artes visuais, a peça teatral Bio – Círculo da Vida, apresentada pelo grupo Metamorfose Cia Cênica, e apresentações musicais compunham a cena artística da experiência estética nesse local.

Sentimentos de estranhamento nas exposições, principalmente a de Kim Kauã porque era uma exposição que conjugava artes visuais com a narração do artista, que repetia um roteiro gravado em um canto da sala, demarcando uma exposição, conforme ele, introspectiva. A mediação dos artistas as ajudou na interação com as obras, mediação que se deu no encontro.

“Essas aulas fora da universidade são sobre a vida” (grupo 3).



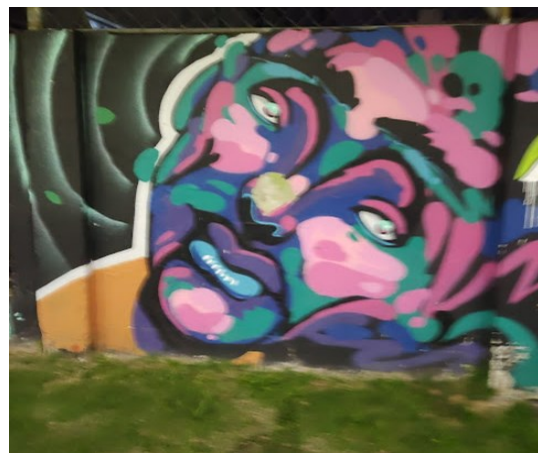
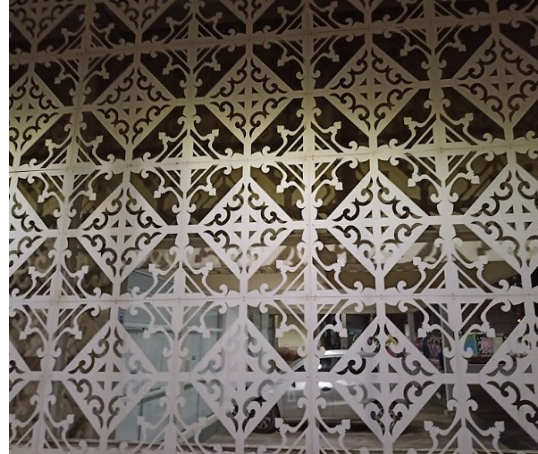
E no final do percurso...

As acadêmicas fizeram o exercício poético de enxergar a arte na cidade e neste movimento aguçaram sua percepção. Ao se debruçarem sobre as marcas culturais da cidade, este grupo amplia sua visão acerca da arte, passando a perceber que ela interfere no espaço urbano. Sem explicações, as mediadoras acompanharam o grupo e observaram suas narrações.

A provocação estava posta: nesse andar sem a pressa do cotidiano, a arte pode ser percebida na arquitetura clássica assim como no grafite, na arte de rua ou ainda na Casa da Cultura.

Elas mostraram desconfortos diante de objetos de arte que se encontravam na Casa da Cultura e mobilizaram-se para com eles interagir, surpreendendo-se.

O que nos leva a pensar sobre este movimento de ver, escutar, farejar, sentir? Que ele pode ser a porta de entrada para o pensamento sobre a vida que nos cerca, nos levando a habitar nossa cidade e a refletir sobre como produzimos arte. Os objetos estéticos podem potencializar a aprendizagem, quando não são apartados da vida.



Lista de imagens

O material fotográfico é de autoria das acadêmicas, organizadas em três grupos. Cada grupo fez a curadoria do material fotográfico aqui exposto. Os nomes das acadêmicas não serão identificados, em respeito à resolução do CONEP Nº 510/2016 e Nº 674/2022.

Referências

ARROYO, Miguel González. Uma celebração da colheita. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. (org.). A escola vai ao cinema. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 125-133.

EGAS, Olga Maria Botelho. Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamentos na formação docente: a fotografia como construção do pensamento visual. Tese de doutorado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2017.

HEIDEGGER, Martin. Caminhos da linguagem. Tradução Marcia Sá Caval_x005F_x0002_cante Schuback. 7ª Ed. Petrópolis; Bragança Paulista, 2015.

MARTIS, Mirian Celeste; DEMARCHI, Rita de Cássia. Educação como matéria-prima e mediação cultural: entreS' experiências. Revista Matéria-Prima. Vol. 4 (3), 2016, P. 128-138.



Pelas ruas de Blumenau: o que registra um grupo de Pedagogia Arte. Corpo. Cidade

Carla Carvalho, Caroline Carvalho, Patrícia Gonçalves Jorge
Universidade Regional de Blumenau - FURB

*Noite perdida, não te lamento:
embarco a vida*
Cecília Meireles

O que se percebe à noite numa cidade?

Como a cidade funciona à noite?

Quais percursos são possíveis na calada da noite? Ela é calada ou é movimentada, barulhenta? Quais seus sons? Suas cores? Seus cheiros? O que acontece à noite?

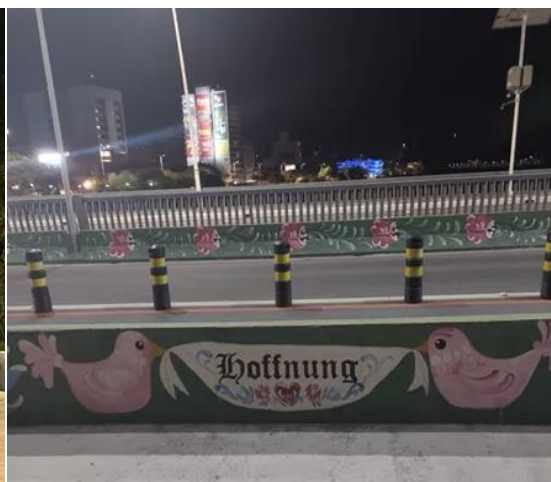
Nos encontramos à noite, pois é nesse período que nossas aulas acontecem e nos permitimos pensar e viver a condição de sermos estudantes e professoras depois de um dia de trabalho.

O encontro é sempre um misto de um dia cheio de atividades com a expectativa de uma noite na qual o cansaço não supere o desejo do encontro, de estar junto. A cada encontro um acontecimento, neste fomos para andar pela cidade.



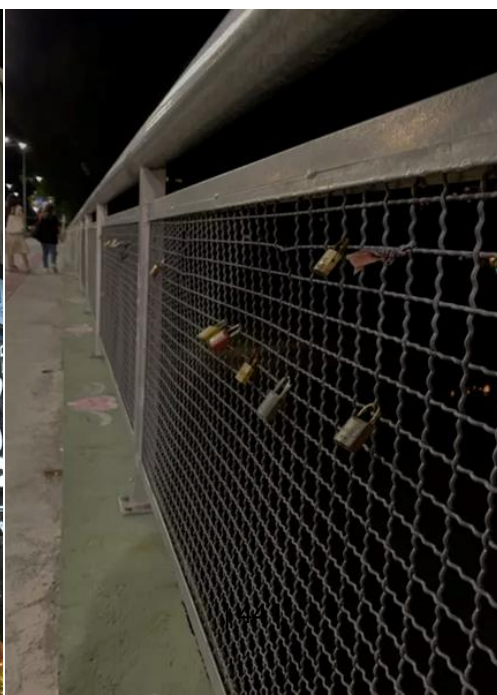


Nos acolhemos ao pé da Torre da Igreja Matriz da cidade. No mapa você pode ver a localidade. Assim como a torre, o Castelinho disputa olhares para os espaços turísticos da cidade. Os estudantes registram o que conhecem, o que percebem, o que os mobilizam. Saem pela cidade em pequenos grupos, fazem seus registros e os partilham por intermédio da plataforma Padlet, nos provocando com cada detalhe registrado. Compreendemos que os celulares (as máquinas fotográficas) registram o que os atravessam no percurso da experiência (Larrosa, 2016).





As fotografias nos provocam a pensar o que vimos na calada da noite, o falso silêncio que toma conta das ruas, os carros diminuem os ruídos, no entanto se ouvem com mais cuidados os passos, as vozes, os outros sons da cidade. Observam-se as pessoas sozinhas ou noturnas... Observa-se o que se ilumina na cidade... e o que se esconde.... Cidade de contrastes. No percurso, os estudantes indicaram percepção de paisagens pouco vistas. Notamos que “pequenos deslocamentos como esses podem gerar novas percepções dos outros, de nós mesmos e do mundo que habitamos” (Martins, 2005, p. 11).





Vimos nas imagens uma cidade que emana saudade e a relação com a Alemanha, lembrando nossa condição de colônia.

Ainda podemos perceber os traços do que se abre para a produção artística que vive e convive com a cidade nos muros, nas paredes entre o grafite, os murais e o picho.

Percebemos nas fotografias o que recebe a luz noturna, e por vezes não está iluminado. No entanto, convivem e tencionam modos de ser e viver na cidade.

Percebemos ainda que corpos dos estudantes percebem e marcam essas relações em suas imagens. Provocam-nos com as visualidades da cidade marcada por uma ideia de religiosidade, local central da cidade; pela arquitetura tradicional, presente nas ruas centrais; pelos pontos turísticos e históricos em vários registros; ao mesmo tempo em que trazem moradoras do rio, como as capivaras, que se tornam invisíveis durante o dia; as manifestações da arte como o grafite e o picho, em paredes, ou ainda na concha acústica da cidade, local em que acontecem encontros de batalhas de hip hop (conhecidas como a Batalha da Prainha), ou ainda as imagens de si no contexto da cidade.

Andar pela cidade nos mobiliza, nos provoca.

Andar pela cidade à noite nos coloca em situação de estar aberto e preparado para o encontro, para o vento e a viagem, para tudo o que é possível na noite... No encontro com a cidade nos sentimos como no poema...

é tudo vento...

Ai da alvorada! Noite perdida,

Noite encontrada...

Cecília Meireles

Lista de imagens

- Figura 1 – Pés sobre as ruas da cidade. Registro grupo 3. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 2 – Estudantes diante de espelho convexo. Registro grupo 1. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 3 – Pés sobre piso tátil. Registro grupo 2. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 4 – Mapa turístico da cidade de Blumenau. Fonte:
<https://dicasdonosso brasil.com.br/blumenau/mapa-turistico-de-blumenau/>.
- Figura 5 – Registro do grupo no início do percurso. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 6 – Cartografia grupo 2. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 7 - Cartografia grupo 1. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 8 - Cartografia grupo 3. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 9 – Torre da Igreja Matriz. Grupo 1. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 10 – Castelinho, em arquitetura tradicional alemã. Grupo 2. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 11- *Baco “Vapor Blumenau”*. Grupo 2. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 12 – Registro de arte urbana. Grupo 1. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 13 – Concha acústica e arte urbana. Grupo 2. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 14 – Quadro abandonado. Grupo 1. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 15 – Ponte Adolfo Konder com arte tradicional alemã. Grupo 3. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 16 – *Restaurante “Moinho do Vale”*. Grupo 3. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 17 – Arquitetura típica alemã e arte urbana. Grupo 3. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 18 – Calçadão Brueckheimer. Grupo 2. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 19 – Vitrine com quadros. Grupo 2. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 20 – Cadeados na Ponte Adolfo Konder. Grupo 2. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 21 - Capivaras. Grupo 3. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 22 – Rua sendo lavada. Grupo 1. Fonte: dados da pesquisa.
- Figura 23 – Lasca de tinta de parede. Grupo 3. Fonte: dados da pesquisa.

Referências

LARROSA, Jorge Bondiá. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MAPA turístico de Blumenau. Dicas do nosso Brasil. Disponível em:
<https://dicasdonosso brasil.com.br/blumenau/mapa-turistico-de-blumenau/> Acesso em 20 de agos de 2023.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições Instigantes. In: MARTINS, Mirian Celeste (orgs). Mediação: provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes, Pós-Graduação. São Paulo, v. 1. n. 1. outubro, 2005.

MEIRELES, Cecília. Viagem. São Paulo: Global Editora, 2012.



Arte/Corpo/Cidade Cidade . Estesia . Afetos e Descobertas na Formação de Professoras/es

Paulo Bareicha
Tereza B. Salles Ramos
Universidade de Brasília

Leísa Sasso
Secretaria de Cultura e Economia Criativa
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Museu Nacional da República.
SECEC/SEEDF/MUN

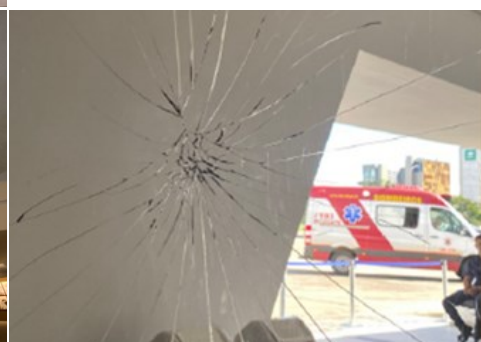
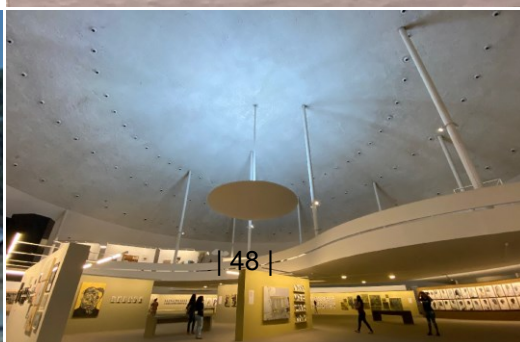
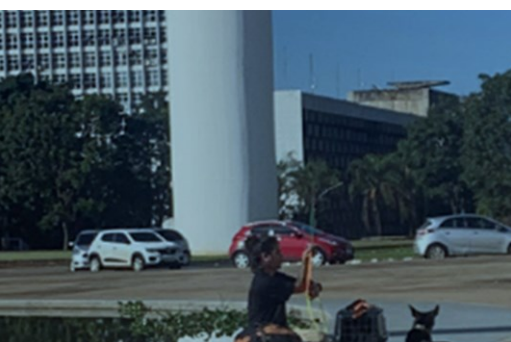
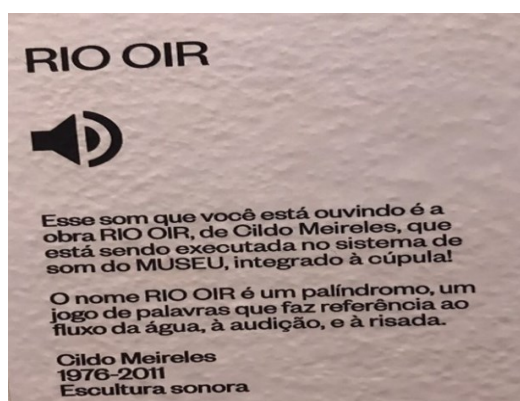
Naquele dia 28 de abril de 2023, nas primeiras horas da manhã, o sol já batia forte, anunciando mais um dia quente. No Museu Nacional da República (MUN), em Brasília, os professores artistas e pesquisadores Leísa, Tereza e Paulo aguardavam na Praça em frente ao Museu uma turma de 25 estudantes de Pedagogia da Universidade de Brasília que foram se reunindo aos poucos, em baixo da rampa de acesso principal. O Professor Paulo Sérgio Bareicha, titular da disciplina Educação em Artes chegou mais cedo, bem antes das 9h, hora da abertura do Museu, trazendo o café da manhã para as estudantes. “Elas chegam para a aula sem comer nada”, justifica. E assim, cria-se o afeto. E também a “comunhão” - comer junto, ele explica, com seu olhar de psicólogo e artista que “nessas ocasiões descobrimos as pessoas” que algumas não podem comer trigo, outras tem intolerância ao leite, outras não podem comer doce. “Uma boa oportunidade para a auto apresentação. Elas falam de si, seus limites, perspectivas, motivações”.

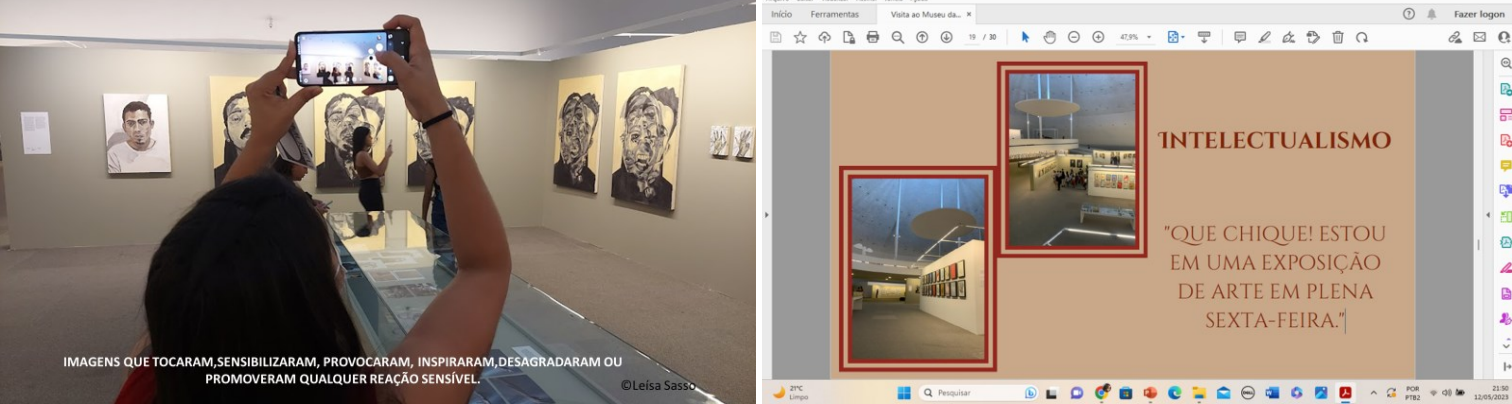


Algumas estudantes vieram de longe para essa aula no centro de Brasília. Moram em Formosa, Valparaíso, Santo Antônio do Descoberto no Estado de Goiás, outras vem das cidades satélites de Brazlândia, Planaltina, Sobradinho, Samambaia, Gama, Taguatinga, Guará. Algumas vieram de carro, não muitas. A maioria vive o “corre” da vida, gerindo o tempo no transporte público, com até 4 horas por dia dentro do “baú”. E ainda tem o estágio a R\$ 850,00 e um vale alimentação.

O protocolo

O protocolo Arte/Corpo/Cidade consiste em andar pelo centro modernista da cidade, visitar o museu e a praça fotografando, gravando, desenhando, anotando o que lhes chame a atenção, buscando arte e cultura em seus registros. Desta forma, foram orientadas a buscar algo que se relacione com suas vivências, inclusive aquilo que as houvesse afetado negativamente. Paulo manteve os grupos criados por afinidade na Universidade, em torno de cinco estudantes cada e todas fariam os registros dos sons, das imagens, vídeos, desenhos pelo celular. As imagens produzidas seriam compartilhadas posteriormente com a turma e com os pesquisadores. Foi explicado pelo professor o que seria uma cartografia afetiva da visita, para que tentassem identificar a arte, sons ou aquilo que poderia tornar-se obra de arte.





Morando há 5 anos em Brasília, Thuany relata que: *“foram tantas idas e vindas para a UnB, admirando apenas o externo do museu. Foi surpreendente entrar no edifício, conhecer o espaço amplo, a acústica particular, diferente de um museu de linhas retas. A forma como as exposições foram organizadas, seus vários níveis, enfim, viver a arquitetura e as obras foi uma experiência incomum”*. De fato, poucas estudantes já haviam entrado no Museu. Stephanie por sua vez, diz que *“a visita ao museu me tocou de uma forma que eu não esperava, as obras de Pedro Ivo Verçosa, foram as que mais me chamaram atenção, em especial a pintura que representava um ônibus do DF, onde era possível ver o cansaço estampado no rosto daqueles trabalhadores; e eu até consigo imaginar o som do motor, ver que esse ônibus está parado na rodoviária do Plano Piloto e é possível até sentir o cheiro do pastel que invade o terminal. Nesse momento, eu sou mais uma passageira desse ônibus, pois é dessa forma que me sinto em todo fim de tarde, cansada, sem ânimo e triste, já pensando no próximo dia.”*

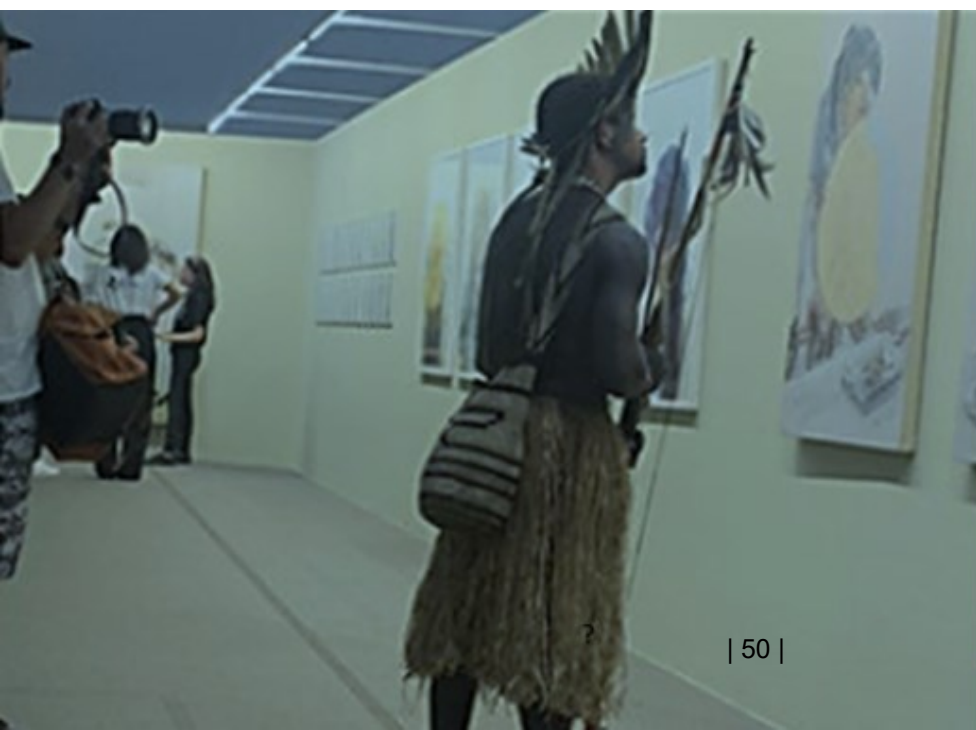
Pertencer ao Museu

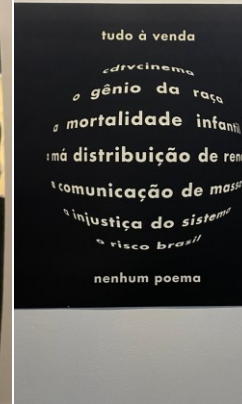
O Museu, por ser um espaço intelectual, pode distanciar as pessoas simples que não se julgam pertencentes à esse espaço imponente. Mas não é sempre assim. O que chamou a atenção de outro grupo foram os trabalhadores da limpeza do MUN observando o ônibus de Pedro Ivo. Thuany reitera que *“através das obras de Pedro, pude finalmente me sentir pertencente a algo, representada, já que toda exposição que fui, eram coisas bem distantes da realidade, ou pelo menos da minha”*. Ana Gabriela disse em seu relatório imagético que *“foi muito difícil definir um sentimento e uma foto”* correspondente pois *“eu senti um misto de sensações como cansaço, tristeza, rotina, dúvida e muitos outros sentimentos além da questão da felicidade de estar fazendo algo de diferente no meio da minha rotina”*.





Ah os afetos! Entre as imagens recorrentes que tanto os pesquisadores quanto às estudantes de pedagogia evidenciaram foi a visita de um indígena que foi fotografado por outros visitantes “*quase que como obra de arte no museu!*”. No segundo encontro no auditório do Museu as estudantes refletiram sobre a questão do pertencimento ao Patrimônio Cultural da Humanidade. Seria a arte contemporânea culturalmente acessível à toda a humanidade? Julia lembrou o aspecto político da obra “Desmonte” de André Parente e da exposição do acervo do MUN. “*Uma obra que me chamou atenção foi a da bandeira do Brasil, com o som do hino nacional com batida de funk. Achei uma boa representação do Brasil, o Brasil real, do povo, das comunidades. Outro ponto de destaque para mim foi conseguir ver política e sociedade nas obras. A arte é política, e muitas vezes isso é esquecido*”.



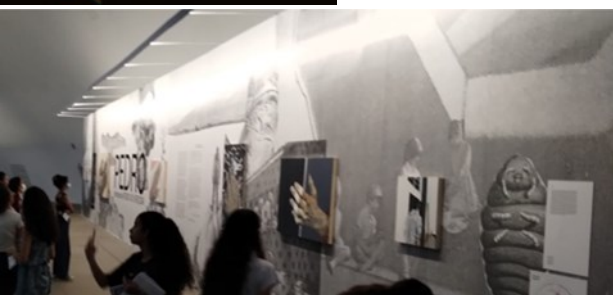


Museu Político

É Importante ressaltar que as estudantes vivenciaram um misto de sensações bastante contraditórias na visita do dia 28 de abril . Suas observações no nosso segundo encontro, marcado para o dia 5 de maio de 2023, revelou os olhares muito críticos da realidade brasileira.. Camila relata muito bem esse misto de sentimentos que experimentaram:

“Ao chegar ao museu, me deparei com uma imensa sensação de liberdade, visto que não tenho o costume de fazer tour por Brasília, com aquela vista. Ao caminhar um pouco ao redor, [...] comecei a refletir sobre o quão longe minha realidade estava daquilo. Caminhando um pouco mais, chegamos a realidade de Brasília, pessoas em situação de rua. Sentimento de raiva, poucos com muito e muitos com absolutamente nada. Quanta hipocrisia! Pouco abaixo temos o Ministério da Cidadania, mas, que cidadania é essa? [...] logo o encanto sumiu e aquela situação de liberdade se torna um caos! São sentimentos difíceis de serem expressos, mais difícil ainda é a situação em que as pessoas em situação de rua vivem”.

As estudantes chamaram a Cartografia de Afetos de experimento e discutimos o quão distante as pessoas estão da arte e da cultura museal. Marina disse que “as pessoas não consomem arte [...] apreciei muito trabalhar com esse lado sensorial, observador e foi muito enriquecedor dividir esse conhecimento com minhas colegas e mestres [...] me causou muitas reflexões sobre mim, sobre a arte, sobre a vida, sobre políticas públicas e sobre autonomia”



PRIMEIRA VEZ NO MUSEU

A experiência foi muito rica, eu nunca tinha ido ao museu, então essa foi a primeira vez. A partir daí eu já pensei o quanto essa experiência foi importante para ampliar meu pensamento como futura pedagoga de que, proporcionar às crianças visitas a museus e outros espaços culturais é de extrema importância.



Pedagogia e Estesia

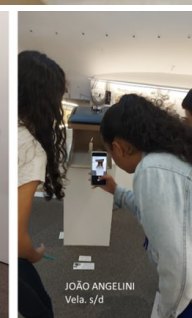
Todas as estudantes agradeceram a oportunidade da vivência e por experimentarem outras possibilidades pedagógicas e estesias fora da sala de aula. Marina fotografou uma planta saindo do concreto e



“aquelas plantinhas continuavam resistindo [...] pensando que a arte é o que me tira do automático, refleti muito sobre mim, sobre minha rotina, sobre como estou frequentemente no automático, trabalhos, faculdade, projetos, enfim [...] quando vi a plantinha surgiu o sentimento de que eu deveria ver mais beleza nas coisas, mesmo que o resto esteja cinza”.

A foto que provocou estesia em Marina pode ser considerada arte? O que é arte afinal? Não importa o que é a arte? Para que serve a arte? A arte é indispensável? A arte é inútil? A cultura manipula os sujeitos? Não existe o mau gosto? Tantas questões surgiram a partir da foto do chão e da planta que resiste. Questões que também são provocações levantadas pelos pesquisadores para aprofundar as reflexões, as pesquisas futuras e para a compreensão de que para muitas questões não existem uma única resposta correta.

Para a educação em arte, o que falta? O que eu preciso saber ou experimentar? A arte pode servir a pedagogia? Porque? Muitas questões foram postas para que a reflexão perdurasse entre as estudantes. Rafaela afirmou que “o Museu é uma obra de arte, tanto na parte interior quanto na parte exterior porque é lindo de se ver e admirar”.



Gabrielly concordou e completou que “o Museu é algo tão diferente, uma estrutura tão incomum no nosso cotidiano, mas ao mesmo tempo tão linda. Quando se pensa que dentro há tanta cultura de diferentes mundos e realidades me trouxe um impacto muito grande”. Mas, o que é belo para você é belo para todas? É a partir do consenso de belo que um objeto é considerado arte? É cultura visual? Dewey disse que “A vida fornece as fontes da experiência estética; a energia, a prontidão, toda essa vitalidade é gerada pela troca ativa e alerta com o mundo. A experiência é a arte em estado germinal”(2010, p. 84). Mas, apenas duas estudantes haviam visitado o museu antes daquele dia, Museu como “não referência” para as estudantes de pedagogia. Como bem disse Renato Mattos, poeta *Kãdãgo*, em seu reggae, “A Samambaia não conhece Niemeyer”.

Referências:

BONDÍA LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan-abr, p. 20-28. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Educação. 2002.

DEWEY, John. Arte como Experiência. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

IRWIN, Rita. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.





Memória e Território: olhares de licenciandos/as da Pedagogia Indígena Xokleng sobre a cidade

Caroline Carvalho
Fransuê Ribeiro
José Inácio Sperber

Universidade Regional de Blumenau - FURB

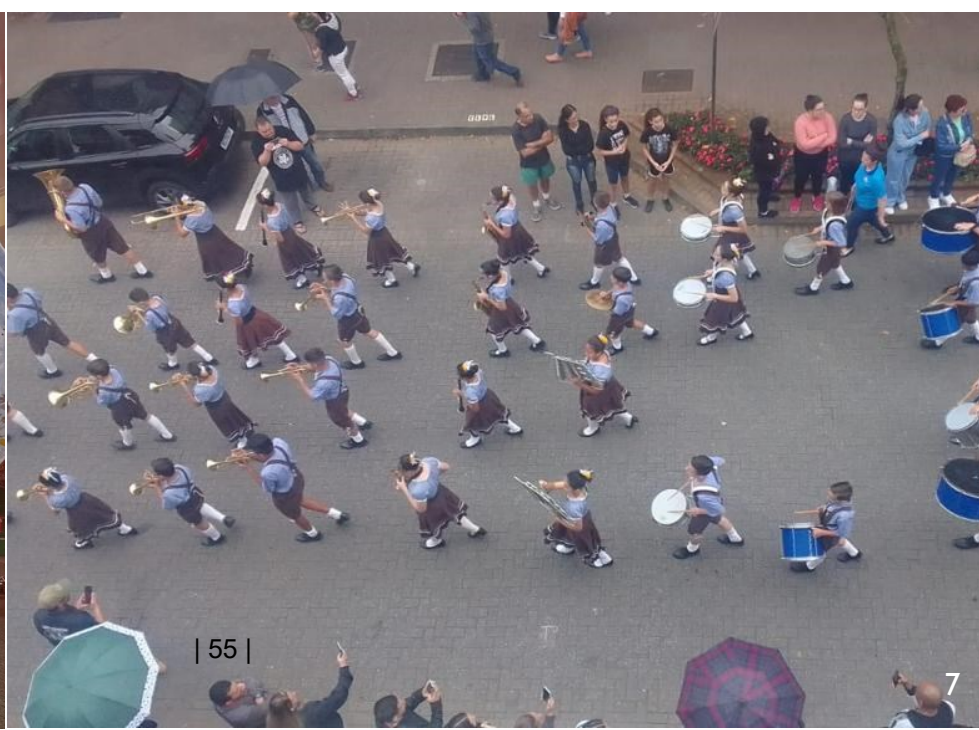
"O que afeta vocês?"...

...pergunta uma professora universitária no centro da cidade de Blumenau (SC).

Era uma manhã chuvosa de 02 de setembro, aniversário da cidade. Pouco tempo antes da provocação soar aos ouvidos dos estudantes, presentes embaixo de uma marquise para se abrigar da chuva, acabara de acontecer na "XV de novembro", rua central que corta a cidade, o tradicional desfile de aniversário de Blumenau. Grupos folclóricos, ONGs, associações, bandas e fanfarras de escolas do município atravessam aquele território ao som de marchas e músicas germânicas. Da calçada eram observados por olhos não alheios àquela terra: os estudantes do componente de Ética, Estética e Formação Docente do curso de Pedagogia Indígena Xokleng ofertado pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB.



Marcada pela passagem do povo originário indígena da etnia Laklãnō Xokleng, Blumenau é "vendida" para fora dos muros do "Vale Europeu" como uma das cidades brasileiras em que a cultura alemã ainda é preservada, mantida, salvaguardada por seus habitantes. Diante disso, como educadores, artistas e pesquisadores, cabe a nós perguntar: a cidade da festa tradicional alemã no Brasil, a Oktoberfest, não é habitada por outros corpos? Que cultura alemã é cultivada no imaginário deste povo? Qual memória é preservada nos museus e instituições públicas? Que afetos marcam os corpos outrora livres neste território, hoje colocados às margens do discurso e das ações oficiais deste município?





8



| 56 |

9

Em uma das fotografias realizadas por um estudante é possível observar a apropriação cultural, ele registra o abre alas da escola de samba de Blumenau com penas e cores que remetem à cultura indígena, que segundo seu discurso verbal, proferidos no momentos de partilha das imagens com o grupo, na FURB, refrata angustia, mas não surpresa. Após o desfile, caminhamos pela rua "XV de Novembro", que esvaziava-se, em dado momento os estudantes aproximaram-se de uma indígena da etnia Guarani que vendia artesanato na calçada frente a uma farmácia, conversaram sobre sua etnia, e realizaram algumas fotos neste local. Frente a estas imagens, percebemos que enquanto a escola de samba levanta uma narrativa alegórico e fantasiosa sobre os povos originários, a realidade dessas pessoas na contemporaneidade blumenauense passa despercebida por muitos que habitam a região. Esta situação diz respeito às diferenças entre os modos de ser e viver, às relações de poder que exotizam o corpo indígena na "cidade loira", como mencionam Busarello e Hinkel (2016). A limpeza da rua, o rio e a ponte que passa sobre o rio, retratadas nas imagens a seguir, refratam as relações afetivas dos estudantes da etnia Laklãnõ Xokleng, sua história e o que observam enquanto caminham pelo centro da cidade de Blumenau, um passado de descaso e um presente de luta.







15



16



17

Ao final de nosso percurso pelo centro de Blumenau, chegamos ao Mausoléu, local no qual encontra-se o túmulo do Dr. Blumenau, bem como de outros alemães que acessaram Blumenau pelo Rio Itajaí Açu, em meados do século XIX. Em volta dos túmulos, havia um grande círculo formado por coroas de flores em nome de vários órgãos municipais e internacionais, em homenagem aos "fundantes" da cidade e suas famílias. Em grande grupo, sobre o Mausoléu uma das estudantes relata: "Nós acreditamos na espiritualidade... Eu precisava sair dali, porque eu estava com medo que meu espírito ficasse preso naquele lugar". Vale mencionar que os estudantes não realizaram nenhuma fotografia naquele espaço.

Compreendemos que o discurso verbal refrata e enuncia a potência das visualidades (fotografias) feitas pelos estudantes. Na análise imagética realizada posteriormente, em conjunto na Universidade, podemos compreender as relações que estes fizeram com o território. Em suas imagens e palavras, aqui apresentadas de forma breve, conhecemos um outro olhar sobre a história da cidade: aquela apagada dos livros, arquivos, monumentos e sites do município, mas viva na presença, no discurso e na luta de quem segue resistindo em defesa de uma outra realidade possível .



Lista de imagens

1. Filha de uma estudantes do curso de Pedagogia Indígena Xokleng em uma sala da FURB. Autora: Fransuê Ribeiro.
2. Bandeiras de nacionalidade dos imigrantes durante o desfile de 7 de setembro. Autor: Estudante.
3. Frente da prefeitura localizada no centro de Blumenau. Autor: Estudante.
4. Fanfarra com integrantes com vestuário germânico durante o desfile de 7 de setembro. Autor: Estudante.
5. Pessoas com vestimentas referente aos países colonizadores da cidade de Blumenau durante o desfile de 7 de setembro. Autor: Estudante.
6. Bandeiras escrito Jesus durante o desfile de 7 de setembro. Autor: Estudante
7. Fanfarra com integrantes com vestuário germânico durante o desfile de 7 de .
7. Fanfarra com integrantes com vestuário germânico durante o desfile de 7 de setembro.
8. Escola de samba de Blumenau durante o desfile de 7 de setembro
9. Indígena da etnia Guarani vendendo artesanato na rua XV de Novembro.
10. Garis limpando a rua XV de Novembro.
11. Rio Itajaí Açu.
12. Ponte sobre o Rio Itajaí Açu.
13. Estudantes caminham sobre a ponte enquanto observam os prédios. Autora: Fransuê Ribeiro.
14. Criança Laklãnõ Xokleng observa o rio Itajaí Açu. Autora: Fransuê Ribeiro.
15. Coroas de flores enviadas por instituições para o Mausoléu Dr. Blumenau. Autora: Fransuê Ribeiro.
16. Túmulo de Hermann Otto Georg Blumenau e Gertrud Charlotte Agnes Blumenau, colonizadores alemães. Autora: Fransuê Ribeiro.
17. Estudantes Laklãnõ Xokleng observam placa com informações sobre a colonização de Blumenau. Autora: Fransuê Ribeiro.
18. Registro do final do dia de atividades com os estudantes. Autora: Fransuê Ribeiro.

Referências

BUSARELLO, F. R.; HINKEL, J. A Cor Canela e a Cidade Loira: um estudo de caso sobre a identidade dos povos originários no contexto urbanizado de Blumenau Emancipação, Ponta Grossa - PR, Brasil., v. 16, n. 2, p. 330–343, 2017. DOI: 10.5212/Emancipacao.v.16i2.0010. Acesso em: 12 set. 2023.



Arte/ cuerpo/ciudad en Montevideo, Uruguay- Mayo, 2023

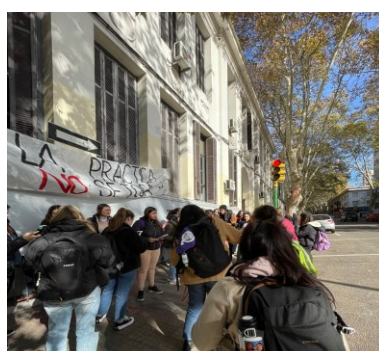
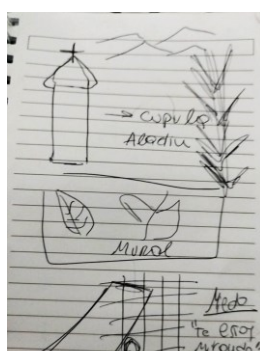
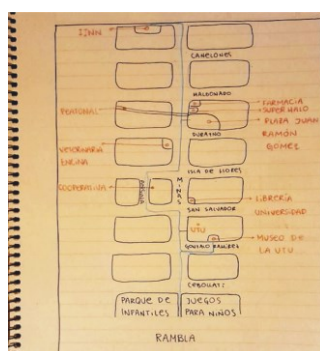
Una reflexión poético pedagógica en Palermo, Ansina y el Museo de Artes y Oficios

Gabriela Ferreira Olaso

Formación de docentes en Primera Infancia IINN-CFE-ANEP

*En Montevideo hay poetas, poetas, poetas
Que sin bombos ni trompetas, trompetas, trompetas
Van saliendo de recónditos altillos, altillos, altillos
De paredes de silencios de redonda con puntillo.”*
Leo Masliah: Biromes y servilletas

Comparto en el aula una consigna simple y maravillosa, dónde está el arte en el entorno de la casa de estudios, en el Centro Cultural y Museo Pedro Figari y en las calles del recorrido en el barrio Palermo por la calle Minas. Y además, ¿podremos mirar la ciudad como infancias?



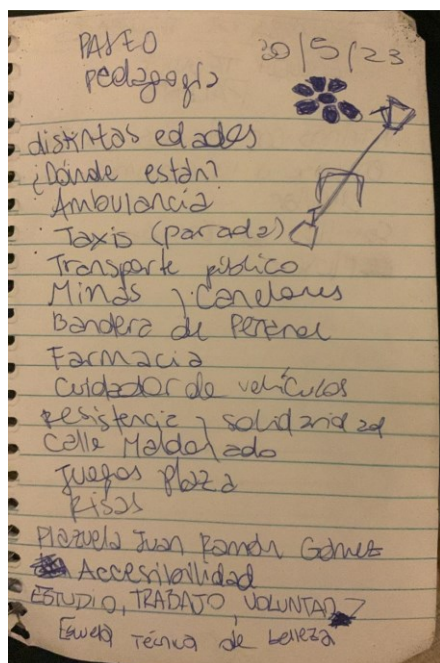
El grupo es grande y alegre, están llenas de expectativas y movedizas pese a las mochilas cargadas del día que les espera de trabajo: alimentos, servilletas, biromes y cuadernos; espero que se organicen entre las que harán la cartografía, las que irán anotando y las que irán fotografiando en cada grupo de cuatro o cinco; somos más de treinta. Las manos libres, con libretas, celulares y biromes. Compartimos una electricidad cálida: mi recuerdo de escuela como maestra y ellas relatarán que también recuperan la excursión escolar por el barrio, la feria, plazas y parques, museos y teatros. Recuerdos de un andar juntas descubriendo el mundo, abriendo las puertas de lo cotidiano a la mirada detenida y reveladora de la escuela. Vivir experiencia, vivir infancia. “Lo más rico, salir juntas”, declaran.



El grupo se expande, separa y une en el recorrido siguiendo huellas y señas por las calles y veredas desde el transitado espacio céntrico hacia el más barrial y habitado; hacia el mar al fin, la meta ineludible en una ciudad de costa. Apoyo todas las separaciones al recorrido planteado para que perforen y profanen el mundo cotidiano: se encuentran con palabras y mensajes en los muros que les intrigan y los analizan. La fuerza de algunos lugares y mensajes atrapan: los movimientos sociales, una estudiante desaparecida, un cielo lleno de cúpulas y un suelo con hojas de otoño o margaritas con pétalos faltantes de Silvia Scarlatto.



“El mural de María Emilia marca la historia de Magisterio” dice Tatiana.



Gestos de ternura y sufrimiento *por las calles y avenidas*, de voces silenciadas, de voces a gritos: “cuentan sobre las costumbres y sobre el pasado, el sufrimiento que se pasó... algunos me hicieron sentir mal”, comparte Alexandra. Solo silencio y huellas, y el deseo despertando en los músculos de las estudiantes que corren tras ellas, descubriendo la dictadura como si fuera por primera vez, en las esquinas y callejones.

Como las hojas caídas del otoño y el recuerdo de un verano, testigos del paso del frío, del tiempo, del horror y de la historia no narrada... Realizan una arqueología en las capas sensibles y visuales de un territorio de guerras y encuentros que “me hacen sentir parte de mi país. Me recuerdan de dónde vengo y de las luchas de ellos que también me involucran” escribe Angelina. “¿Qué me dijeron las paredes? Estoy cuidada”, responde Belén, “que llego a casa”.

Hay superposiciones poéticas cuando rompen el recorrido por Minas: se llaman y vitalizan *como si fueran cometas* al callejón silenciado y patrimonial de Ansiná. Hay también yuxtaposiciones entre épocas con signos, huellas y gestos que, como constelaciones evidencian el secuestro de personas, de palabras y experiencias. Sólo la intuición de la piel, la imaginación en los silencios, las obliga a sospechar relatos y escenas, tramas y acontecimientos en pistas que las estudiantes registran como arte.

Los muros hablan



*Tienen ilusiones compartidas, partidas, partidas
Pesadillas adheridas, heridas, heridas
Cañerías de palabras confundidas, fundidas, fundidas
A su triste y paso lento por las calles y avenidas.*

*Andan por las calles los poetas, poetas, poetas
Como si fueran cometas, cometas, cometas
En un denso cielo de metal fundido, fundido, fundido
Impenetrable, desastroso, lamentable y aburrido. Leo Masliah*



Un barrio borrado: la población afro entre los carteles de desaparecidos de la dictadura, de una comunidad vibrante que no está en Ansina, de sus ecos sonoros de sus presencias corriendo, lavando, brincando en carreras de bolsa de arpillera. Solo silencio y huellas, y corren tras ellas, descubriendo la dictadura como por primera vez, en las esquinas y callejones de Palermo. (1)



La vida de la ciudad se padece como infantes: un camión con mercancías se descarga sobre sus pies y se refugian en una peatonal. Recuperan una plaza recuperada y la llenan de juegos con sus infancias. ¿Es investigación jugar en la plaza? ¿Qué experiencias de infancias recuperan ante la plaza vacía y la añoranza de escuela, recreo y juegos? ¿Será el anhelo por el grupo expandiéndose en el mundo y la vivencia de estar en la escuela y reabrir el cotidiano como objeto de curiosidad y de deseo? Tiempo de infancias y escuelas. Tiempo, responden. Tiempo.

¿Podremos llamar arte a esas íntimas experiencias culturales de juego en el espacio público y de escuela con la grupalidad de infantes activos alrededor? (2) ¿Hacemos del mundo un tiempo-espacio de juego y arte, no solo de estudio y ejercicio? Percibo que la experiencia de arte está en ellas, no solo en las paredes: sus gestos de placer y su espontánea y decidida participación en los juegos infantiles en la plaza. Formas de explorar la vida, la ciudad y el arte de forma in-fantil, sin palabras y por la integración intensa entre cuerpo-infancia y cuerpo-percepción: la expansión en la plaza pública y el encuentro lúdico, placentero, inútil. Instantáneo y poético.



Unos espacios rechazan, otros albergan: describen al Museo como un espectáculo del poder estatal del 900 con “tres palabras muy particulares, Estudio, Trabajo y Voluntad”.

La dureza de un mundo contenido, de un cielo recortado e infancias reclusas; un arte como ejercicio mecánico que hiere la materia y sus cuerpos. La reflexión oral y escrita exige tiempo para que salgan palabras confusas para denunciar el siniestro en la piel: “todo llamaba a irte”. “La puerta de la institución nos da a entender que es algo fuera de lo común, que nos va a separar de lo personal... importancia, control, grandeza.”



“Fue como raro ese vacío”, dice Jimena: “al llegar al patio ya empecé a sentir una presión gigante”. Ante lo amplio y abierto, el “vacío” y la frialdad, dicen varias; “no vida” puntualiza Victoria, “sin calor humano”. “No lograba verme estudiando en este lugar”. ¿Es uno de los mausoleos donde se espera el asesinato de la vida por el Modernismo en los cuentos de terror de Horacio Quiroga? “Un monumento al disciplinamiento” precisa Antonella.

Ante el cierre en semicírculo, frente al mar, un tiempo de reflexión sobre la ciudad. Y el lugar del arte en el contraste: “agresiva una embajada imperialista” señala Catalá, amenaza a un graffiti con Paulo Freire en un monumento que cobija un durmiente sin techo en su manta de flores. (3)



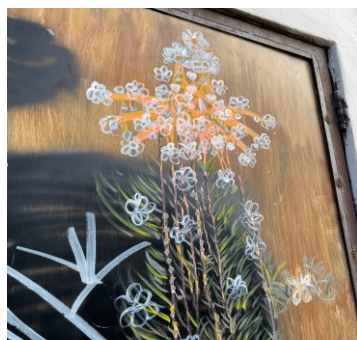
*En Montevideo hay biromes, biromes, biromes
Desangradas en renglones, renglones, renglones
De palabras retorciéndose confusas, confusas, confusas
En delgadas servilletas, como alcohólicas reclusas.*

*Andan por las calles escribiendo y viendo y viendo
Lo que ven lo van diciendo y siendo y siendo
Ellos poetas a la vez que se pasean, pasean, pasean
Van contando lo que ven y lo que no, lo fantasean.*



Frente al mar y sin darle la espalda, reflexionamos. Recuperan sensaciones: estar en la escuela, tener experiencia, tener participación, cuerpo, grupo, infancia, curiosidad y deseo. Dejarse sorprender por los detalles de una ciudad plena de vida, arte y fuerzas. La invasión del auto, el tránsito y la mercancía; el espacio público, infantil, lúdico y habitado con árboles, pájaros, arte, juegos y pasto; con mensajes y gestos que resisten la intemperie y la censura. Entre los espacios de poder y control del cielo y el juego, las hojas del suelo, las macetas con flores, las margaritas sin pétalos emergen como una corriente vital con las luchas sociales, con las mujeres, las infancias y la población afro e indígena, todas en procura de su voz.

*Miran para el cielo los poetas, poetas, poetas,
Como si fueran saetas, saetas, saetas
Arrojadas al espacio que un rodeo, rodeo, rodeo
Hiciera regresar para clavarlas en Montevideo.*
Leo Masliah: Biromes y servilletas



Notas

1 Graciela Montes resalta que “es muy difícil ayudar a ensanchar la frontera de otros cuando la propia está encogida y hasta diría que apelmazada, es casi imposible hacer que la cultura se convierta para otros en experiencia cuando es para uno sólo un dato del mundo exterior: por ejemplo, el requerimiento de un programa. Y es difícil poner las energías en la construcción de las fronteras cuando se carece de la confianza mínima en el mundo exterior, cuando no se gana lo suficiente para vivir, por ejemplo, o cuando todo es tan hostil que cualquier esfuerzo constructor parece perder sentido. Sin embargo, nuestro oficio es ése, es eso lo que nos compete. ... Tal vez podamos entonces preguntarnos qué y quiénes han querido domesticar lo no domesticable, quiénes fueron los achicadores de nuestra zona liberada. No va a haber una única respuesta, ya que es condición indispensable de esta frontera en la que decidimos instalarnos el ser propia e irrepetible, siempre única y en constante transformación. ... Los achicadores suelen envalentonarse a veces, y hasta elaboran teorías generales que, con el tiempo, se vuelven más o menos oficiales y se convierten en fantasmas compartidos.” En: www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL007628.pdf

2 Sostiene Graciela Montes: “No es que el arte pueda asimilarse por completo al juego. Hay otras reglas, compromisos de otro tipo y una función que la sociedad ha venido perfilando a su modo a lo largo de la historia. Pero el recuerdo de las características y las condiciones de esas viejas excursiones a los mundos imaginarios pueden ser una manera más fresca, y menos prejuiciada, de responder a la pregunta en torno al arte.” (2017, p. 32)

3 El significado de estas imágenes no puede arrancarse a la fuerza pues Walter Benjamin entiende que es necesario dejar que desplieguen sus sentidos en la vivencia misma de la yuxtaposición de fragmentos reunidos por los ojos de quien percibe. (1928)

Lista de imágenes

Las imágenes son de autoría de las estudiantes

Referências

BARRÁN, José Pedro (1990) “Historia de la sensibilidad en el Uruguay. El disciplinamiento (1860-1920)”. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación.

BENJAMIN, Walter (1928) “Calle de sentido único” Ed digital: Titivillus. Recuperado de https://proletarios.org/books/Benjamin-Calle_de_sentido_unico.pdf

LARROSA, Jorge (2000) “Pedagogía profana” Bs. As.: Ed. Novedades educativas.

LÓPEZ, María Emilia (2019) “Un mundo abierto. Cultura y primera infancia”. Buenos Aires-Bogotá: Ed CERLALC- Lugar Ed.

MONTES, Graciela (1997) “La frontera Indómita”. En Actas del Congreso Nacional de Didáctica de la Lengua y la Literatura, 1995: “Voces de un campo problemático”. La Plata. UNLP. FAHCE, 1997. En

<http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL007628.pdf>

MONTES, Graciela (2017) “La frontera indómita. En torno a la construcción y defensa del espacio poético”. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica.

MASLIAH, Leo. “Biromes y servilletas” (1994)

<https://jaimeroos.uy/letras/biromes-y-servilletas/>

<http://temac.web.unq.edu.ar/2020/10/07/un-caso-de-orientalismo-latinoamericano-apuntes-sobre-las-versiones-de-biromes-y-servilletas-de-leo-masliah/>



Deslocamentos pela Cidade Universitária

Pertencimento. Reconhecimento. Acolhimento

Lutiere Dalla Valle
Universidade Federal de Santa Maria

Caminhar, andarilhar, garimpar miradas. Forjar o ainda não pensado por meio do fazer artístico implica sair do lugar em direção àquilo que ainda não se sabe. Assim como todo o percurso que realizamos cotidianamente é marcado pela possibilidade do desvio, também no campo da arte nos deparamos constantemente com o rompimento do previsível. Estamos sujeitos às intempéries, inconstâncias e às rupturas que podem nos atravessar enquanto nos deslocamos ou habitamos os espaços sejam eles quais forem. Na interlocução entre Arte e Educação, somos convocados ao mergulho para descobrirmos mundos possíveis por meio da experiência estética, pois “na experiência das surpresas, sabemos que sempre há algo a mais a ser aprendido. Há sempre o cintilante, a sombra preenchida, a luz lúdica, a maravilha de enxergar o que é enquanto aprendemos que sempre há mais para ver” (Leggo; Irwin, 2020, p. 362).

Imbuídos destas ideias iniciais, a experiência relatada diz respeito a uma vivência artístico-pedagógica realizada com estudantes do Curso de Pedagogia diurno da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul no contexto da disciplina de Artes Visuais e Educação, componente curricular obrigatório do Curso.

O Grupo de estudantes (a maioria, jovens mulheres) foi desafiado a produzir uma sequência de imagens capturadas durante seu deslocamento pelo Campus da UFSM em uma tarde do verão de 2022. Por meio de seus dispositivos móveis, em uma caminhada de cerca de duas horas de duração, as estudantes exercitaram enquadramentos e capturas sensíveis ao observarem edificações, espaços vazios e cheios, limites e transbordamentos conforme percorriam o caminho previamente definido em sala de aula. O ponto de encontro seria o bosque da UFSM, uma grande área verde formada por uma floresta de pinheiros que é cortada por uma pista de caminhada, e, em outra parte, emoldurada por um lago e uma pequena ponte à sombra do arvoredo esguio que se ergue próximo ao prédio da reitoria. Durante a caminhada, o silêncio é quebrado pelo canto de uma família de seriemas que habitam e compartilham amistosamente do espaço com quem por ali passa.

Mas antes de ingressar na floresta, passamos por prédios, ruas calçadas, lixeiras soterradas, casinhas de João de Barro, flores, formigas, raízes, esculturas, reflexos, carros, e uma infinidade de coisas, pessoas e pequenos animais. O exercício: “observar arte e poesia”: capturar instantes, deixar o olho mostrar o que vê e que faz pulsar o coração. Entregar-se à aventura do sentir, pensar, significar, atribuindo algum afeto à imagem capturada configurou nosso interesse enquanto ponto de partida à espreita do que poderíamos encontrar durante o trajeto. Pois, como argumentam os autores a seguir:

Quando nos engajamos de forma colaborativa ao procurar apreender vivendo por possibilidades em ser e tornar-se, entendemos o quanto a experiência é sensível, o quanto a linguagem é sensível, como caminhar é sensível, como pensar é sensível, como fazer arte é sensível. (Leggo, Irwin, 370)

A exploração da fotografia digital à luz dos textos acadêmicos lhes trouxe modos distintos de percepção. Devolver por meio do compartilhamento individual e também coletivo o que foi possível compreender dos textos fazendo uso de metáforas visuais ou composições com/a partir de imagens, fomentou o protagonismo criativo, sensível e generoso das estudantes ao compartilharem seus achados.

Em um mundo cotidianamente imerso em perspectivas individualizadas (quase sempre estimulados a competir e a atingir metas quantitativas), propor modos de experimentar a arte coletivamente no contexto da formação de professoras/es na universidade tem sido decisivo para a criação de espaços de pensamento não disciplinar atravessados por exercícios coletivos de experimentação estética, mostrando significativas contribuições à formação, sobretudo considerando as experiências artísticas como fomento ao diálogo entre arte, cultura contemporânea e educação.

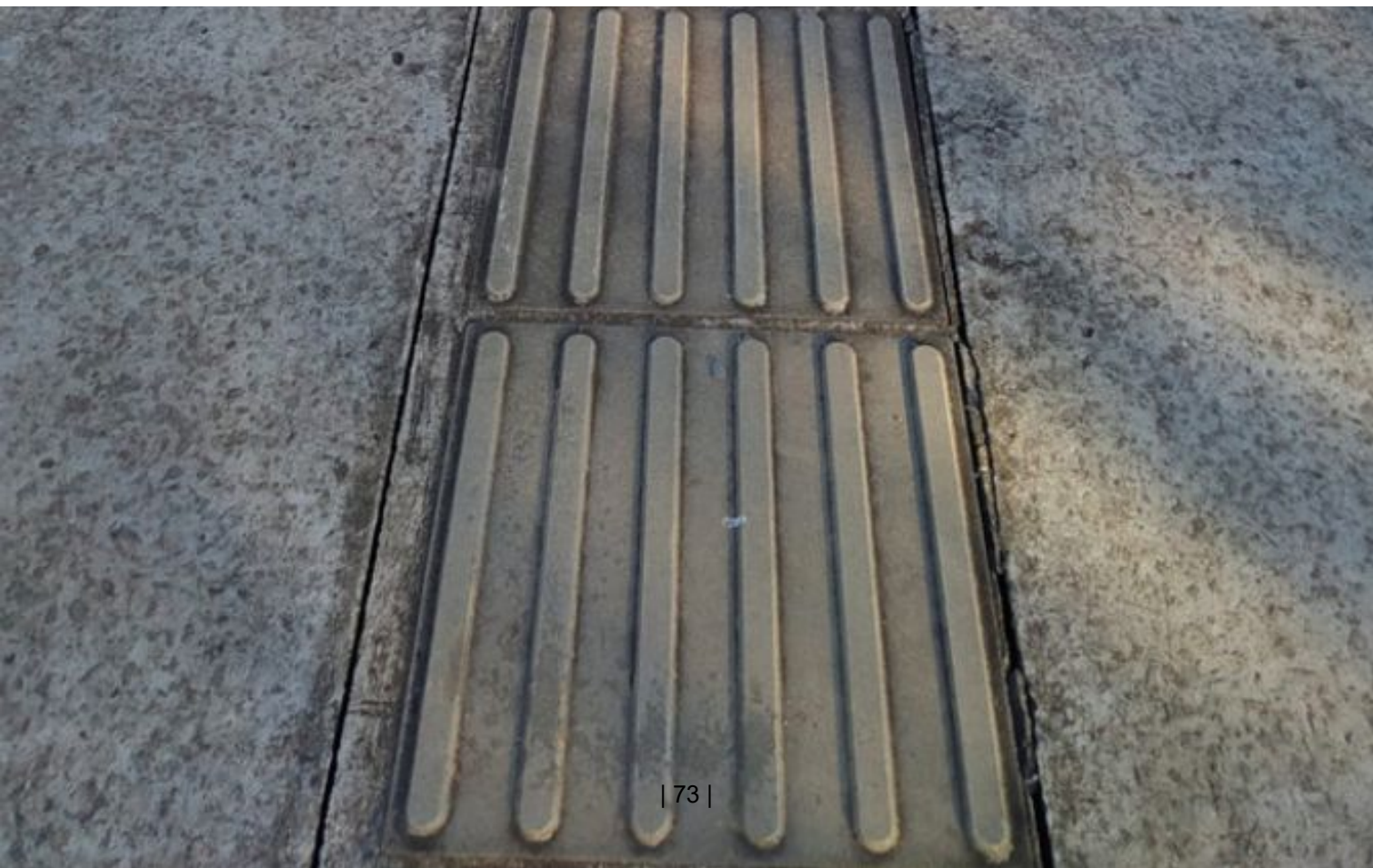


Trilhamos em busca do acaso
Do acaso de encontrar algo que encante
Do acaso de ver algo que traga cor
Do acaso de algo fazer o coração acelerar
Trilhamos sem rumo, esperando que o acaso
nos mostre o que seria a arte de verdade,
quando que, a arte, ela não precisa ser
encontrada, já que nunca esteve escondida. No
fundo, apenas deixamos de percebê-la

(Maju N. G - estudante de Pedagogia)

A visão da arte contemporânea em relação a natureza, nos permite ressignificar os espaços e experiência. Essa atividade proporciona essa filtração e reflexão do que pode tornar-se arte, e como ela pode surgir em diversos lugares.

(Larissa S. – estudante de Pedagogia)





Lar, o ato de construir um
lugar como casa. O
esforço de buscar um
espaço que te comporta.
Conforto.
(estudante de Pedagogia)

Destarte, ensinar e aprender de modo compartilhado enredados pela experiência estética, ao passo que fomenta as singularidades, também abre caminho para que estes encontros pedagógicos estejam baseados na reciprocidade e no acolhimento às diferenças. Em um mundo em que somos estimulados cada vez mais às práticas individualizadas, aprender juntos, aprender a compor com/a partir de diferentes formas de ver e compreender o mundo e a si mesmo, segue sendo um valor irrevogável ao futuro das sociedades contemporâneas.





A arte aos olhos de quem se dispõe a ver causa isso: uma pausa poética. Tá tudo bem não ter gerado uma pausa poética em você... Mas se não é ela, o que te causa uma pausa desse mundo caótico em que vivemos? Nós precisamos de pausa, precisamos parar para admirar, sentir, ver, viver... Nós precisamos de arte! O mundo é movimento, mas precisam existir coisas que nos movimentem dentro dessa caminhada.

(Hellen Caroline Roos Volz – estudante de Pedagogia)

Ao fomentar esta vivência no contexto de formação de pedagogas na universidade, acionar a perspectiva criativa da docência que se constitui a partir dos encontros sensíveis com as artes, contribui para gerar outros modos de relacionar, compreender e agir sobre aspectos ou fenômenos que (con)formam sua atuação profissional. Isto porque abordagens artísticas oferecem formas criativas de mobilizar processos educativos no que diz respeito à produção de conhecimento científico, pois, enquanto metodologias vivas (Hernández, 2011) que se entrelaçam com a prática (Springgay; Irwin, 2013), buscam explorar como os afetos operam na pesquisa educacional e quais são suas implicações na formação.



Fazia um dia lindo lá fora, mas aqui
dentro, chovia há semanas.
(Danielly Martins – estudante de
Pedagogia)

Nossa arte e poesia convidam a enxergar novas
formas, vendo e tendo percepção. Têm uma
justaposição entre o familiar e o não familiar. Esse
processo de desfamiliarização convida para
respostas cheias de vertigens, com assimetria, como
um turbilhão de redemoinhos.
(Leggo; Irwin, 2020, p. 367)

Neste contexto, ativar a dimensão coletiva e seus sentidos de responsabilidade social ao potencializar seus afetos por meio da produção poética de narrativas visuais, contribuiu para o entendimento do fazer artístico contemporâneo para além da apreensão técnica das linguagens tradicionais da arte, possibilitando-lhes também perceberem-se como interlocutoras destes processos de aprendizagem. As materialidades como ativadoras do pensamento que promovem a formulação de novas ideias a partir das circunstâncias produzidas, como estímulo à criatividade e inventividade na formação docente, rompendo com a lógica individualista. A partir destas vivências, algumas pistas são lançadas à prática educativa no contexto da formação docente: aprender a perceber a potência pedagógica dos encontros e dos atravessamentos que a arte possibilita; aprender a partir daquilo que atravessa a experiência, que movimenta, fomenta estabelecer outras/novas conexões (não hierarquizadas); aprender a partir das circunstâncias que são disparadas pela experiência e pelo compartilhamento, sem roteiros prévios.



Ao fomentar pontos de contato, convidam a lidar com a diversidade de pontos de vista, com o pensamento que não está fixo, muito menos, disposto a classificar as coisas hierarquicamente, mas atentando-se à diversidade que acolhe as diferenças, despindo-se dos pré-conceitos que poderiam estar presentes implícita ou explicitamente. Neste contexto, atravessados pelas experiências artísticas, caminhar juntos pelo campus exercitando o olhar sensível contribuiu para compreender coletivamente a potência das artes enquanto ativadoras do pensamento inter, multi e transdisciplinar. Desenvolver experiências artísticas, neste contexto, promoveu reconhecer seu caráter intuitivo e experimental, onde conhecer e aprender envolver também a partilha de seus sentido pedagógicos mais valiosos: caminhos em devir: isto é, abertos e dinâmicos como a própria vida no contexto das relações.

Experiência de sentidos que nos possibilitou pensar e problematizar o modo como nos relacionamos com noções de representação e simbolização atrelada à dimensão material dos objetos e das coisas que envolvem nosso mundo cultural. Ao colocamos em jogo experiências de sentido compartilhadas coletivamente, para além da perspectiva de uma formação artística, nos envolvemos com processos de imaginação inventiva, deslocamentos criativos, reorganizações mentais e processuais, entre outros aspectos que constituem o pensamento cognitivo que é relacional e também disruptivo.

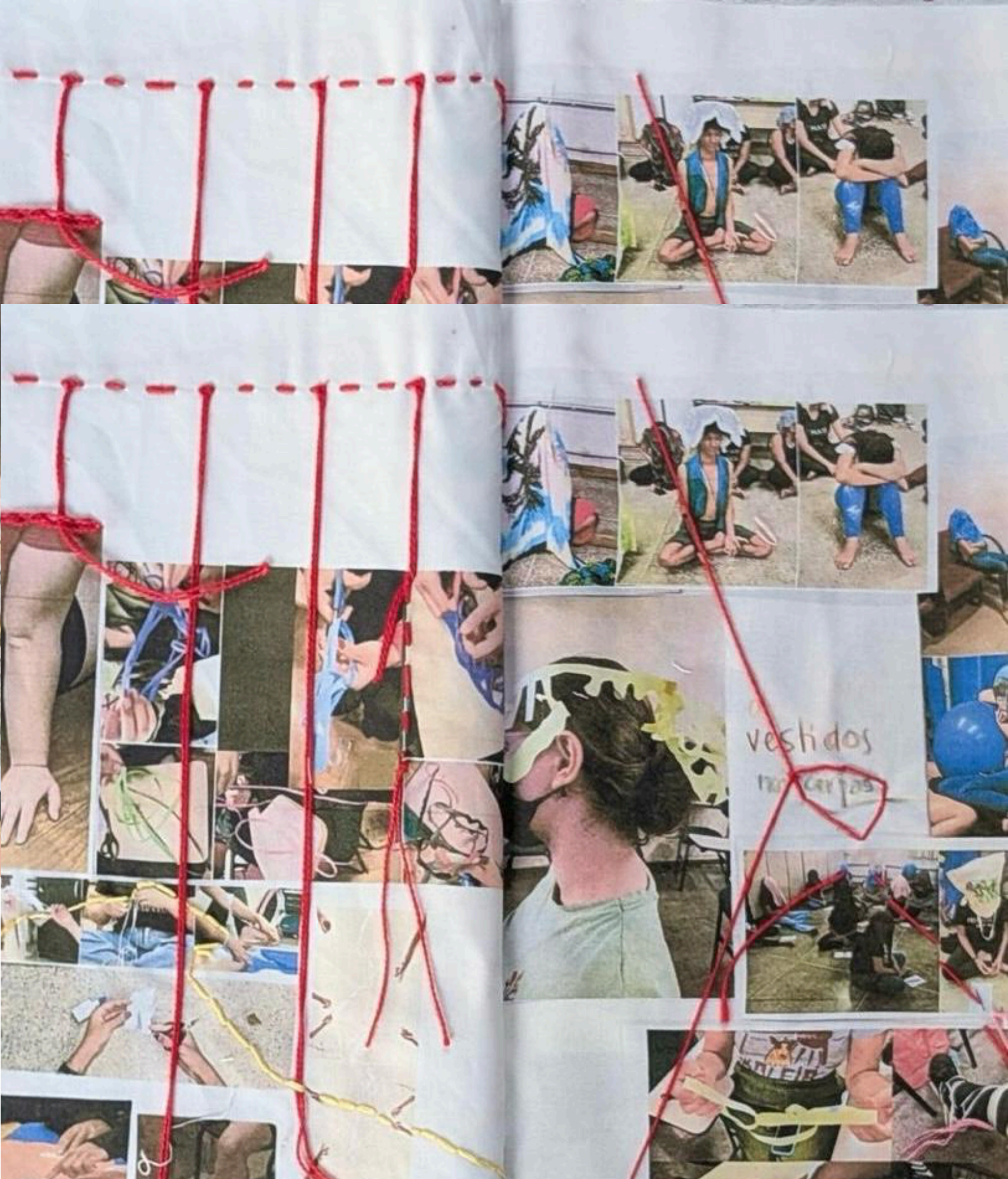
Portanto, nossos encontros formativos na universidade atravessados pelos encontros com a arte, colocam em processo experiências compreendidas como acontecimentos que afetam e provocam fendas no tempo cronológico institucional. Assumir a experiência estética como ponto de partida promoveu estabelecer relações de sentido que antes não existiam, atreladas ao potencial de suas ressonâncias futuras no exercício da profissão docente, bem como de fomento às dimensões individuais e coletivas de pertencimento.

Lista de imagens

1. “Caminhando com Lygia” – Acervo do Autor. 2023.
2. “sem título”– Maju N. G - estudante de Pedagogia 2023
3. “sem título”– Maju N. G - estudante de Pedagogia 2023
4. “sem título”– estudante de Pedagogia, 2023
5. “sem título”– estudante de Pedagogia, 2023
6. “sem título”– estudante de Pedagogia, 2023
7. “sem título”– ”– Larissa S. – estudante de Pedagogia, 2023.
8. “sem título”– Hellen Caroline Roos Volz, estudante de Pedagogia, 2023.
9. “sem título”– ”– Danielly Martins – estudante de Pedagogia, 2023.
10. “sem título”– estudante de Pedagogia, 2023

Referências

- HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (org.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, p. 31-50, 2011.
- LEGGO, Carl; IRWIN, Rita L. Formas de Observar: Arte e Poesia. (In.) PILLOTTO, Silvia S. D; STRAPAZZON, Mirtes A. L. (Orgs.). Educação estética: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades, volume 2. Joinville, SC: Editora Univille, 2023, p. 349-388.
- SPRINGGAY, S.; IRWIN, R. L. A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (org.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, p.137-153, 2013.



CAMINHANDO

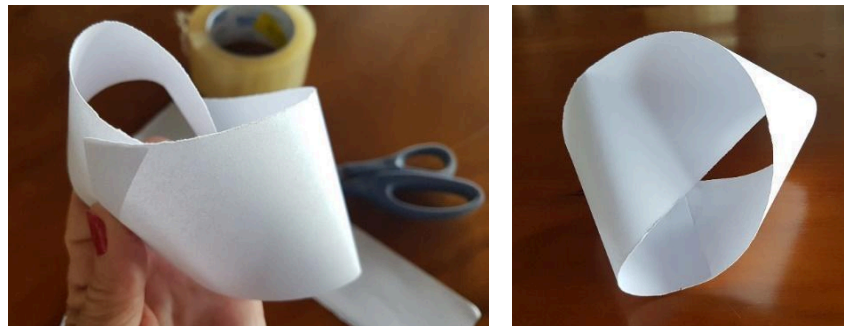
CAMINHANDO

Dimensões envolvidas: Percurso

Proponente: Mirian Celeste Martins (UPM/GPAP/GPEMC)

“Faça você mesmo o Caminhando com a faixa branca de papel”. Mas, se quiser, desenhe, pinte, invente... A faixa pode ser de qualquer tamanho também, como 1/3 de um A4 ou mesmo de outro material...

“Torça-a e cole-a de maneira a obter uma fita de Moebius”.



Tome então uma tesoura, enfie uma ponta na superfície e corte continuamente no sentido do comprimento.

Perguntatório depois do silêncio... o que foi reviver um ato artístico proposto por Lygia Clark em 1963? O que o fazer te diz? O que este ato nos diz?

Após a experiência e a conversa sobre a própria experiência, você pode ler o depoimento de Lygia sobre sua obra.

Obs para o mediador: Lygia Clark avisa: “Quando você tiver dado a volta na fita de Moebius, escolha entre cortar à direita ou à esquerda do corte já feito”, mas como propositor(a) você pode ver o que acontece. Quem corta reto e termina o caminhando? Quem faz escolhas para direita ou esquerda? Pare um momento para ver o que aconteceu... Quem cortou reto fez uma nova fita de Moebius e pode iniciar cortando no sentido do comprimento e fazer a decisão quando der a volta completa. Para Lygia “Essa noção de escolha é decisiva e nela reside o único sentido dessa experiência. A obra é o seu ato. À medida em que se corta a fita, ela se afina e se desdobra em entrelaçamentos. No fim, o caminho é tão estreito que não pode mais ser aberto. É o fim do atalho.”



Caminhando com Lygia Clark

Lygia Clark . Arte participativa . Fita de Moebius
Formação Docente

Mirian Celeste Martins
Leonardo Birche

Universidade Presbiteriana
Mackenzie

Novembro, dia 9 de 2022. Mais uma noite com a turma da segunda etapa¹ do Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Treze alunas em uma ampla sala repleta de cadeiras vazias e um doutorando em estágio docente. Como sempre, em círculo. Mais uma aula de *Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de Arte e Alfabetização Estética*. Enorme título para um componente curricular de 60 horas com muitos quereres para um tempo estreito. Um desafio para esta professora que sonha com mais Arte na Pedagogia e se junta a outros professores em um projeto coletivo (Ambiências Educadoras) que espraia arte e cultura em outras etapas. Contudo, é neste componente que a Arte tem seu espaço, diminuto, mas resistente!



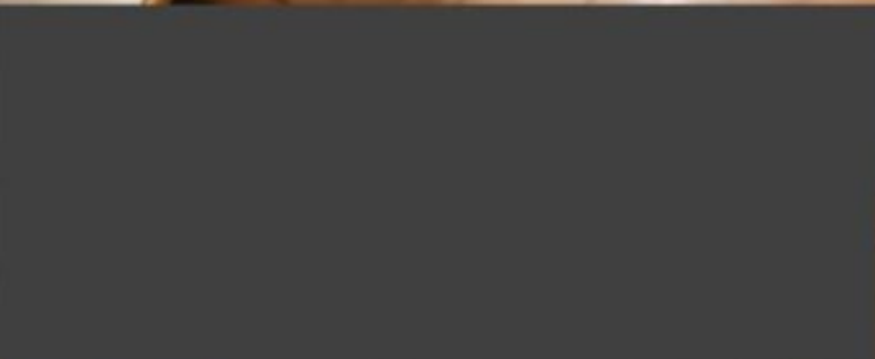
Faixas de papéis coloridos e fita crepe foram oferecidos. Algumas estudantes esqueceram as tesouras solicitadas, mas havia outras para emprestar...

E a tesoura começa a brincar. Atualizando o *Caminhando* de Lygia Clark.

Pede Lygia para escolher cortar à direita ou à esquerda. Desobediente, eu não peço essa escolha a princípio para os aprendizes de qualquer idade. E muitos encerram a ação cortando justamente onde começaram. Um começo e um fim. Acabou o ato na escolha pelo caminho onde não há decisão, apenas a segue obediência de acabar o corte que começou. Descobrem que a fita não se separou e podem começar de novo; e se cortarem de novo, repetindo o mesmo movimento, vão perceber outras possibilidades (MARTINS, 2023, p. 237).

Fotografias registradas pela professora e pouco tempo depois para uma roda de conversa.







Iniciado o processo - o caminhar sem freio da tesoura pelo papel - a sala foi tomada por um silêncio que denotava a concentração das estudantes na ação e, mais do que isso, a concentração delas sobre elas mesmas.

Linhas se estendem, se expandem, se transformam em labirintos. Ou se espremem no amassado que sossega o fazer para quem quer ordem e regra.

Algumas seguiram em frente pela tira de papel, sem titubear quando chegaram ao corte inicial. Não escolheram à direita ou à esquerda. Apenas em frente, como se não houvesse escolha, ato comum de quem segue sem pensar, sem problematizar.... Mas a fita de Mobius é generosa e se amplia, não se rompe. Descubrem que é possível reiniciar o corte. Reiniciam.

E quando elas pararam de cortar... tiveram vontade de falar sem freio, como as tesouras no papel, colocando para a roda tudo o que estava latente enquanto faziam a ação.

Uma falou sobre a tranquilidade que a ação trouxe; outra sobre a vontade de cortar sem parar; uma se sentiu desafiada pela proposição, por ter que concentrar todo seu foco em uma ação tão simples. Outra falou da agonia que teve porque as finas tiras que ela cortava começaram a se emaranhar umas nas outras, em seus braços e em suas mãos. Uma estudante contou sobre a dificuldade que teve devido à ansiedade que a ação trouxe no início, por precisar se dedicar totalmente àquela ação, mas que depois começou a ter prazer na concretização.



Houve também quem falasse sobre uma reflexão que começou a ter sobre a conexão de cada tirinha de papel, transbordando essa ideia de conexão para outros campos e relações. Por fim, uma estudante contou sobre seu deslumbre e espanto por parecer que ela poderia continuar caminhando com sua tesoura pelo papel infinitamente.

Mergulharam na ação, deixando-se viver algo inédito.

Uma experiência inusitada, nada parecido ao que já haviam vivido antes. Lygia Clark parecia distante como a Arte Contemporânea de uma artista propositora. Nenhuma memória próxima nas histórias vividas em Arte na Educação Básica.

A percepção de si, da ansiedade e do desejo de continuar até não conseguir cortar mais fino. A consciência do incômodo de se sentir no mesmo emaranhado que a fita. O silêncio. O lúdico.

Mas a tesoura também interrompeu seu movimento para não cortar o durex que parecia dizer “Pare!”. Medo de ultrapassar algo que marcava uma fronteira, tal qual os riscos de um desenho de colorir que prende as cores e os gestos.

Medo! Obedecer limites! Por que não ultrapassar as barreiras do não saber?

As tesouras brincam, criam formas no vai e vem exploratório lúdico e criativo, ou medroso e tímido, neste grupo ou em tantos outros. Profundas relações com a vida...

Lista de Imagens

1. Autora (2022). *No caminho*. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais, à esquerda detalhe de uma fotografia de Lygia Clark (acervo público) e duas fotos do acervo da autora.
2. Autora (2022). *O corte e o amassado*. Par fotográfico composto por duas fotografias digitais do acervo da autora.
3. Autora (2022). *Descobertas*. Fotografia digital do acervo da autora.
4. Autora (2022). *Em ação*. Foto-ensaio composto por seis fotos digitais do acervo da autora.
5. Autora (2022). *O repouso das linhas*. Foto-ensaio composto por três fotos digitais do acervo da autora.
6. Autora (2022). *Barreira obedecida no vai e vem controlado*. Foto-ensaio composto por três fotos digitais do acervo da autora.

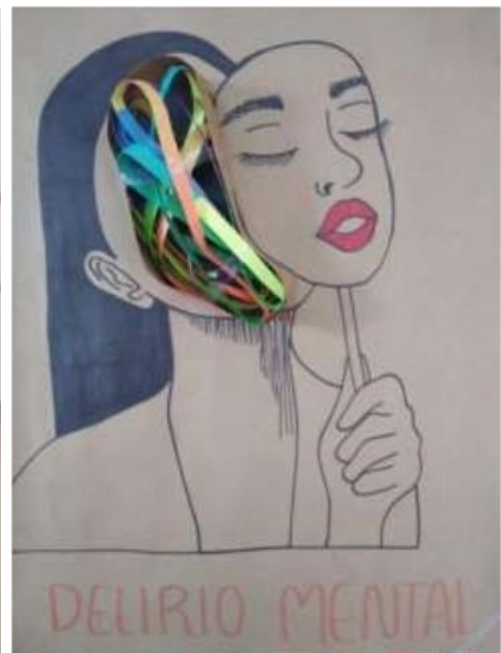
Referências

CLARK, Lygia. *Caminhando* (texto datilografado, 1964). Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/7041/caminhando>. Acesso em 10 abr. 2022

CLARK, Lygia. *Caminhando* (obra, 1963). Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>. Acesso em 10 abr. 2022

MARTINS, Mirian Celeste. Provocando encontros com arte pelas brechas da nutrição estética e mediação cultural. In: PILOTTO, S. e STRAPAZZON, M. (org.). *Educação estética: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades*. Joinville, CS: Editora Univille, 2023, vol. 1, p. 234-252.

¹ Estudantes participantes: Adriana Dal Maso; Ana Beatriz Gentil; Beatriz da Rocha; Flávia Bicudo; Isabella Marques; Isabella Cruz; Jéssica da Fonseca; Larissa Elimelek; Laura Luinacci; Mariana Mendes; Milena Teixeira; Valentina Queiroz.



Caminhando Revivendo um proposição de LYGIA CLARK

Jaime Ruiz Solórzano
Universidad Surcolombiana

Lygia Clark hace manifiesta la posibilidad de llevar a cabo una aplicación transversal e integrada entre el individuo y su formación, teniendo como hilo conductor a todas las formas de expresión artística contemporánea.

Para ello tenemos en cuenta que el Arte Contemporáneo “trata, en verdad, de muchas emergencias, cuyos síntomas se dispersan, que nos remiten a un nuevo estado del arte. Nos ubica en la experiencia de una laxa transformación” (Giunta, 2014: 97). Además, Terry Smith (2012) afirma que el arte contemporáneo en “sus formas y contenidos, en sus sentidos y usos” es una “ontología del presente”; en la medida que sus prácticas renuevan las maneras de aludir, examinar, traducir, denotar o connotar. Es decir, son prácticas comunicativas/expresivas que nos habla del ahora, de este presente que nos atosiga con sus enmarañadas contradicciones y complejidades.

Así mismo, Jacques Rancière (2019), desde su campo de pensamiento, intuye en el Arte Actual una posibilidad de re/humanización, que conforma un “Régimen Estético del Disenso”; con otros términos, se refiere al arte que contradice y relativiza el mundo dado por el orden imperante. En este sentido, abre posibilidades para contribuir a la construcción de mundos distintos, desde nuestras esferas de posición y decisión. De otra parte, con la “apropiación” de la obra de Lygia Clark, se puede evidenciar la necesidad implementar una Didáctica de la Educación Artística originada desde sus prácticas actuales; lo cual implica procesos creativos/expresivos, propicia las experiencias artísticas/estéticas, fomenta la lectura sensible/reflexiva/crítica de las imágenes y, sobre todo, la relación teórica-práctica con las diversas realidades de las personas y los contextos de vida.

Lygia Clark y, en conjunto, los artistas contemporáneos nos permiten avizorar nuevas formas de resignificar la Formación de la Primera Infancia. De esta manera la Didáctica de la Educación Artística se puede hacer mayormente pertinente y motivante. Esta sería una de las tareas para asumir en el inmediato plazo.

Para llevar a la práctica las anteriores reflexiones, se gestionó la realización del ejercicio con la Dra. María Liliana Díaz Perdomo. Esta profesora orienta el curso denominado “*Pedagogía Infantil*”, correspondiente al tercer semestre del Programa de Licenciatura en Pedagogía Infantil de la Facultad de Educación de la Universidad Surcolombiana. El ejercicio fue implementado en tres momentos, como a continuación se explica.



Primer Momento

El grupo se encuentra conformado por 39 estudiantes, 38 mujeres y 1 varón. Cuando ingreso al aula, curiosamente el grupo ocupa el perímetro interno del espacio, sentados, dando la espalda a tres paredes y un ventanal; percibo en varias estudiantes actitudes de timidez y en unas pocas de apatía. Después de efectuadas las explicaciones con la correspondiente demostración, algunas estudiantes tuvieron dificultades para comprender la construcción de la “Cinta de Moebius”.

Segundo Momento

Para comenzar a vencer la timidez, le propuse al grupo imaginar que en el momento nos encontrábamos en un recinto dedicado a difundir el arte visual, llamado “*Galería 265*” (Número del aula). Además, que ellos eran los artistas, para que efectuaran el montaje y explicaran sus obras, realizando “apropiaciones” (uso) de todo lo que allí se encontraba.



Tercer Momento

Durante las explicaciones, los estudiantes identificaron que el concepto común que prevalecía en sus propuestas era el de “*Infinito*”, por lo cual comenzaron a relacionarlo con problemáticas del contexto colombiano.

Entonces, emergió la idea de llevar los trabajos fuera del aula, hacia los espacios de la Universidad. Para ello organizaron grupos de trabajo.



Lista de imágenes

Fotografías tomadas por la Dra. María Liliana Díaz Perdomo durante la realización del ejercicio con estudiantes del curso “Pedagogía Infantil”, correspondiente al tercer semestre del Programa de Licenciatura en Pedagogía Infantil de la Facultad de Educación de la Universidad Surcolombiana, 2023.

Referências

Giunta, Andrea (2014). *¿Cuándo empieza el arte contemporáneo?*

Buenos

Aires: Fundación arteBA.

Rancière, Jacques (2019). *Disenso. Ensayos sobre estética y política.*

México: Fondo de Cultura Económica.

Smith, Terry (2012). *¿Qué es el arte contemporáneo?* Buenos Aires: Siglo XXI.



No hay camino, hace camino al andar

Percurso, registro, o outro

Jéssica Mami Makino

FFCLRP - USP

50 caminhantes, sem mapa, sem trajeto definido, mas com propósitos: viver a experiência desenhada por Lygia Clark em sua proposição Caminhando, a partir da leitura de Mirian Celeste Martins.

50 pedaços de papel, 50 tesouras, 50 smartphones, uma conta de padlet.

Uma professora propositora e um ator-fotógrafo.

Uma sala de aula do curso de Pedagogia, uma noite de segunda-feira.

Todo cambia: um desafio extra foi lançado: duas fotografias, na primeira, a fita em interação com o corpo; na segunda a fita em interação com um objeto.







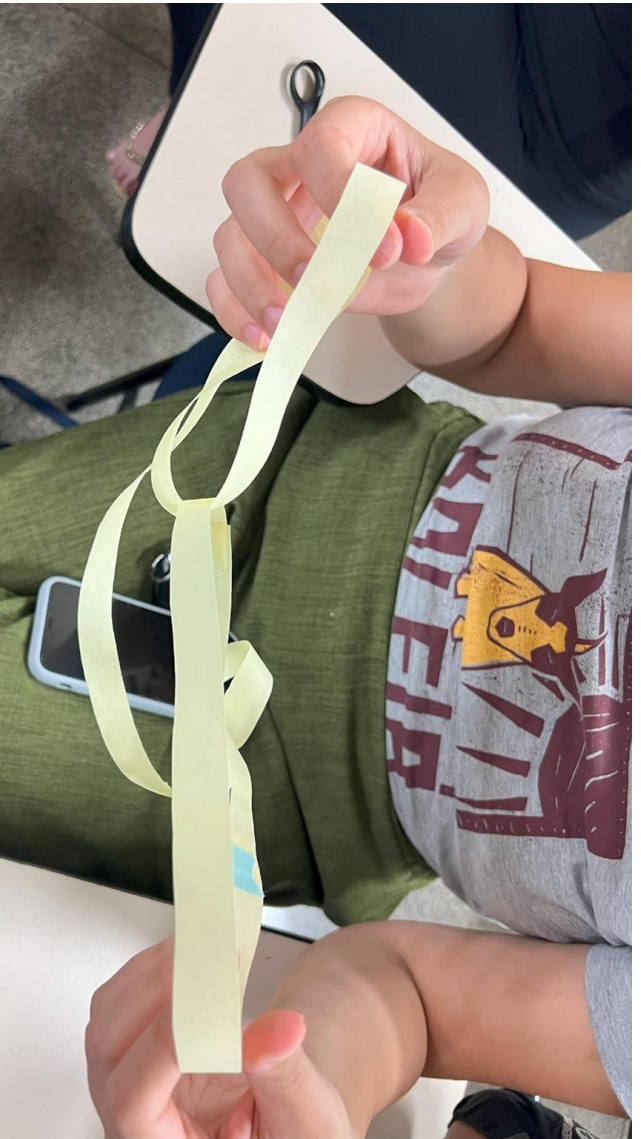
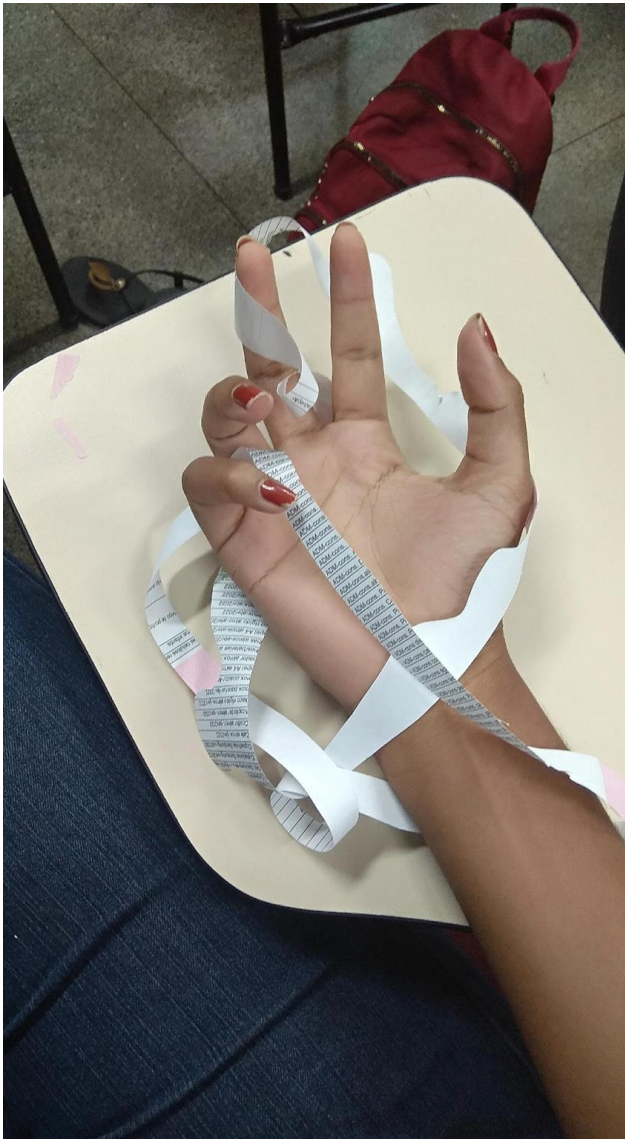
Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.
(Antonio Machado 1875-1939)

Cortar a fita de Moebius. Seguir à direita, à esquerda, à frente? No hay camino, hace caminha al andar.

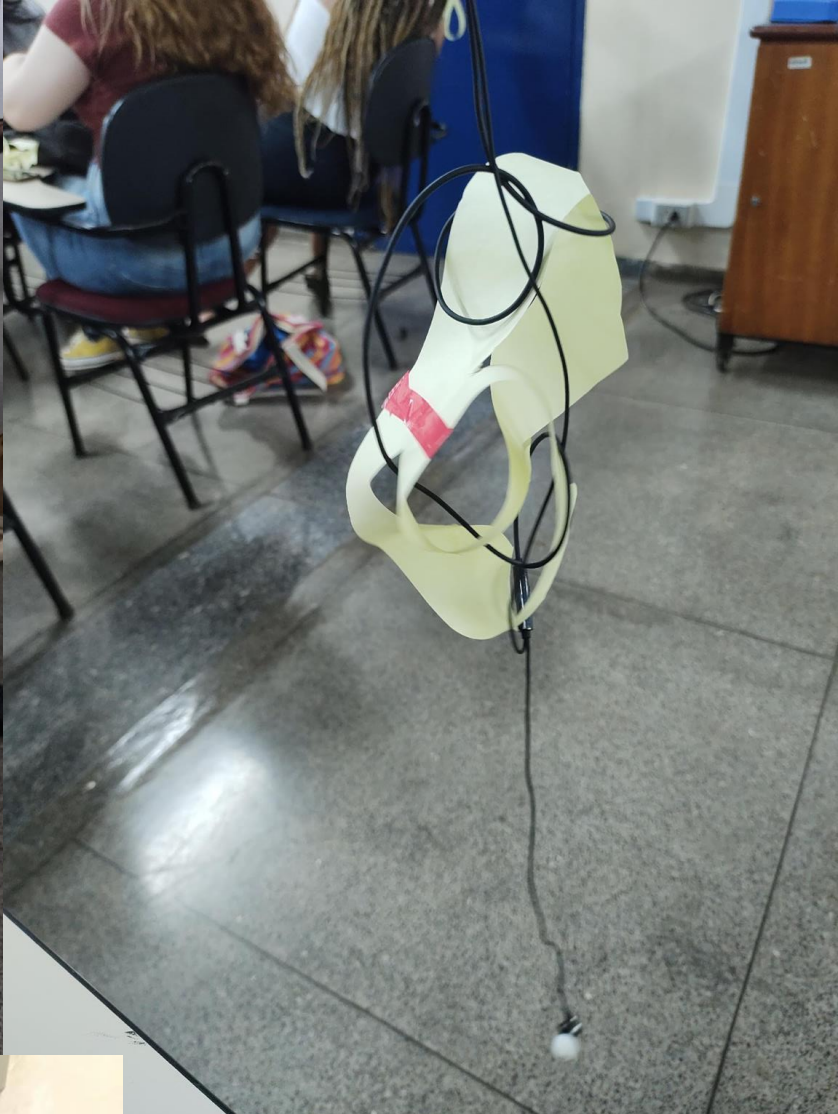
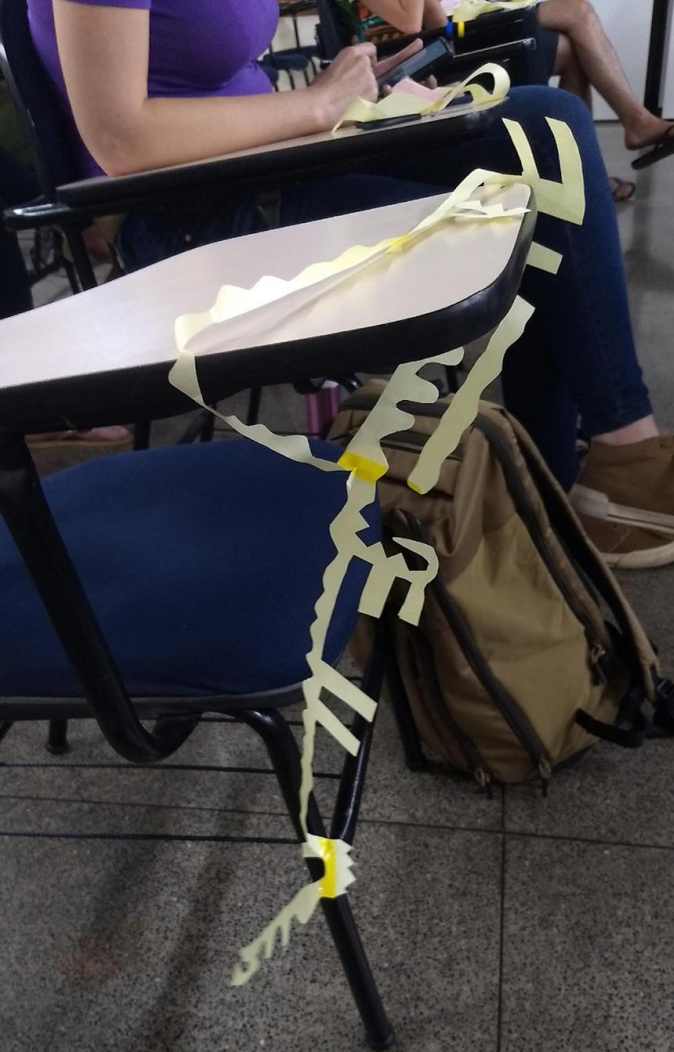
Cortar a fita de Moebius. Corte reto, sinuoso, com reentrâncias, sinuosidade ou em zigue-zague? No hay camino, hace caminha al andar.

Vestir a fita, dançar com a fita, pô-la nos membros, na cabeça, dar-lhe funções: coroa, anel, pulseira, colar... No hay camino, hace caminha al andar.

E a fita com um objeto apoiar, agrupar, entrelaçar, justapor, confundir, amarrar, pendurar, sobrepor, sobpor. No hay camino, hace caminha al andar.









y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar
(Antonio Machado)

Na projeção do padlet.

Olhar a produção do outro.

Ver a sua própria produção dentre as produções dos outros.

Ver os caminhos dos outros a partir de seu próprios recortes de olhar.

Quais são os meus recortes?

Volver la vista atrás.

Alimentar-se do repertório do outro.

Constituir um repertório coletivo.

Se ve la senda que nunca se há de volver a pisar

Lista de imagens

1. Autora (2022). *Hace caminho*. Foto ensaio a partir de registros fotográficos de João Vítor Zanato
2. OSAKABE, Érika (2022). Fita de Moebius em interação com o corpo
3. FRANÇA, Eziane (2022). Fita de Moebius em interação com objeto
4. POLI, Mateus (2022). *Tesoura de frente e Tesoura na fita*
5. ROMÃO, Giovanna (2022). Fita de Moebius em interação com o corpo
6. ZANATO, João Vítor (2022). Registro fotográfico da experiência
7. FRANÇA, Eziane (2022). Fita de Moebius em interação com o corpo
8. TEODORA, Amanda (2022). Fita de Moebius em interação com o corpo
9. PILOTTO, Laura (2022). Fita de Moebius em interação com o corpo
10. PILOTTO, Laura (2022). Fita de Moebius em interação com objeto
11. LAXA, Lorena (2022). Fita de Moebius em interação com objeto
12. ALMEIDA, Evelize (2022). Fita de Moebius em interação com objeto
13. VINHOTA, Fernando (2022). Fita de Moebius em interação com objeto

Referências

CLARK, Lygia. Caminhando (obra, 1963). Disponível em:

<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>. Acesso em set. 2023

MACHADO, Antonio. *Poesias completas*. (Kindle paperwhite edition). Recuperado de amazon.com (s.d.). Acesso em set. 2023



Caminhando com Lygia Clark

Lygia Clark .Arte participativa . Fita de Moebius.
Subjetividades. Formação Docente.

Juliana Bussolotti

Raquel Balduino da Silva

Michael Santos Silva

Ana Paula Vaz Boechat
UNITAU - GEAEC/MPE

Em 2023 , no dia 12 de abril, numa sala da turma do 1º Semestre do Curso de Pedagogia da modalidade presencial na Universidade de Taubaté durante a aula de Conteúdos e Metodologia do Ensino de Arte, com a presença de 16 alunos de um total de 32 , a professora que ministra a disciplina abre espaço para nossa vivência: processos de criação, formação e reflexão com intuito de estimular a sensibilização. Dessa maneira, a prática de fazer e pensar a arte provocou um aspecto social da subjetividade necessário para "sair da bolha" (ICLE ,2021, p.11). Havia um incômodo no ar, era uma noite marcante; uma vez que, as cadeira vazias sinalizavam ausências interrompidas pela violência que chegou às escolas. Neste dia, os alunos de locais mais distantes não conseguiram vir a aula devido à paralização de ônibus provocada pela divulgação de ameaças de ataques a Escolas.

“As muitas linguagens artísticas e não-artísticas , verbais e não-verbais moldam-se numa matriz comum: nas vivências do espaço. Nesta experiência fundamental se desenvolvem a consciência, a percepção e a autopercepção das pessoas, assim como seu senso de identidade.” (Ostrower, 1999.p.81)



E caminhar com Lygia Clark seria uma experiência reveladora com curvas acentuadas nos fazendo seguir. Olhos curiosos e atentos misturavam-se a toda apreensão do momento. Rompeu-se o silêncio, a professora explica a presença de visitantes e o motivo : ***A vivência de uma proposição***

De repente, folhas sulfites, tesouras , canetinhas e cola transitam pela sala preenchendo espaços, trazendo perguntas e o caminho se abre.

Grupos trocavam entre si ideias, uns preocupados com a partida e outros com a chegada :

“Como começar a caminhar?”

“Como isso vai ficar?”.

Assim iniciamos a caminhada, muitas faixas de papel e dúvidas acompanhavam a escolha de:

Cores , Imagens , Formas e Palavras.





Como torcer a faixa de papel? Desenha nos dois lados? Corto em cima do desenho?

E o caminho de Lygia Clark foi surgindo entre *indagações, dificuldades, risadas, frustrações e silêncios*.

Terminada a fita com todas as suas voltas e linhas, um círculo foi formado e as experiências divididas.

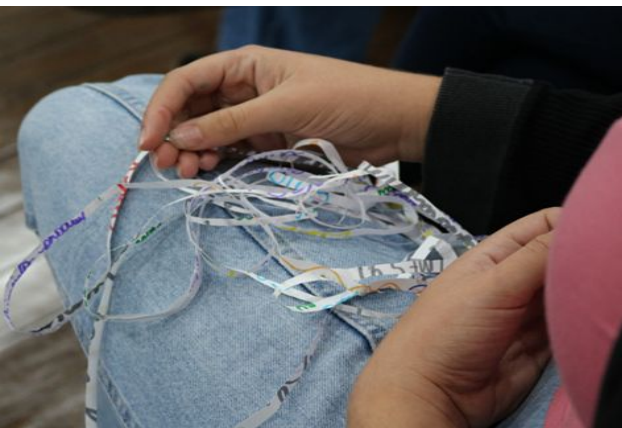
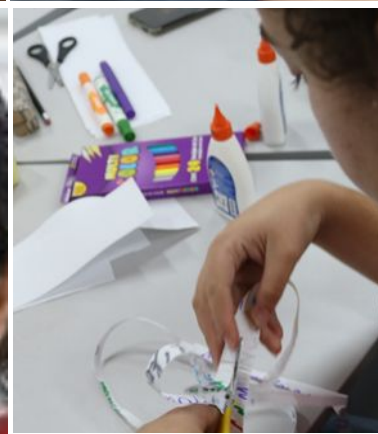
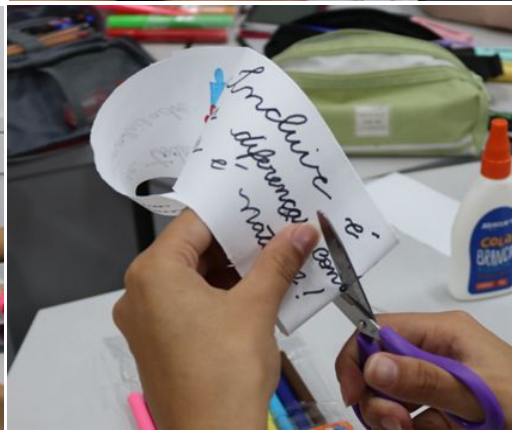


Uma aluna iniciou a roda de trocas com o seu relato, que no processo pensou na sua jornada até a Pedagogia, o quanto as diversas faixas mostravam os caminhos os quais escolheu, como também aqueles que precisou cortar.

Em seguida, outra aluna tomou a palavra e relatou sua angústia com o fato de ter que cortar seu desenho, assim, confessa que preferiu não cortar.

Outra aluna narra que a experiência reavivou dificuldades que viveu e revela que, inclusive, estava sentindo sensações físicas de desconforto, mas que precisava reconhecer e lidar com esse processo, uma vez que afirma ter escondido seus sentimentos.

Em outro relato, uma aluno comenta que o infinito das linhas trouxe incômodo, e por isso, preferiu cortar, como se cortasse o que era preciso não ser infinito.



Tomando a palavra, outra aluna que havia desenhado na fita elementos de sua crença e imagens que simbolizava seu pai, como fonte de incentivo para sua escolha em fazer Pedagogia, além de palavras que permeavam sua experiência com a docência; comenta que ao ver os fios torcidos que uniam essas imagens, palavras e símbolos, fez com que ela sentisse orgulho do que produziu, de suas escolhas e que trouxe uma força para continuar .

Durante o processo de execução uma aluna não conseguiu fazer a fita, reconheceu o porquê não conseguia realizar as etapas sem que fosse instrumentalizada, declarou que desejava que dissessem exatamente o que teria que fazer, “não soube lidar com a liberdade de escolha do que desenhar, ou do que colocar no papel, ou ainda ter que escolher ‘o caminho’ do corte”.



As trocas na roda ocorriam num vai e vem e as inquietações a respeito da docência diante da violência vieram à tona, trouxeram suas reflexões ao realizar suas fitas: um aluno conta que ao cortar o papel e se *sentir surpreso com as diversas linhas que surgiam, relacionou com o fato de sua atuação como professor poder ser essa possibilidade para seus alunos.*

Com base nos relatos dos licenciandos, observou-se que a vivência de práticas artísticas pedagógicas oportuniza espaço para o saber sensível, num diálogo plural sobre a vida humana diante de uma mediação cultural aberta à realidade dos participantes.

Lista de imagens

- 1- Acervo GEAEAC (2023). Processos subjetivos. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais, do processo visual.
- 2- Acervo GEAEAC (2023). Experiência reveladora. Foto-ensaio composto por duas fotografias digitais, do processo da apresentação da proposição.
- 3- Acervo GEAEAC (2023). A vivência de uma proposição. Foto-ensaio composto por uma fotografias digital, do início da vivência da proposição.
- 4- Acervo GEAEAC (2023). A vivência de uma proposição II. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais, desenvolvimento da vivência da proposição.
- 5- Acervo GEAEAC (2023). A vivência de uma proposição III. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais, da roda de conversa referente a vivência da proposição.
- 6- Acervo GEAEAC (2023). A vivência de uma proposição IV. Foto-ensaio composto por treze fotografias digitais, do processo da vivência da proposição.
- 7- Acervo GEAEAC (2023). As inquietações. Foto-ensaio composto por duas fotografias digitais, do processo da vivência da proposição.

Referências

CLARK, Lygia. Caminhando (texto datilografado, 1964). Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/7041/caminhando>. Acesso em 10 abr. 2022

CLARK, Lygia. Caminhando (obra, 1963). Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>. Acesso em 10 abr. 2022

ICLE, Gilberto (Organizador). Formação e processos de criação: pesquisa, pedagogia e práticas performativas / Gilberto Icle (Organizador) - São Paulo: Editora Max Limonad, 2021.

OSTROWER, Fayga. Acasos e Criação artística. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Campos, 1999. p.81



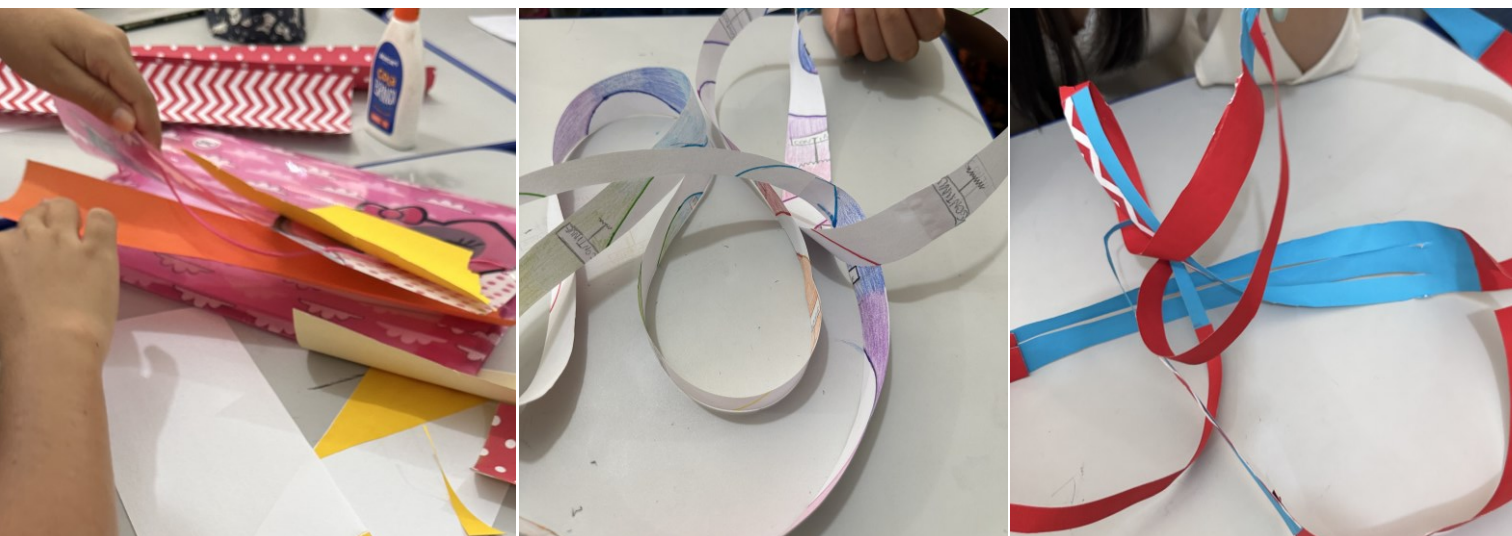
Caminhando - Lygia Clark

Experiência Estética. Potencialidade.
Resistência Formação Docente

Dilma Marques Silveira Klem

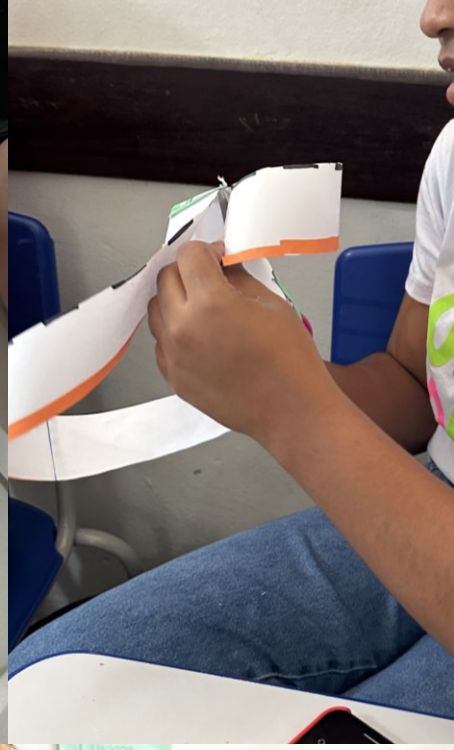
Universidade. Estadual de Montes claros

A obra Caminhando de Lygia Clark foi referência para realização de uma proposição que trouxesse não simplesmente o fazer mais que viesse à tona a experiência estética no processo, enfatizando conceitos, escolhas e reflexões. Dewey (1980, p.19), ressalta que: “Não experienciamos porque conhecemos, mas conhecemos através da experiência; é a ação humana, na experiência, que gera o conhecimento.” Pensamento que converge com a ideia de Lygia Clark que realça “o ato é que produz o caminhando. Nada existe antes dele e nem depois”, (1963). E nessa perspectiva de tornar a ação, provocadora e pensante, realizou-se esse projeto com a turma de Pedagogia/Unimontes, composta somente por mulheres, na disciplina de Arte Educação, onde pôde-se perceber conexões significativas com o cotidiano.



Papeis coloridos, tesouras, colas, lápis e outros materiais foram o suporte para suscitar a imaginação, o pensamento visual e metafórico, conectando às ideias de Lygia Clark, onde a decisão de escolha é o sentido primordial dessa experiência. Um fazer; efêmero, porém, ressoa no pensamento, potencializando a formação de conceitos, mudanças, e por que não, resistências a novos processos.







Esta ação proporcionou tecer saberes, experiências, formando uma trama coletiva e colaborativa com ideias, reflexões e conexões ao cotidiano. Inicia-se apresentando a Lygia Clark como uma artista que rompe com a obra da arte clássica e propõe uma arte integrativa, onde a obra é o ato, destacando a obra “Caminhando”. Sem descreve-la, e indo além da proposta da artista, faz-se o desafio da inventividade, explorando a criatividade, dando a liberdade para que cada participante trabalhasse com escolhas de materiais e técnicas, conforme a imaginação, gosto e conhecimento pessoal, a produção da fita de moebius.

Nessa etapa já se percebe as diversidades culturais, perceptuais e artísticas. Os temas, as formas, as cores, as colagens e desenhos, revelam a peculiaridade de cada uma. As escolhas começam a despontar em virtude da bagagem cultural e artística individual.

As produções das fitas foram feitas em sua maioria, sem a preocupação de imprimir um conceito, mesmo porque deixamos a criação livre. No entanto, algumas estudantes, conectaram o fazer criativo com o título da obra de Lygia, criando desenhos remetendo: passos, caminhos e setas. Houve muita euforia, vivacidade, buscando realizar um trabalho “bonito”.



Ao terminarem a fita, passa-se a próxima etapa. Cortar a fita criando percursos de caminhos, fazendo escolhas, seguindo em frente ou interrompendo conforme as dificuldades e facilidades de cada uma. Um processo que trouxe medos e inseguranças para algumas estudantes, mas uma aventura que traz satisfação para outras. Por onde a tesoura percorre, revela a escolha que está sendo feita para construir um caminho. Esse ato de cortar o papel, permite que os pensamentos passem fazendo conexões com o cotidiano, com as escolhas que são feitas na vida, abrindo caminhos, criando atalhos, fazendo descobertas e criando novas possibilidades.

A princípio, foi a etapa que trouxe mais angústia, pois toda a criação, seria agora de certa forma desconstruída. Algumas expressões de resistências foram manifestadas, a ideia de não mexer em algo que está “pronto” e “bonito”. Contextualizando essa experiência na docência, a resistência se faz presente a partir da estagnação do professor, não se dispondo a fazer novas descobertas e caminhos, acomodando em planos que já estão prontos com metodologias tradicionais.

No decorrer do processo, no entanto, todas perceberam que a proposta não residia na beleza em si, mas nas possibilidades de movimentos, de percursos e de caminhos. E, naturalmente, as estudantes entrelaçavam as ideias subjetivadas à realidade cotidiana fora e dentro do ambiente educacional.

Em uma roda de conversa todas puderam compartilhar as experiências, trazendo reflexões sensíveis e significativas para o dia-a-dia pessoal e para docência.

Lista de Imagens

1. Metáfora. Foto-Ensaio. Autora (2023)
2. Entrelaçamentos. Foto-Ensaio. Autora (2023)
3. Inventividade. Foto-Ensaio. Autora (2023)
4. Caminhos e descobertas. Foto-Ensaio. Autora (2023)
5. Enlace ideia e matéria. Foto-Ensaio.
6. Coletividade. Foto-Ensaio. Autora (2023)

Referências

DEWEY, John. Experiência e natureza. (Col. Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1980.
CLARK, Lygia. Caminhando (Walking). 1963. Disponível em:
<https://www.moma.org/audio/playlist/181/2392>



Caminhar com Lygia para encontrar(se)

Lygia. Experiência. Encontro.Arte

Lutiere Dalla Valle

Universidade Federal de Santa Maria

Mais um encontro inicia. Chego na sala de aula com rolos de fita de papel embaixo do braço. Ingresso na sala de aula, a turma esperando. Sorrisos curiosos, algumas frases do tipo “o que será que ele via inventar hoje?”. Na sequência, convido o grupo a se aproximar para dar início ao nosso encontro pedagógico (assim definimos que seriam chamadas nossas aulas na universidade).

Para cada encontro, procuro trazer uma surpresa, que pode ser a partir de uma Nutrição Estética (Martins, 2018) ou uma proposição experimental que possa estabelecer alguma relação com os conceitos e conteúdos previstos na ementa da disciplina. Meu intuito neste contexto é ativar o modo ‘inesperado’, do acontecimento. Os materiais concebidos como “ativadores” do pensamento que se produz coletivamente por meio das negociações e dos improvisos que buscam responder às provocações lançadas.

Logo, a experiência lhes toca profundamente: enquanto caminham pelo Centro de Educação da Universidade, redescobrem alguns espaços. Em duplas, desloca-se compartilhando histórias de vida. A proposta inclui compartilhar momentos que a experiência suscita. Que memórias poderiam ter sido acionadas? Como dar conta em um texto de uma experiência atravessada por fazeres artísticos coletivos?



Caminhar, recortar, olhar, perceber. Parar. Convidar alguém. Produzir imagens a partir da experiência. Proposição que afeta. Deixar-se afetar pela experiência. Compartilhar. Experimentar coletivamente. Imaginar uma pausa poética para encontrar(se). Artistar! A aventura continua...



Para finalizarmos o percurso, lhes propus que produzissem uma imagem onde incorporassem o recorte produzido ao seu corpo. Sugerí que pudessem criar uma cena, ou envolver uma parte ou membro de seus corpos. Quiçá alguma composição com o ambiente, percebendo a luz, a perspectiva, a cor, entre outros elementos que pudessem entrar no enquadramento. Em seguida, compartilhar no Grupo WhatsApp as imagens produzidas.

Pouco mais de uma hora depois do início da proposição, começaram a chegar as imagens no meu telefone celular. Fiquei surpreso com o cuidado com as composições: enquadres e perspectivas poéticas variadas, refletindo o caráter singular de cada sujeito. Entre risos expectativas, expressões de surpresa e contentamento pairavam pela sala de aula. O caráter ainda inusitado da aventura, evocava aspectos relacionados ao lúdico e também ao performático, às dinâmicas do corpo sendo afetado enquanto suporte para um outro modo de pensar e propor o desenho – agora (in)corporado.

Trazer o desenho para o corpo como um modo de finalizar a experiência lhes possibilitou, como argumenta Natália Calderón entrelaçado por percursos que valorizam o *estar juntos* e *aprender juntos* como um posicionamento político e também sensível às necessidades humanas.

(...) este processo de aprendizagem é, portanto, profundamente íntimo e inteiramente político. Quando me refiro a aprender juntas/os não me refiro unicamente a humanidade, mas a tomar distância de lógicas antropocêntricas para assumirmos imersos em constelações e ecossistemas” (Calderón, N., 2020. p. 10)

Considerando as experiências artísticas como fomento ao diálogo entre arte, cultura contemporânea e educação, também lhes proponho examinar, refletir e ampliar os sentidos sobre aprender ao colocar em perspectiva a complexidade e a diversidade de modos de pensar. Neste sentido, os materiais como ativadores dos distintos percursos de aprendizagens, tanto por meio da criação de objetos ou pequenas intervenções nos espaços públicos da faculdade de educação, oportunizaram interações com outras pessoas que transitavam pelos espaços de acesso público.

Ao ampliar o modo textual de dar conta do que significa *aprender a ser docente* em uma universidade, estas práticas artístico-pedagógicas envolvem outros aspectos, tais como: *negociação, toma de decisões, empatia, protagonismo, autorizando-as* a dar conta de percursos de aprendizagem que se deslocam pelas vias da sensibilidade inventiva.

Para Fernando Miranda (2014) as ações criativas como práticas pedagógicas consistem em “manifestações por excelência de subjetividade e de sua singularidade, então é necessário aceitar que cada criador e cada expectador, como cada estudante e cada professor, terá uma ou várias maneiras de resolver sua criação cultural e sua atuação pedagógica – individual e coletiva” (p.163). O que de fato promove a abertura a outras percepções de si e do outro. Posicionamento que contribui para pensar e propor práticas pedagógicas plurais, inclusivas e atreladas às suas capacidades inventivas.







As imagens ou experiências [artísticas] que têm uma referência emocional permanecem conosco, talvez ocultas em nosso inconsciente, para aparecer e provocar uma resposta mais tarde. (Hernández, 2013, p. 51)

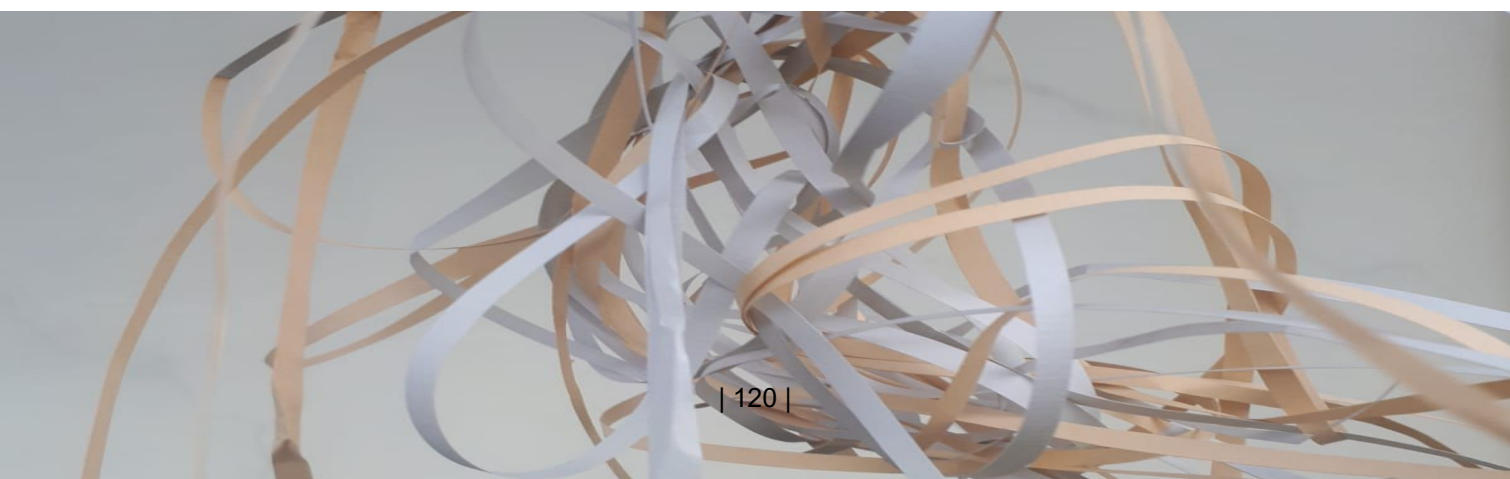
Nossos itinerários formativos na universidade almejam a experiência artística, isto é, um mergulho no processo criativo permeado por práticas individuais e também coletivas. Como já mencionado, muitas destas experimentações, disparadas a partir de obras de artistas contemporâneas constituem exercícios que tem ampliando e desconstruindo as categorias tradicionais (desenho, pintura, escultura) das produções artísticas atuais onde todo material é potencial para a produção em arte. Dentro desta abordagem, as estudantes são desafiadas a compreender as infinitas possibilidades que se abrem ao espaço educativo, pois: “a nutrição estética é um modo de provocar uma tradução, uma reconstrução que faça sentido para si mesmo e que seja provocadora para buscar outras respostas para além do habitus que nos molda (Martins, 2018, p. 05).

Destarte, estas práticas configuradas a partir de um conjunto de experiências relacionais que se movem entre o biográfico, o afetivo e o profissional que atravessam o ato de *professorar(se)*: aprender a *ser professor/a*, atravessadas pela prática de estabelecer relações em/por meio das artes, colocam em diálogo perspectivas e contextos que lhes permitem intercâmbios inesperados, acionados pelo caráter afetivo, pois “os afetos, ou as emoções, desempenham um papel primordial na aprendizagem. Também as reflexões. Tudo isso, entrelaçado com os conhecimentos” (Hernández; Apraiz; Gil; Gorospe, 2020, p. 24).



Caminhar com Lygia tem provocado experiências distintas em vários contextos e situações. Começamos com as turmas de pedagogia nas aulas de Artes Visuais e Educação (disciplina obrigatória do currículo) e ampliamos a outras licenciaturas. A experiência compartilhada, vivida e experienciada em sua intensidade, tem produzido ressonâncias na Faculdade de Educação: na pós-graduação, nos encontros de formação de professores. Desde que comecei a andar de mãos dadas com Lygia, escuto pelos corredores: “também quero caminhar com Lygia!”. Ou então, “também quero experimentar”.

Lygia segue viva! Seu trabalho segue pulsando e inspirando gerações. Proposições que nos tocam, nos afetam. Não há quem permaneça imune ao seu endereçamento, ao convite que há décadas nos movimenta e nos incita à experiência estética em todas as suas dimensões. É justamente neste ‘entre’, nas pausas poéticas que nos encontramos com nossos pensamentos, sonhos, desejos e aspirações. Caminhar com Lygia talvez tenha sido uma das proposições mais simples e também mais profundas: nos permite acionar o que há de mais potente em nossos percursos pela vida e nossa humanidade inventiva.





Um convite para o inusitado, para o devir. Neste interim, algumas experiências com a formação docente na universidade nos diferentes níveis (graduação e pós-graduação) em contextos situados (disciplinas regulares e seminários especiais) tem ajudado a reflexionar não apenas sobre como nos constituímos docentes, mas também examinar de que modo as experiências com/a partir das artes têm possibilitado acessar aspectos das singularidades que atravessam o modo como nos posicionamos enquanto agentes em contextos coletivos.

Seja qual for o contexto, estar com Lygia como aliada, nos ajuda a lembrar quem somos e o que fazemos aqui. Nos impele a pausar o tempo frenético das demandas institucionais para nos entregarmos ao momento presente e compreender a arte justamente como este ato de presença. Como dizia Lygia que a medida que se corta a fita, mais fina ela fica, tornando impossível o caminho de volta – algo que segundo ela, consiste o processo criativo do trabalho: nada existe antes e tampouco depois, mas reside em seu percurso. (MOMA). A ação de caminhar e pensar além do gesto produz, portanto, a experiência que atravessa a reflexão de encontrar-se em seus próprios pensamentos. Isto, abre este espaço ao diálogo entre o interno e o externo, provendo conexões muito variadas e singulares

Os desafios que surgem entre o artístico e o pedagógico, envolvem revisitar concepções sobre arte, artistas, e experimentações artísticas frente à necessidade de romper com imaginários construídos trazidos enquanto repertórios imagéticos do que poderia ser uma aula de artes visuais. Ao fomentar junto às estudantes (a maioria são mulheres) como compreendemos o lugar e o sentido pedagógico das práticas artísticas em nossos fazeres educativos – nos diferentes níveis e contextos – para além de procedimentos técnicos de experimentações materiais, lidamos com modos de ver e interpretar o mundo simbólico, que por sua vez reverbera naquilo que se compreende como ato de ensinar.

Desenvolver experimentações artísticas em sintonia com a complexidade do mundo contemporâneo requer levar em consideração, para além das materialidades, o pensamento que atravessa as experiências de vida dos sujeitos envolvidos, sobretudo a partir dos repertórios visuais que participam de seu cotidiano, pois, “o ato de imaginação desborda o instante, a imaginação se nutre das imagens, sensações, sons, ruídos, experiências que já estão ali e se propagam às relações” (Calderón, A. S., 2022, p. 58).

Deste modo, o espaço formativo da universidade não consiste em acessar a campos epistemológicos relacionados ao campo disciplinar, apenas, mas é também um espaço onde se aprende a socializar, a escutar o outro, aprender sobre/com os outros e sobre si mesmos. Isso requer atentar aos movimentos que surgem dentro da sala de aula, de modo coletivo, onde o docente constrói a proposta juntamente com o grupo, examinando quais são seus repertórios, de onde vem, como são construídos, o que dizem de si mesmas e de que modo poderíamos acionar/estabelecer novas/outras referências e/ou conexões.

Aprender de modo relacional, onde o afetivo, o cognitivo estejam emaranhados, conectamos o aprender com os afetos, com aquilo que atravessa e promove rupturas com o caráter hegemônico que tende a habitar suas visões de mundo no que tange ao campo das artes visuais.

Lista de imagens

- 1 – “Caminhando com Lygia” – Acervo do Autor. 2023.
- 2– “(in)corporando o desenho”– Acervo do Autor. 2023
- 3– “(in)corporando o desenho”– Acervo do Autor. 2023
- 4– “(in)corporando o desenho”– Acervo do Autor. 2023
- 5– “(in)corporando o desenho”– Acervo do Autor. 2023
- 6– “(in)corporando o desenho”– Acervo do Autor. 2023
- 7– “(in)corporando o desenho”– Acervo do Autor. 2023

Referências

Calderón, Andrea Soto. *Imaginación material*. Madrid: Ediciones Metales Pesados, 2022.

Calderón, Natalia. *Pedagogías situadas*. In: García-Huidoro, Rosario; Hoecker, Gabriel. *Artes + Pedagogía: dos cruces y mil subjetividades*. Santiago de Chile: Imprenta Salesianos, 2020, p. 10.

Hernández-Hernández, Fernando; Apraiz, Estibaliz Aberasturi; Gil, Juana M. Sancho; GosrospE, José Miguel Correa (Eds.). *Cómo aprenden los docentes? Tránsitos entre cartografías, experiencias, corporeidades y afectos*. Barcelona: Octaedro, 2020

Hernández-Hernández, Fernando. *Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual*. In: Martins, R. y Tourinho, I. (org.). *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

Martins, Mirian Celeste. *Nutrição estética: por uma didática poética na formação do professor*. Anais XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil. VI Congresso Internacional da Federação de Arte/Educadores. Brasília, DF, 6 a 9 de novembro de 2018.

Miranda, Fernando. *De lo expositivo a la acción pedagógica*. (in) ALONSO, S; CRACIUM, M. (Org.). *Colaboración: el ojo colectivo - formas de hacer colectivo*. Montevideo: Mec, 2014.



Caminhando com Lygia Clark

Corpo - Arte - Formação Docente

Adrienne Ogêda
Michelle Dantas
Virna Bemvenuto
UNIRIO

Afrouxemos o passo para caminharmos juntos por uma noite de sexta-feira. Doze de maio de dois mil e vinte e três. Turma de Corpo e Movimento, Faculdade de Educação (UNIRIO). Quatro horas de duração. Caminhando e seus desdobramentos. Que pode a arte na formação docente? Desmontamos as mesas, dispomos os colchonetes pelo chão. Corpos cansados entram na sala, carregando a si mesmos e suas bagagens de muitos caminhos: sacolas, mochilas, roupas, cadernos, livros, textos, memórias, pele, pensamentos, ossos, cansaços, suor. Aqui, seguir *Caminhando* para provocar percepções sensíveis, atentas às singularidades dos processos de formação. Seguir *Caminhando* para abrir caminho à uma formação dilatada no tempo, no espaço, no corpo.



Como essa proposição criada por Lygia em 1963 pode nos provocar atualmente? Sendo o interesse de Lygia esgarçar os contornos do que pode ser arte na contemporaneidade, compreendendo em sua poética o corpo e seus processos de subjetivação, amplia as relações entre arte e vida, não apenas de modo a elaborar aproximações, mas de compreendê-las como interface potente na invenção de nós mesmos e do/com o mundo.

O convite ao *Caminhando* iniciou-se com a chegada ao corpo. Os olhos fechados, corpos esparramados no chão, uma parceria com a gravidade para a escuta dos caminhos do dia, os caminhos que ficaram no corpo, do amanhecer até aquele momento na universidade. Alguns estudantes dormiram, encontraram um pouso para as intensidades do dia. Após, buscamos caminhos até a postura sentada, investigando os apoios, os eixos, os ajustes corporais necessários. Apresentamos a proposição de Lygia Clark, seu contexto de criação, seus movimentos impulsionadores do ato como obra de arte. Tomamos as palavras da própria artista em nossas bocas a fim de enunciar seu contexto de criação. A fita de Moebius, reconhecida por muitos como símbolo do infinito foi, agora, conhecida como espaço topológico para pensarmos a relação entre o dentro e o fora, compondo um dentro-fora.







Construímos as fitas com papel, realizamos as torções, colamos. Alguns estudantes sentiram dificuldade em realizar torção para a construção da fita. Auxiliamos o processo, privilegiando que cada uma encontrasse um modo de investigar o material. Depois, distribuímos as tesouras para que todas começassem a cortar juntas. Muitas optaram em desviar do corte feito anteriormente, percebendo a noção de continuidade. Conversamos sobre os caminhos e seus desafios, suas formas, tamanhos e espessuras. Muitas estudantes tomaram a prática como metáfora para a vida. Compartilharam a dificuldade em permanecer cortando quando a fita vai ficando fina, a angústia do risco de romper o caminho, o corpo que vai adentrando os elos entre os cortes já feitos, quando já não se pode saber, precisamente, onde foi o início de tudo. Como desdobramento, convidamos a mover o corpo junto a fita, ativando o campo sensorial. E lançamos a questão: como os caminhos se encontram? Daí, uma ação coletiva de construção de uma rede de caminhos, cruzamentos possíveis para invenção de um modo de caminhar juntos. Percurso interventivo pela Faculdade de Educação, tensionando modos de habitar. Do cortejo nasceu cantoria, brincadeiras e interação. A turma decidiu instalar a rede de caminhos na portaria da faculdade e as fitas pendentes ativaram o olhar dos transeuntes: um pouso em lugar de passagem. Seguimos propondo uma caminhada pelo campus, à procura de “uma pedra no caminho”¹, “algo que entranha a alma”². Retornaram à sala de aula com objetos diversos: pedras, escombros, plantas, uma placa indicando “cuidado piso molhado”. Para cada objeto, uma pergunta mobilizadora da roda de conversa. Quais pedras encontramos no caminho da formação docente? Como essa experiência pode te mobilizar para a educação? O que se mobiliza no seu corpo com essa experiência?

Com espaço para escuta e desabafos, a proposição abriu caminho para muitas reflexões: adoecimento docente, cansaço pela sobrecarga de trabalho, ansiedade. A experiência em sua radicalidade de força mobilizadora de vida, presença, escuta do corpo, propõe um espaço-tempo possível para uma formação inventiva e cuidadosa, não se tratando meramente de um modelo para ser aplicado, mas de uma possível ético-estética docente (LOPONTE, 2011).

Lista de imagens

1. Autoras/Acervo da pesquisa. *Caminhos*. Três fotografias digitais
2. Autoras/Acervo da pesquisa. *Corte*. Fotografia digital
3. Autoras/Acervo da pesquisa. *Abrindo caminho*. Par fotográfico duas fotografias digitais
4. Autoras/Acervo da pesquisa. *Caminhando junto*. Foto-ensaio composto por 7 fotografias digitais
5. Autoras/Acervo da pesquisa. *Rede de caminhos*. Fotografia duplicada com espelhamento

Referências

CLARK, Lygia. *Caminhando* (texto datilografado, 1964). Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/7041/caminhando>. Acesso em 10 abr. 2022

CLARK, Lygia. *Caminhando* (obra, 1963). Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>. Acesso em 10 abr. 2022

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e inquietudes estéticas para a educação. In: *Educação Experiência Estética*. Mailsa Carla Pinto Passos, Rita Marisa Ribes Pereira (organizadoras). Rio de Janeiro: Nau, 2011 p. 39-50

1. Referência ao poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond Andrade
2. Referência ao poema “Educação pela pedra”, de João Cabral de Melo Neto



Andarilhando com Lygia Clark

Ana Paula Abrahamian de Souza

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Fabiana Souto Lima Vidal

Universidade Federal de Pernambuco

Fizemos um chamamento nas paredes das Universidades e pelas redes sociais. O desejo: trabalhar experiências estéticas com discentes do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Elas e eles chegaram, compondo um grupo de 10 estudantes de períodos diversos. Parte do grupo, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, outra parte, da Universidade Federal de Pernambuco. O convite: que todas/os estivessem conosco durante quatro encontros para refletirem sobre uma das questões disparadoras da pesquisa "Formação Docente em/com artes/culturas": como gerar a criação artística que consista em si mesmo uma ação formativa, cultural e investigativa?

Nessa primeira ação, ativada pela proposição artística *Caminhando*, obra da artista brasileira Lygia Clark, produzida em 1963, procuramos reunir condições favoráveis para a mobilização da potência da prática artística com as possibilidades de interpelar a construção da profissionalidade da/do Pedagoga/o: como a fita de Moebius pode dar a pensar a Arte e a Docência? Podemos pensar sobre as nossas vidas e o exercício de reflexão sobre a formação de pedagogas/os com/nessa proposição?

Durante o primeiro semestre de 2023, o Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE), imerso pelas orientações da pesquisa colaborativa "Formação Docente em/com artes/culturas", passou a dar os primeiros passos na/da pesquisa a partir de uma ação extensionista que intitulamos "Andarilhando: trilhas de formação estética por Pernambuco".

Ao adentrarmos nessa ação pesquisante e formativa, não nos desvencilhamos das nossas outras experiências, ao contrário, nos apoiamos nas leituras e em tudo o que sempre nos moveu e nos move no campo da Arte/Educação. Assim, tão logo foi formado o grupo com o qual iríamos caminhar, partilhamos o texto - Notas sobre a experiência e o saber de experiência - de Jorge Larrosa (2014, p. 16-17), para com o par "experiência/sentido" buscarmos colocar em prática outros modos de pensar educação, procurando "dar sentido ao que somos e ao que nos acontece", ou ainda, "ao modo como nos colocamos diante dos outros e diante do mundo em que vivemos".

Partimos para pensar efetivamente o primeiro encontro e, para além das proposições discutidas, planejadas e desenhadas coletivamente, tínhamos em mente o trabalho conectado com o modo de pensar contemporâneo da Arte/Educação. Dito isso, afirmamos que todos os encontros foram planejados em conexão com as ações - ler, fazer e contextualizar – que compõem a Abordagem Triangular, sistematizada, revista e ampliada constantemente por Ana Mae Barbosa. Vale destacar que não foi objetivo nosso discutir a Abordagem Triangular nas ações vivenciadas, mas elas estiveram presentes a todo tempo, em cada encontro.

Por fim, nos apoiamos nas ideias de Mirian Celeste Martins e Renata Queiroz de Moraes Americano (2018, p. 2) sobre como a nutrição estética enquanto "mediação pedagógica, cultural e poética" provoca experiências que nos deslocam "para um lugar de devaneio, de beleza, de imaginação, de desafios perceptivos", de modo a dar a pensar nossas trajetórias pessoais e, no âmbito profissional, no nosso ser/fazer/constituir-se docente.

Cola, papel e tesoura...

Colas, tesouras e papéis coloridos foram os primeiros objetos deixados sobre as mesas. Passamos a observar os materiais enquanto conversávamos sobre a docência, as experiências que nos levam à docência e como as nossas diferentes caminhadas se encontravam naquele mesmo ponto de parada, o curso de extensão.

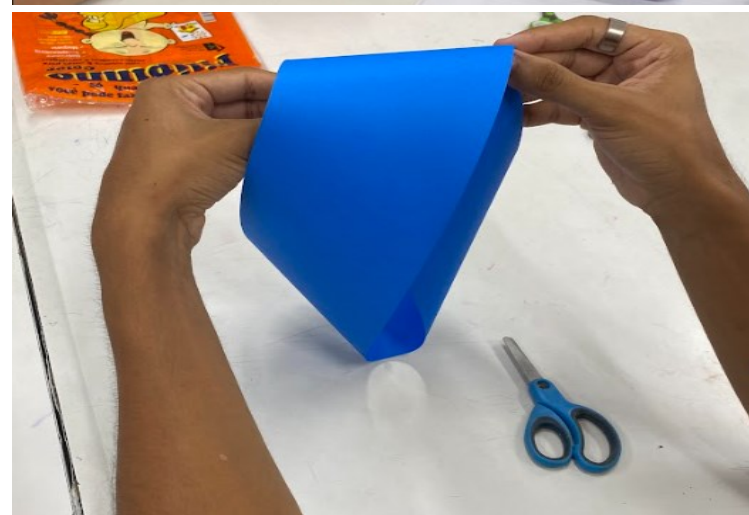
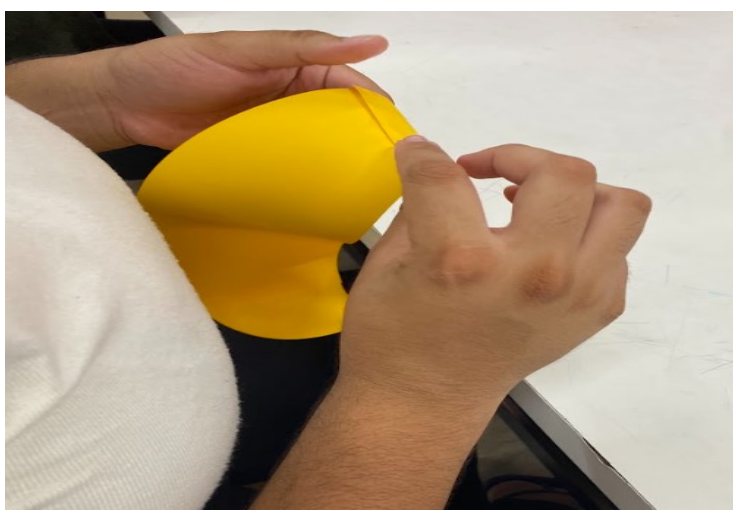
Colocamos os objetos à disposição de todas e todos. Instruções simples foram dadas ao grupo:

- “Vamos agora montar nossas fitas de Moebius”
- “Fita de quê, professoras?”

Sem tentarmos responder de imediato, buscamos mergulhar na proposição pensada para ser vivenciada no nosso primeiro encontro que passou a ser apresentada de forma detalhada.

Iniciamos a indicação para a torção e colagem de uma das extremidades do papel ao avesso da outra.





O ato da torção

Para iniciar, foi preciso fazer menção à fita de Moebius, inspiração da artista. Em seguida, escolher um papel colorido, experimentar possibilidades de fechar o círculo dando uma volta, torcendo a fita e colando as bordas menores pelas extremidades. Uma vez feita a colagem, algumas questões passaram a nos provocar:

O que é o dentro e o que é o fora da fita?

O que aconteceria se deslizássemos os dedos em um dos lados da fita?

Naquele momento, enquanto algumas pessoas observavam atentamente a explicação, outras se desafiavam e se arriscavam. Aos poucos, todas/os estavam imersas/os na proposição artística. Dialogamos com Suely Rolnik (2018), quando a autora descreve a experiência de Lygia Clark e os *insights* que a investigação trouxe para a artista:



[...] aos poucos a artista decifra o que essa experiência lhe revela: a obra propriamente dita se plasma nessa ação e na experiência que promove, e não no objeto que dela resultaria. Tal experiência consiste na abertura de uma outra maneira de ver e sentir o tempo e o espaço: segundo ela, um tempo sem antes nem depois; um espaço sem frente e sem verso, dentro e fora, em cima e embaixo, esquerda e direita. E mais, um devir da forma da tira de papel [...] (Rolnik, 2018, p. 41).

A proposição continuou e precisamos determinar o ponto para iniciar o corte e, feito isso, caminhar com a tesoura no papel, sem interrupções, deslizando a tesoura tentando buscar um fluxo contínuo. Porém, ao chegar próximo ao ponto do pico inicial, os burburinhos, sorrisos e algumas perguntas interromperam um certo silêncio que se estabelecia até então. Foi necessário decidir para que lado seguiríamos, à direita ou à esquerda do corte.

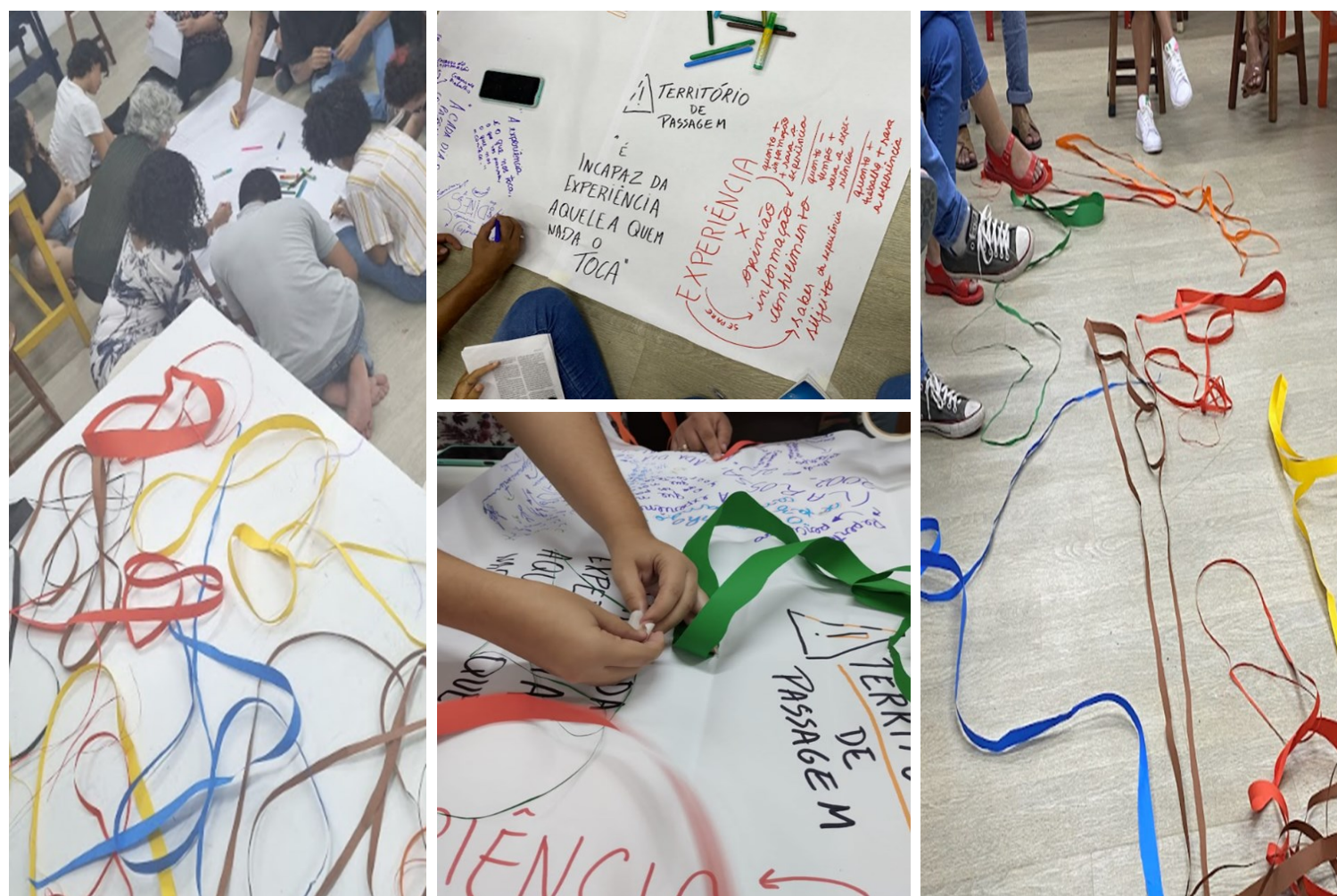
- “Professoras, e agora?”

Descobrimos juntas e juntos que o ato do corte não é neutro! Precisamos fazer escolhas para, assim, continuar caminhando, seguindo o fluxo do recorte até que não mais houvesse possibilidade de cortar.

- “Professoras, e, se escolhermos o mesmo ponto para seguir recortando?

Recorremos a Rolnik (2018) para refletirmos sobre essa questão: “[...] nesse tipo de corte o ato é estéril, não produz obra: o acontecimento da criação de uma diferença na qual a obra como tal se plasmaria”(p. 47).





Terminados os recortes, passamos a observar atentamente o que cada um/a produziu. Propusemos colocar as fitas sobre a mesa, espalhando-as e experimentando distribuí-las no espaço. Juntas e emaranhadas. Separadas e alinhadas. Passamos a refletir que, mesmo tendo partido das mesmas orientações, não tivemos fitas iguais, pois as decisões, o modo como cada um/a se apropriou da tesoura e fez ela percorrer o papel, proporcionou diferentes configurações de fitas: os efeitos das nossas escolhas se efetuam “Caminhando”.

As reflexões produzidas pela proposição vivenciada dialogaram com a noção de experiência enquanto atravessamento e sobre o sujeito da experiência como um sujeito “ex-posto”,

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Larrosa, 2014, p. 26).

Deste modo, a proposição e a interpelação larrosiana, se emaranharam dando forma a outras composições.



Que caminhos estéticos/formativos temos trilhado? Como temos nos abastecido esteticamente?

E o que tudo isso tem a ver com a docência e com a formação estética de professoras e professores?

Como essa prática artística nos aproxima das experiências vividas?

Lista de imagens

1. Autoras (2023). Andarilhando. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais.
2. Autoras (2023). Cola, papel e tesoura. Foto-ensaio composto por duas fotografias digitais.
3. Autoras (2023). Ato da torção. Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais.
4. Autoras (2023). Corte. Foto-ensaio composto por seis fotografias digitais.
5. Autoras (2023). Nossas caminhadas. Foto-ensaio composto por nove fotografias digitais.
6. Autoras (2023). Ex-posto. Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais.
7. Autoras (2023). Fotografia digital.

Referências

LARROSA, JORGE. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste. AMERICANO, Renata Queiroz de Moraes. Nutrição Estética: por uma didática na poética na formação do professor. In: GUIMARÃES, Leda. REGO, Luzirene (Orgs.) Ações Políticas de/para enfrentamentos, resistências e recriações. [recurso eletrônico]: Anais do XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil [e] VI Congresso Internacional dos Arte/Educadores. Brasília, DF, 2018.

ROLNIK, Suely. Esferas na insurreição. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 Edições, 2018.



Caminhando e Cortando e seguindo...

Lygia Clark . Arte participativa . Fita de Moebius

Formação Docente

Tereza B. Salles Ramos

Instituto Federal de Brasília - IFB Campus de São Sebastião

Leísa Sasso

Secretaria de Cultura e Industria Criativa/Secretria de Educação do Distrito Federal/
Museu Nacional da República SECEC/SEEDF/MUN

Naquele dia 29 de novembro de 2022 no térreo do Museu Nacional de Brasília se perfilavam os Dragões da Independência em torno de um tapete vermelho. Esperavam ansiosos para se livrarem logo da missão e tristes naquela roupagem anacrônica, alguma autoridade do governo Bolsonaro. Esperavam também os 700 visitantes anunciados que desfilariam naquele tapete e se dirigiriam ao auditório principal do Museu para ocuparem logo o espaço vazio que os mantinha naquela posição incômoda e inerte. Naqueles tempos tristes de final de governo, mas ao mesmo tempo esperançosos com o anúncio do novo governo eleito, estudantes de Pedagogia do Instituto Federal de Brasília do Campus de São Sebastião sorriam e observavam da Praça da República aquele cenário insólito e esperavam, elas também, não a chegada das autoridades, mas a abertura das portas da Galeria Principal.

Naquela manhã de calor, o Museu estava fechado para a visitação pública, mas abriria às 9 horas excepcionalmente para uma turma de pedagogas do IFB, acompanhadas pela Professora Tereza B. Salles Ramos para uma aula excepcional: a realização de uma Pesquisa Ação por + Arte na Pedagogia como haviam sido prevenidos os vigilantes. Esses, também haviam sido informados pela chefia que a filmagem de um longa-metragem intitulado “Cartório das Almas” dirigido por Leo Bello estaria em curso na rampa de acesso ao Museu, mas, também haveria filmagem na Galeria Principal.

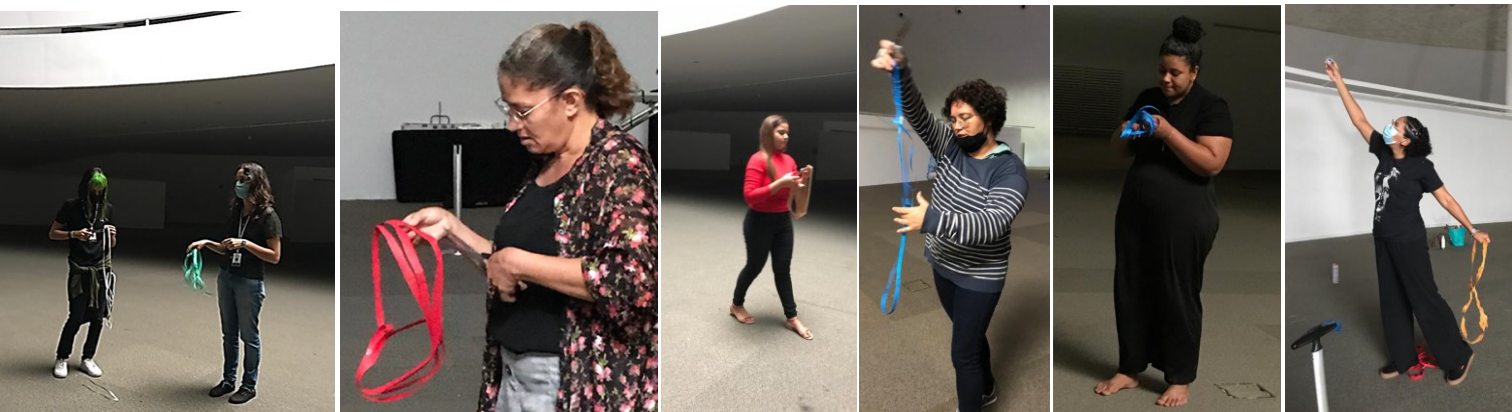
A professora Leísa Sasso, também artista e pesquisadora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, coordenadora do Programa Territórios Culturais no âmbito do “Museu Educa” informava à produção do Filme sobre a Pesquisa-Ação que seria realizada na Galeria Principal com as estudantes do IFB. Não houve choque de agendas pois em um primeiro momento estariam todos concentrados para executar a cena da subida da rampa no espaço externo.

As estudantes sobem a rampa fazendo “*selfies*” naquela alegria contagiante da juventude.





Dentro da galeria, a pintura branca e fresca nas paredes anunciava o término de uma exposição (Na Luta\Na Lata, com curadoria de Simon Watson) que as estudantes já haviam visitado e a eminência de outra (Brasil Futuro, com curadoria de Lilia Schwarcz, Rogério Carvalho, Marcio Tavares e Paulo Vieira), entretanto, nesse interstício entre exposições, luzes difusas compunham o cenário do filme e uma banheira antiga recebia diretamente uma luz azulada.



O museu está vazio, não vazio de essência, mas um vazio como um estado de quietude e placidez que é interrompido com a chegada das meninas. Feita nossa rodinha habitual de trabalho ou de reflexão, foi compartilhado o material que cada uma das estudantes havia trazido no grande grupo para vivenciarmos a proposta da artista Lygia Clark. O primeiro desafio foi criar a fita de Moebius que é o símbolo do infinito.

Trata-se de uma fita criada pelo matemático August Ferdinand Möbius que é torcida em uma meia volta e coladas suas extremidades, criando 1 só lado. Foi compartilhado junto com o material as dificuldades de cada estudante relacionadas ao entendimento dos passos da ação. Foi bonito observar elas se ajudando, não interferimos para fotografar, filmar e observar.

Depois de entendida a proposta, ocorreu entre as meninas um espanto, um sorriso, uma dúvida, que as impulsionaram a dedilhar a fita sem início nem fim, algo sem fronteira, sem bordas, como que para procurar entender e encontrar respostas. Alguém sugeriu que a fita parecia representar a vida, a metáfora de um caminho sem início, nem fim, sem morte, realidade recorrente entre as gangues de São Sebastião onde estudam. Outra estudante comparou a fita ao tempo circular sem início nem fim, o tempo que não entendemos, o tempo da pandemia. Outras reclamavam da dificuldade de caminhar e cortar pois sugerimos que as estudantes caminhassem procurando cortar a fita de forma que entendessem melhor as dificuldades de psicomotricidade dos estudantes na fase anterior à de alfabetização. O corte longitudinal cada vez mais fino tornou-se bastante difícil ao caminhar, e para realizarem as 2 ações foi necessário concentração e foco. Pausar, parar de caminhar quando se distraiam ou descoordenavam. Cortar a fita significa multiplicar seu tamanho como percorrer a vida, aumentar a experiência ao trilhar novos caminhos. Coordenar as duas ações simultâneas, analisou uma das estudantes, é como respirar ao nadar, como cantar tomando banho, como dirigir um carro.

As reflexões iniciadas na Galeria Principal subiram a rampa tortuosa de Oscar Niemeyer em direção a Galeria do Mezanino quando a equipe de filmagem começou a chegar. Mais uma rodinha de trocas e de compartilhamentos de percepções sobre a experiência vivida. Alguém disse que havia errado ao picotar a fita, ao que retrucamos que o conceito de erro e acerto é comum às escolas e que essa forma de avaliação, desconsidera o processo.



Porque estaria errado? A vida não oferece apenas uma única possibilidade de acerto e se aprende muito com os erros. As metáforas entre o caminhar e percorrer a fita com a tesoura continuaram, algumas estudantes sustentaram que evitavam de cruzar a emenda da fita com medo de rompê-la. O medo sempre presente nas narrativas, medo de cair, medo de se cortar, medo de errar. Uma estudante nos pergunta como ela iria aplicar essa proposição junto aos seus estudantes na escola? Respondemos que estávamos ansiosas para ouvir as narrativas dessa experiência com as crianças quando ela viesse nos contar.

Referências:

CLARK, Lygia. Livro-obra. Rio de Janeiro, 1983.

IRWIN, Rita. IRWIN, Rita. *A/r/tography: a metonymic métissage*. In: IRWIN, R. L.; DE COSSON, A. (Orgs.) *A/r/tography: rendering self through arts-based living inquiry*. Vancouver, BC: Pacific Educational Press, 2004^a. p. 27-38.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.) *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MARTINS, Mírian Celeste. *A floresta entre Palavras e Imagens*. In: MARTINS, Mírian Celeste; BONCI, Estela; MOMOLI, Daniel (Orgs.) *Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural*. São Paulo: Terracota Editora, 2018.

FERNÁNDEZ, Maria del Rosario Tatiana. *Eventos Artísticos como pedagogia cultural*. Brasília, 2015.





Caminhos docentes

Cortar. Jogar. Arriscar

Maria Regina Johann

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ

A cozinha, a sala, o escritório e o quarto são invadidos por tesouras, colas e fitas de papeis, algumas já contorcidas! Materialidades diferentes entre os cadernos, a xícara de café, o chimarrão e o notebook.

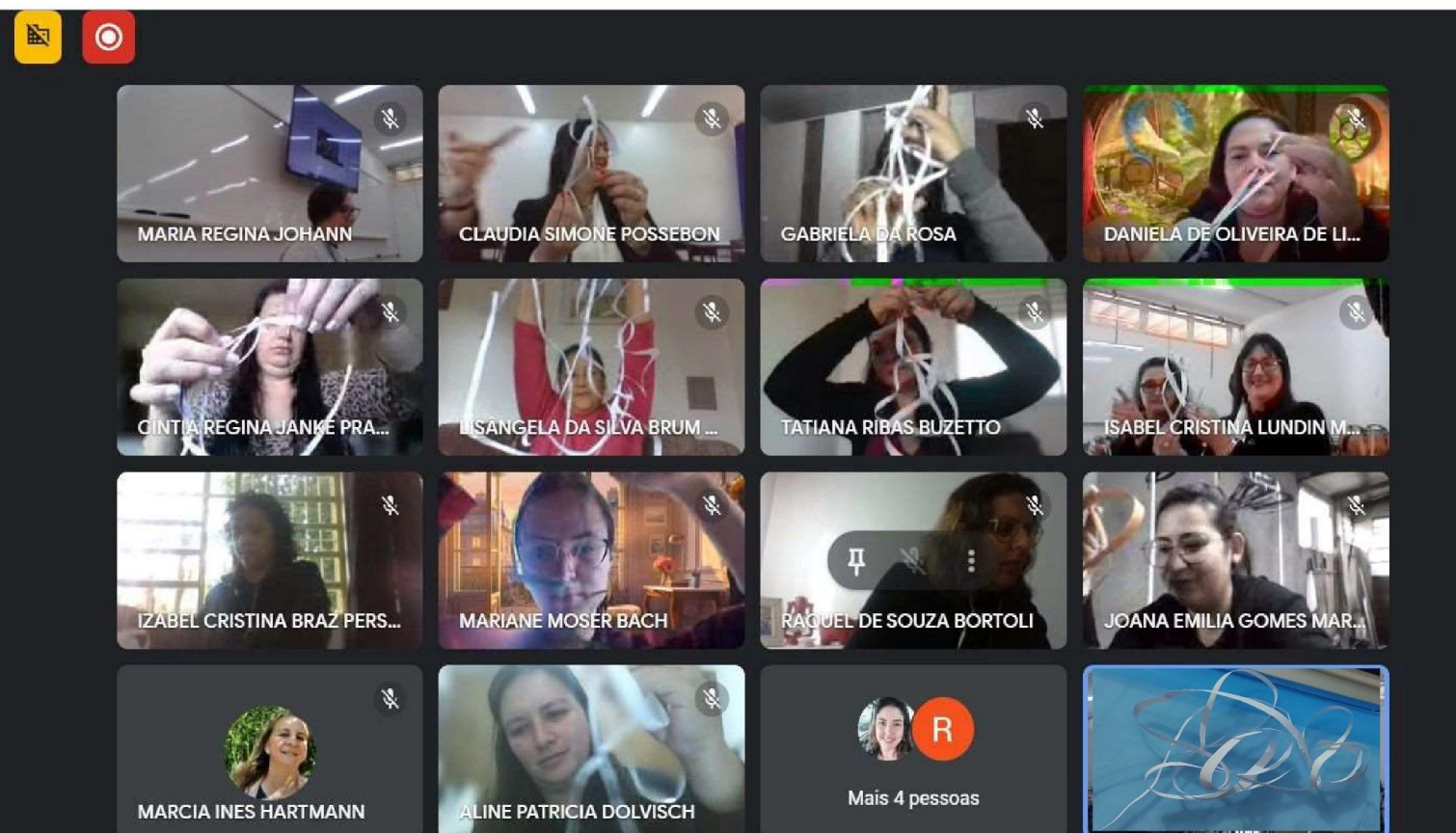
Assim nos encontramos, uma turma de mulheres professoras pedagogas em presença no ciberespaço, em uma manhã de sábado. estamos em uma aula de Arte, interagindo no contexto do ciberespaço, conversando por enquadramentos de câmaras... Algumas já inquietas, imaginando o que fazer!

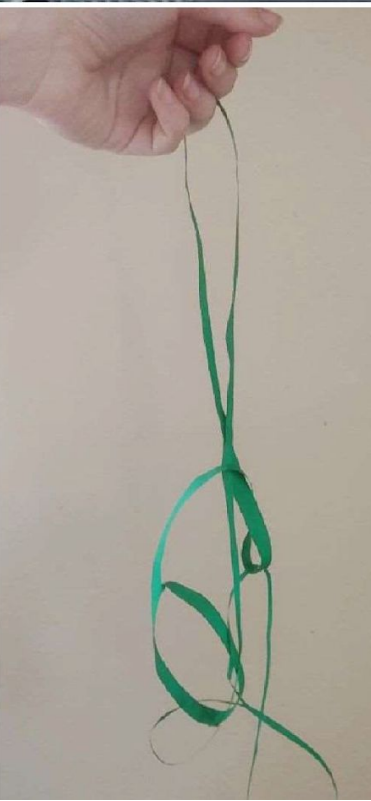
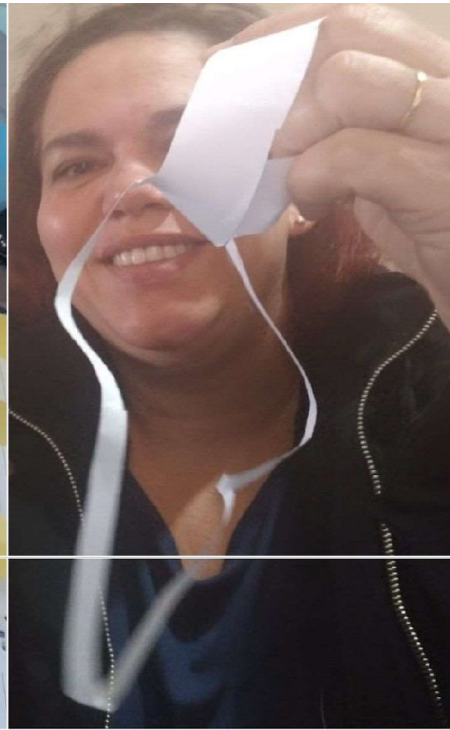
O fazer proposto é simples e, por isso mesmo, pode ser intenso! Cortar e seguir cortando... E seguir cortando... Cortando, sentir-se convocada a brincar e a jogar com as possibilidades, experienciando a materialidade das fitas se contorcendo, se entrelaçando e também nos enrolando e nos enlaçando...

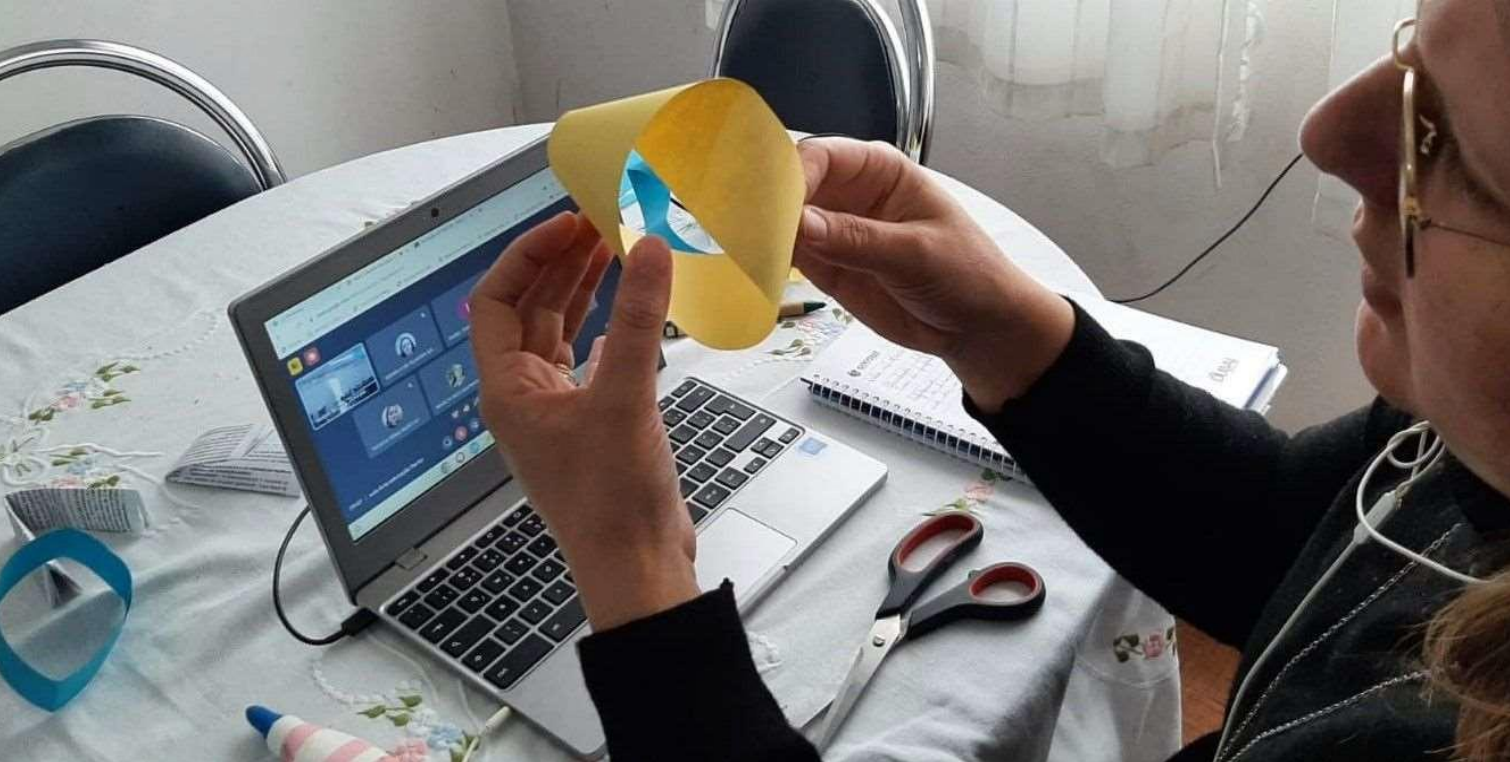
Olhares lançados para ver o que passa com as demais colegas e seguimos cortando... Estamos a caminho, caminhando e no caminho proposto estamos nos perdendo entre cortes, linhas e formas..



Cortar já não basta, deu vontade de brincar...
As mãos puxam, elevam, suspendem...







Cortar, experienciar, caminhar, brincar... Foi assim que em diferentes cidades do interior do Rio Grande do Sul, as professoras do curso de Pedagogia da UNIJUÍ foram convidadas a fazer uma vivência artística inspirada em Lygia Clark. Estar diante de uma fita de *mobius* e se lançar na aventura de cortá-la e, ao mesmo, tempo refletir acerca do que significa o percurso docente no horizonte da arte e da formação em pedagogia, foi o convite! Tarefa nada fácil para um coletivo que tinha como principal referência a noção de arte como atividade sistematizadora de conteúdos escolares e/ou, como um fazer sem base histórica e conceitual.

Nesse sentido, foi desafiador *caminhar* sem saber par onde ir! Experimentar algo sem a possibilidade do controle absoluto, das garantias e das certezas resumem as manifestações das professoras: "algo surpreendente, experiência nova que parece que não vai terminar"; "precisei focar no corte, para não cortar errado"; "fiz três vivências: a primeira deu um círculo e as outras duas, resultados diferentes"; "exige concentração, exercício com foco no cortar". Essa falas ilustram o desafio da proposta, de se lançar no desconhecido e nos deixar à deriva...

A vivencia do percurso "caminhando", nos fez pensar em noções como caminhar, experimentar, arriscar, errar, recomeçar e apreciar os acasos. Verbos im/pertinentes para o campo da formação docente em Pedagogia. Caminhando com Lygia, re/pensamos nossa sensibilidade e resistência de abertura ao novo, por conseguinte, tensionamos a nossa própria docência em pedagogia.

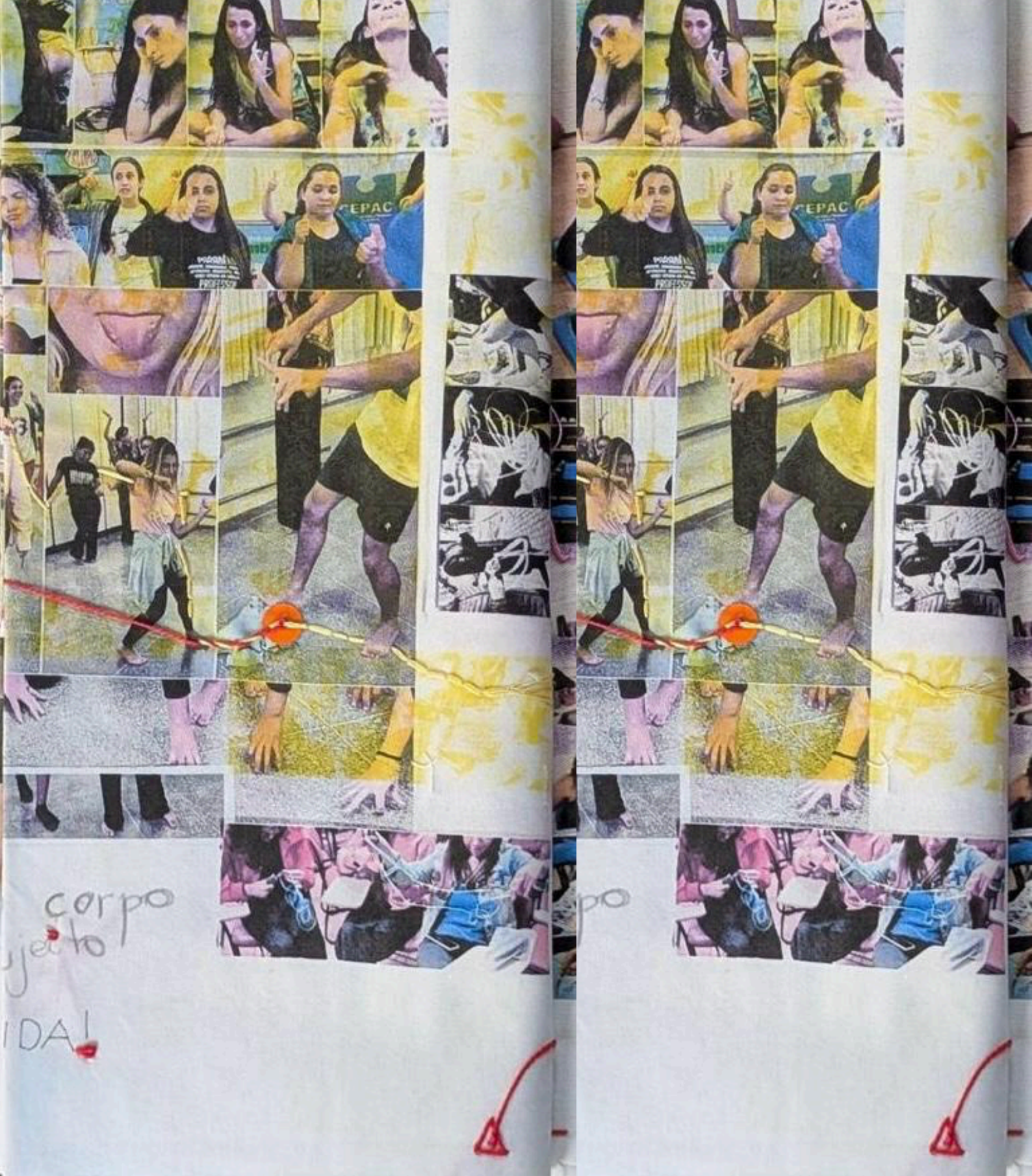
Lista de imagens

As fotografias ilustram a vivência da turma do Curso de Pedagogia da UNIJUI - modalidade de ensino híbrido vinculada ao Programa PARFOR, Governo Federal, 2023.

Referências

CLARK, Lygia. Lygia Clark. Rio de Janeiro: Funarte, Disponível em: 1980. <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/1960/lygia-clark>.

GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica da obra de arte. Tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010.



MEMÓRIA MUSICAL E MOVIMENTOS (IM)PENSADOS

MEMÓRIA MUSICAL E MOVIMENTOS (IM)PENSADOS

Dimensões envolvidas: Memória, Movimento e Palavra

Proponentes: Jéssica Makino (FFCLRP -USP Ribeirão Preto) e Adriane Ogêda Guedes, Priscila Menezes, Virna Bemvenuto, Carolina Cony, Michelle Freitas, Luciana Quintal. (FRESTAS/ UNIRIO)

A)

buscar um chão

sentar-se, deitar-se ou ficar em pé com presença

cobrir a cabeça com um tecido*, cobertor ou lenço, procurando criar um espaço protegido para “voltar” ao passado

buscar a música mais antiga de sua vida

cante para alguém

grave (padlet)

escute

Compartilhe: Quais sensações a música lhe evoca? Quais sentimentos? Essa música foi feita para quem? Para qual finalidade? Quem a apresentou para você?

Obs: Para a pesquisa: quais são as bagagens culturais apresentadas? Quem provocou essa bagagem (família, escola, vizinhos, religião)?

*ação inspirada em proposição da Prof^a Ethel Batres *cubra o mundo de paz* (2003)

B)

Pegue pedaços de papel, caneta ou lápis, tesoura e cola. Escreva nos papéis, dando um espaço entre as palavras, todas as partes do seu corpo cujos nomes vierem a sua mente.

Busque ir além das primeiras respostas, tornando essa lista o mais completa possível.

Relacione cada uma das partes do corpo a uma ação que você conecta a ela.

Ao fim, você terá uma lista de nomes e uma lista de ações (como “mãos - pegar”/“canela-dar canelada”);

Recorte cada uma dessas partes do corpo e dessas ações, mantendo-as separadas em dois grupos.

Coloque ambos os grupos de palavras (o das partes do corpo e o das ações) em dois recipientes diferentes;

Agora, você vai realizar um sorteio: tire sempre um nome e um verbo por vez e vá colando esse novo arranjo de relações em um novo papel.

Ao fim desse processo, você terá uma espécie de lista-poema que lhe convidará a uma série de vivências impensadas para um corpo, misturando suas partes e suas ações: como seria, por exemplo, “pegar com a canela” e “dar canelada com as mãos”?

Leia essa lista-poema algumas vezes. Inspirada por esse texto, escolha uma música qualquer e realize uma dança.

Experimente a possibilidade de ler a sua lista-poema com o corpo, des-organizando suas movências habituais, dando às partes dele potências inusitadas;

Após dançar, retorne à sua lista-poema e busque expandir essa escrita.



Do Sertão Baiano: memórias musicais e movimentos (im)pensados na Uneb

Memória. Música. Corpo. Movimento.
Formação Docente.

Ana Cláudia de Oliveira Freitas
Universidade do Estado da Bahia.

“Você me jogou no fundo do poço! Mas eu adorei a brisa no rosto!” Assim definiu um estudante, do 7º período de Pedagogia, a experiência que havia acabado de vivenciar na Universidade do Estado da Bahia, Campus Guanambi, cidade do Sertão Produtivo baiano. O ano: 2023, nos meses de abril e maio, quatro turmas, 140 estudantes, sendo 82 participantes dessa pesquisa. Dois primeiros semestres, cursando Arte Educação, em 60h e outros dois sétimos semestres, cursando Tópicos Especiais da Contemporaneidade – Teatro e Música, em 30h, últimas turmas deste componente, extinto no novo currículo do curso de Pedagogia. Uma única proposição: ‘Das memórias musicais aos movimentos: vivências (im)pensadas para o corpo’, e assim, sentimentos foram expostos e corpos foram (re)postos.

Foi no Centro de Extensão e Pesquisa Artístico Cultural (CEPAC), que tudo continuou. Propusemos reconstruções e desconstruções, mas primeiro deslocamentos! Sair da corriqueira sala de aula, seguir ao espaço do CEPAC, no Campus, entrar, deixar seus pertences, desconectar-se do mundo e conectar-se consigo. Sala ampla, sem cadeiras, sem sapatos, sem celulares, caminhar, respirar, observar, mas não falar, não sorrir, não julgar, não se importar. Tempo de autopercepção e de uma difícil concentração, até o parar, sentar, se proteger e remexer em memórias! E assim, os não participantes puderam, junto com os participantes, experimentar, experienciar, se modificar, mas, foi necessário ajustar!



Fitas identificando
ora uns, ora outros!

Riscadores e suportes,
registro musimemorial!





Numa noite de abril...

Aos dezessete dias do mês, com 37 discentes do 7º período, dos quais 18 escolheram integrar essa pesquisa, já na metade dos encontros previstos em que discussões, questões e experimentações tornaram a música e o teatro temas a serem investigados, mas hoje ENCARNADOS. Quando já imersos sob suas 'cabanas', o convite de retorno aos sons de sua memória: *Qual a música mais antiga de sua vida? Quem a trouxe até você? Ouça-a, recorde-se, cante-a para si, desfrute do momento!* E quando as cabanas se desmontaram, no silêncio, os olhares, alguns marejados. Ainda sem sons, o registro, e depois um tempo de partilha, entre lembranças, lágrimas, sorrisos e música! Música cantada, música falada, de voz embargada, música compartilhada!



Com referências bem ecléticas, assim se distribuíram aquelas lembranças musicais:

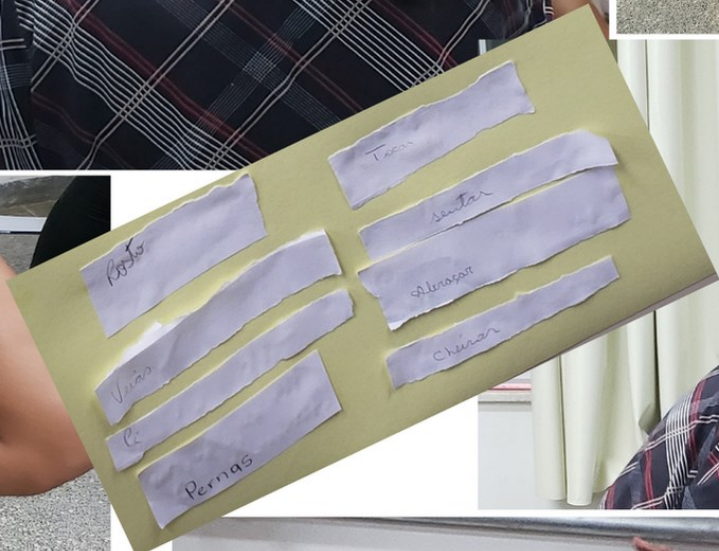
Brincar de Sonhar / Seu Lobato / Terezinha de Jesus / Perdi meu Alazão / Ciranda Cirandinha / Menino da Porteira / Nova York / No dia que eu saí de casa / Boiadeiro / Maluco Beleza / O Papa é Pop / Anna Júlia / Amar como Jesus Amou / Uma tarde tão linda de sol / Calhambeque / Morango do Nordeste / Three Little Birds

Fragments de histórias contadas com gosto de agora, com imagens, cheiros e sabores, com presença dos pais, não das mães, mas também das escolas, de brinquedos, cd's, da igreja, até da rua, mas não das mães! E no tempo lento da lembrança que não parava de chegar, em meio aos sorrisos e lágrimas que não deixavam impunes as histórias, era chegada a hora de seguir adiante e, novamente, em posse de suportes e riscadores, o convite para numa coluna, escrever partes do corpo, dado o tempo, noutra coluna, ações que aquelas partes do corpo executavam! Dúvidas e perguntas ecoavam, mas o lápis não parava, nem a conversa, os sorrisos e as confidências cochichadas. Por fim, recortar, separar, sortear e juntar! E na construção de um poema, quase dadaísta, a curiosidade, o trabalho em equipe e a experimentação, embaladas pelas músicas revividas, com jeito de criança, tomaram conta da noite que poderia não ter fim.



Mas, ao findar do turno, numa conversa necessária, mas apertada pelo tempo, a percepção do contraste emocional vivenciado, a sensação do *“possível pensar a partir do desconhecido”*, no corpo como no professorar *“quebrar funções”*, *“avançar nas possibilidades”*, o sentir *“o banho que relaxa”* e os testemunhos: *“me trouxe para o aqui, agora, o estar no presente”*!

“Você me jogou no fundo do poço! Mas, adorei a brisa no rosto.” (Cleiton dos Santos Lessa)





Numa manhã de maio...

Aos onze dias do mês, às 7h 30min., foi a hora e a vez do 7º período matutino, estar e experimentar! Trinta estudantes, vinte e cinco participantes, então, ajustando nossas vivências, aqui, os não integrantes da pesquisa é que utilizaram fitilhos, indicando seu desejo de estar, mas não se registrar. E imersos em seus universos, expressões se apresentaram, em fortes gestos ou em sutis embalos, um a um mergulhou em lembranças cheias de toques, cheiros e gostos! Registrar, ouvir, falar, elaborar, reelaborar, refletir, sentir.



Menos lágrimas, mais olhares soltos no tempo, mais gestos explicativos do que se vê, sem se ver!



Mais músicas infantis, com seis presenças de professoras como portadoras de alegria, infância boa de recordar, cheiro e gosto de mingau, *“textura de banco de madeira”*, mas também com presença dos pais, das mães e avós que presenteavam DVD's, que cantavam pra ninar:

Gata pintada / Balão Mágico / Borboletinha / Ilariê / Ciranda cirandinha (em duas moradas) / Boi da cara preta / A pulga e o percevejo / Meu lanchinho / “Quem preparou foi a tia da cozinha”

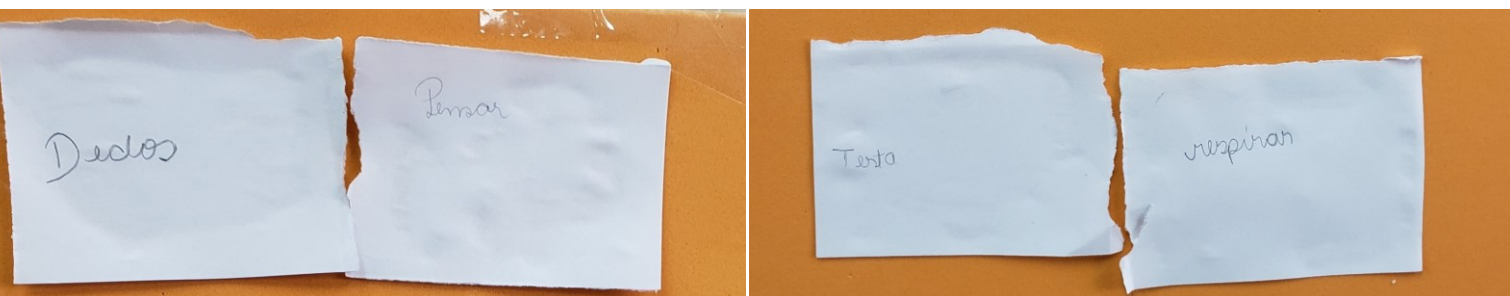
E ainda circulando por calypso, rock, sertanejo, brega, gospel, mpb, reggae e até uma valsa cantada por Ângela Maria, agora com quase total influência dos avós, pais, mães e irmãos, vindas da escola apenas as duas últimas, numa enxurrada de diferentes estilos, também uma enxurrada de sensações e sentimentos que passaram pela saudade, pelo aconchego, pela tristeza e também pela indiferença da Secretária que, apresentada pela mãe num *“dia de churrasco, [...] não representa muita coisa”*, nas palavras de alguém que traz o que não toca, tocando!

A Lua me Traiu / Tente Outra Vez / I want to break free / Mulher Chorona / Menino de rua / Dormi na praça / Brinco de ouro / Amar como Jesus amou / Meu filho que Deus lhe proteja / Do lado de cá / Mãezinha / Secretária / A namorada que sonhei / Aquarela

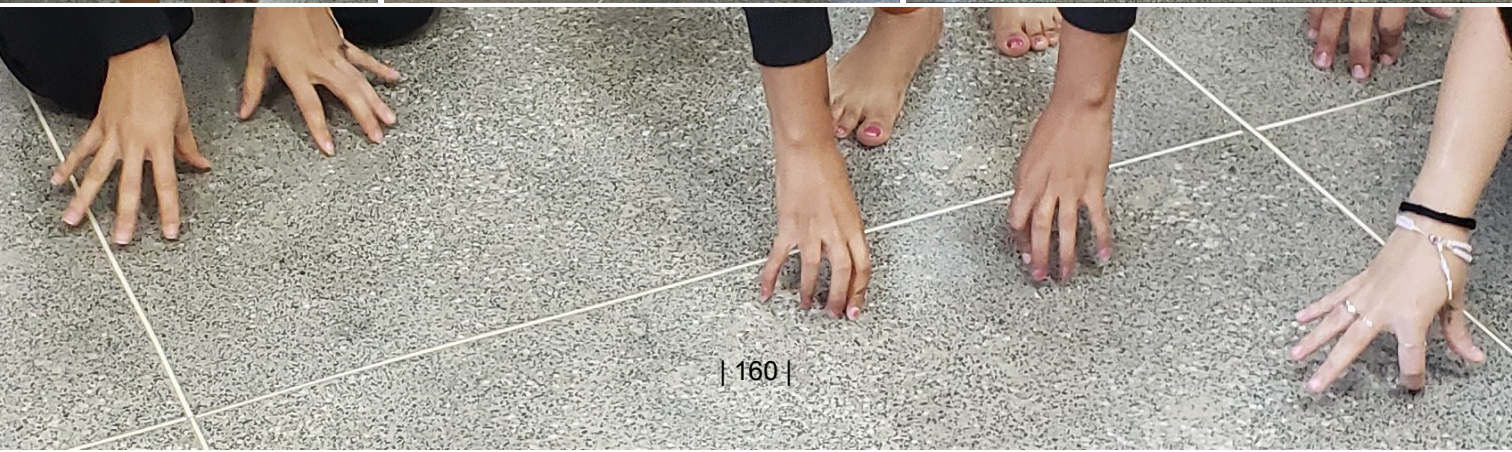
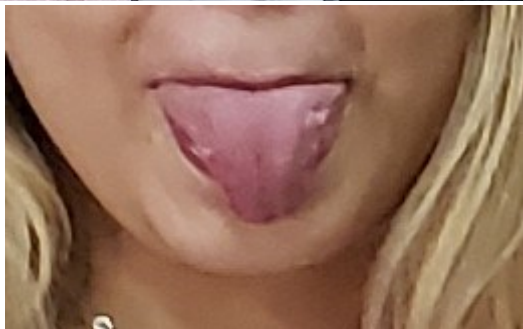
Mas ainda falta uma, cujo ônus da apresentação foi imputado a uma tal *sociedade*, como um bônus da não responsabilidade de algum amado mortal, um dia embalada em diversão e hoje envergonhada menção!

Já chupou xibiu? Chupei.

No silêncio apresentado, papel e lápis chamaram para o (im)pensado! Assim corpos se tornaram partes e partes assumiram fazeres de outras partes! Numa lista-poema nos restou desvendar: como dedos hão de pensar e a testa há de respirar?



Com muita disposição, toda realização foi pura diversão. Sem hesitação toda canção, em coro, foi continuada e os corpos, em formas, provocados. E sem tempo de partilha, movimentos escoaram e músicas ressoaram nos corredores, encerrando nossa manhã de a(ten)ção.





E, numa noite de maio...

Dezessete dias do mês, 19h, 38 estudantes, 16 ousados participantes que se reconheciam por fitas laçadas para nos ajustar. Eram calouros, há dois meses procurando se adaptar aos movimentos acadêmicos. Nas aulas de Arte, “O que é arte?” “Tudo é arte!” “Nunca pensei arte!” “Gosto de arte!” “Arte na escola era diferente, por quê?” Em meio às muitas discussões, uma proposição, mas era preciso disposição, atenção, concentração e, por que não, diversão!

Passada a novidade da sala desconhecida, das risadas e conversas instauradas, as cabeças foram acobertadas, as memórias ataçadas, e tensões apresentadas!





Retomar, desacobertar-se e anotar!
Pareceu um exercício de acomodação.
Sem excitação!



Quando solicitados à fala, algum tempo se passou, até que uma voz se candidatou, e dali em diante, entre lágrimas, histórias foram sendo contadas e com empatia compartilhadas. Uma metade trouxe músicas infantis:

Borboletinha / Borboletinha / Balão Mágico / Boi da Cara Preta / Boi da Cara Preta /

Bom Dia Coleguinha / É de Chocolate / Aí vem o Chaves

A outra metade, músicas de outras idades:

Estrada Vermelha / Tem Franguinho na Panela / Sinônimos / Primeiros Erros / Always /

Dona da minha cabeça / Hosana / Aquarela

Da escola, a aquarela, como a de pintar, suscitou leveza, a borboletinha trouxe de volta a saudade do doce recreio e do doce depois do recreio, a alegria de *“ver todo mundo cantando e batendo palmas”*, me fez pensar: *“Bom dia coleguinha como vai? A nossa amizade nunca sai?”*, a amizade nunca sai pra onde? De onde? Mas para além da lógica da cantoria, ou da, por mim pensada, mecânica ação, percebo a intenção da sentida acolhida, na voz de crianças, que um dia, cumprimentaram e experimentaram o amoroso cumprimento.

O louvor conhecido na Igreja, se aproximou com saudade de *“vozinha”* e *“cheiro de pipoca”*, atrativo estratégico, desta região, que convence toda criança frequentar ritos religiosos até o entendimento de sua razão.

E das mães, avós e pais, sons que embalavam os sonhos, que davam colo, que acolhiam com alegria, mas que misturavam felicidade com tristeza, prazer com medo, esperança com insegurança, diversão com frustração, e a pergunta:

“Sou feliz, por isso estou aqui?”

e também as conjecturas:

“toda idade tem prazer e medo.”

“tudo era mais fácil, a vida era diferente!”

E numa vital guinada, papel e lápis, uma parte corporal, uma ação, uma lista-poema, uma (re)ação.

Mais tímidos, mais lacrimosos, mais reveladores, mais incertos em suas emoções e mais parados em suas ações. Assim findou a noite, em que a memória musical provocou intenso movimento interior, reivindicou tempo de histórias embargadas de múltiplas e controversas emoções, dispondo menos espaço para o movimento externo, que regado por sorrisos, revelaram autolimites em si impregnados, que necessitam ser desativados.





E, com a última turma dessa jornada...

Mais um 1º Período, agora no turno matutino. Dia 22 de maio, 7h 30 min. Uma equipe composta por 35 mulheres, e destas, 23 decidiram integrar nossa pesquisa. Euforia e curiosidade se estamparam em todos os rostos, mais uma vez, as fitas identificaram as não participantes, eram apenas 12. Os processos introdutórios foram os mesmos, as atitudes também, até que se acomodaram, se resguardaram e se cobriram. Aparentaram tranquilidade, mas nos relatos que seguiram, algumas angústias foram expostas, agonia do não ver, da atenção à respiração que, na contra mão da intenção, provoca ansiedade, da dificuldade do aquietar-se. Todas sensações esquecidas quando as mentes se embalam nas lembranças eternizadas pelas músicas rememoradas.



E entre músicas, parlendas e orações, versos cadenciados foram sendo apresentados e alguns títulos puderam ser identificados:

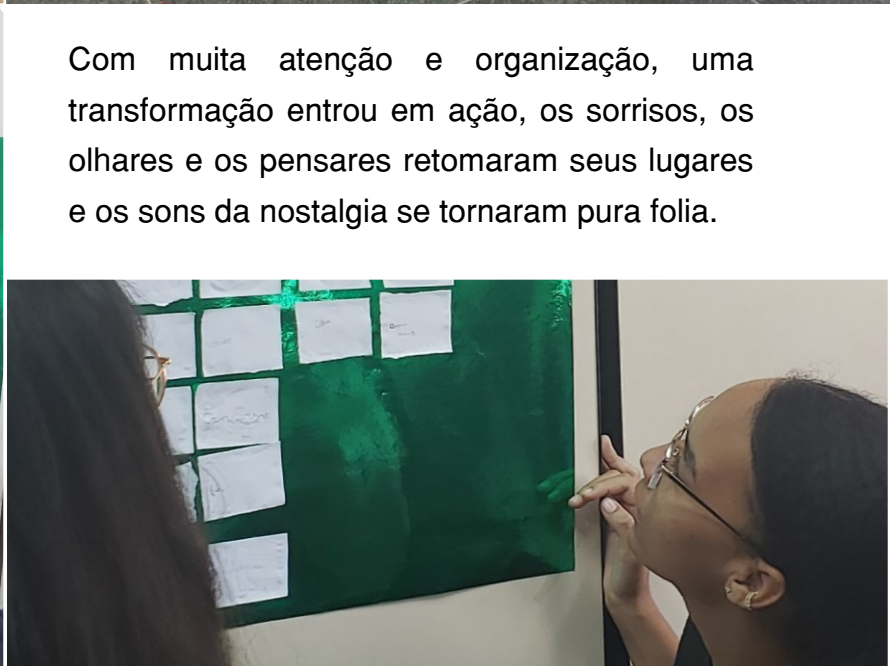
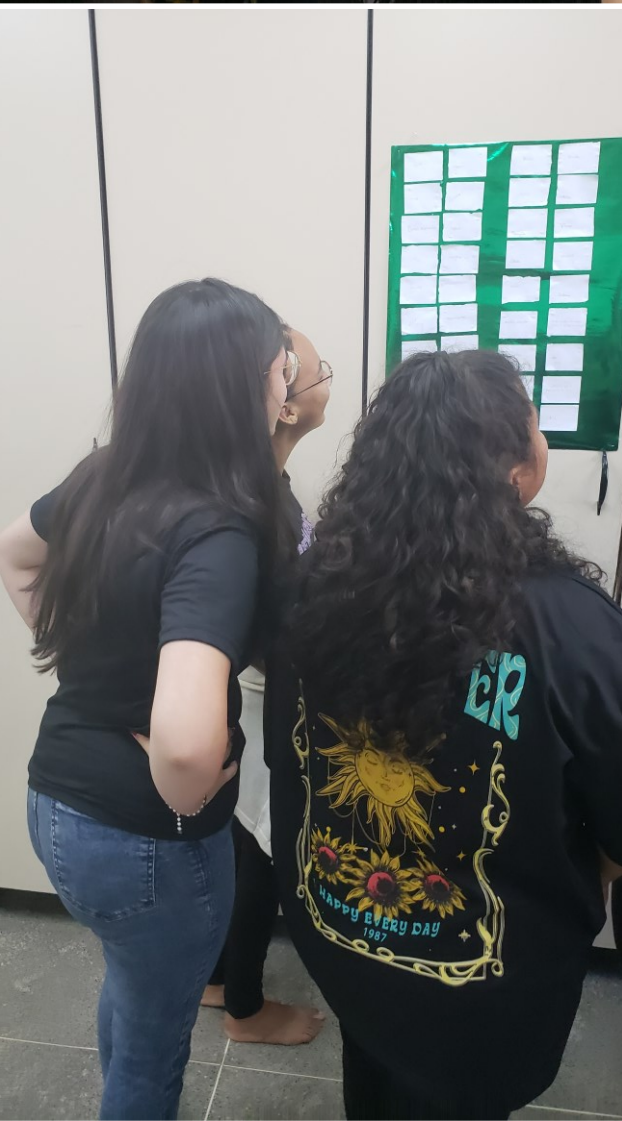
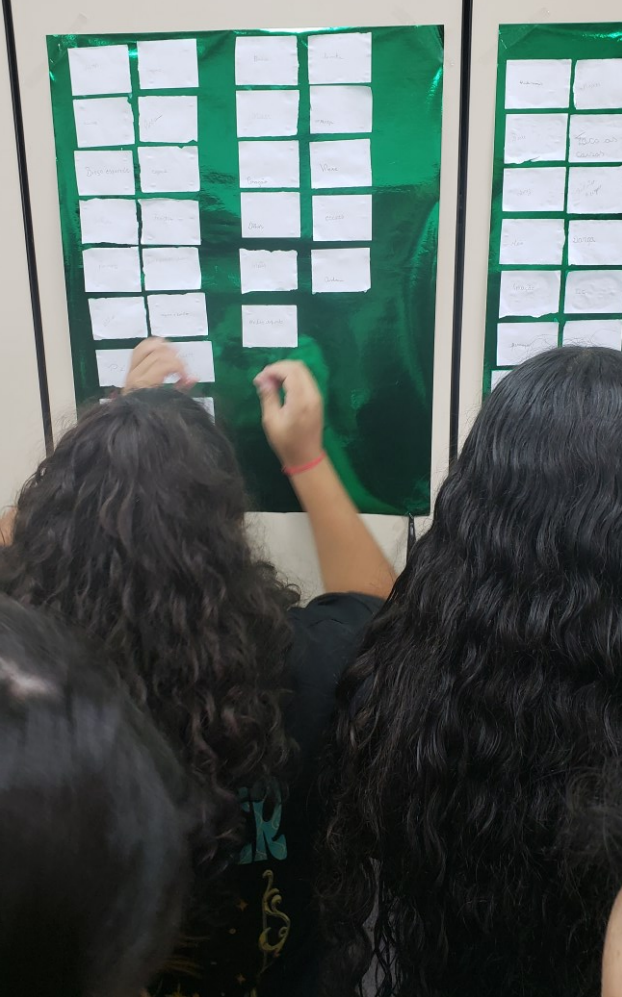
Boi da cara preta / “Ô lua, me dá pão com farinha” / Uma formiguinha / Borboletinha / “Dorme neném que a cuca vem pegar” / Superfantástico / Indiozinhos / Amor de um violeiro / Borboletas / Casar pra quê? / Coração / Lua minha / Sinais / Folha seca / Leãozinho / João e Maria / Quando a chuva passa / Como vou deixar você / “Mãezinha do Céu eu não sei rezar” / “louvor, Pai Nosso que estais nos céus” / Oração da família / Ela é o castelo / Campeão

Num momento de revelação, lágrimas foram derramadas, atenção foi dispensada, compaixão compartilhada, nostalgia e histórias de vida foram contadas. Uma mediação prioritária de mães, pais, avós, tios, tias, igreja, mas também, em pequena presença, da escola, e dos aparelhos eletrônicos, de onde vem, com olhar e voz envergonhada de uma reconhecida empolgação passada: *“eu briguei, estava fora de mim tanto que te expulsei mas como vou deixar você, se eu te amo...”*, um forró do grupo Calcinha Preta, não sentido mais com a mesma ingênua vibração de outrora. Este ponto nos fez refletir os acessos, as sonoridades, as expressões que afetam nossas percepções:

Você sempre ouviu dizer que a música melhora a coordenação motora, a memória, a disciplina, a criatividade, a atenção, que contribui para o desenvolvimento emocional, social, intelectual, que auxilia no tratamento de quadros psíquicos, neurológicos e assim por diante. Certo? ERRADO! [...] a música AFETA tudo isso. [...] A música que entra na cabeça da sua criança fica. Não sai. O que seus filhos ouvem afeta o seu desenvolvimento e determina sua qualidade de vida. (Cecília Cavalieri França, 2023)

Com afeto, retornamos às lembranças e, como talvez se esperasse do sertão, as cantigas infantis acalantam as infâncias, mas o sertanejo, o forró e as canções religiosas marcam as histórias desse povo festeiro e rezador. E ainda emocionadas pelas tão inspiradas cantatas, o convite para ao corpo reparar, e numa cuidadosa formação, uma listação se pôs em construção.



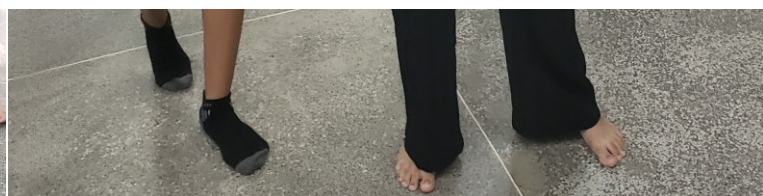


Com muita atenção e organização, uma transformação entrou em ação, os sorrisos, os olhares e os pensamentos retomaram seus lugares e os sons da nostalgia se tornaram pura folia.

Parar foi necessário, pois o horário estava a gritar, e numa roda para conversar, em meio ao analisar e ponderar: *“a música é boa para soltar os sentimentos, mostrar, compartilhar dores”*, *“eu precisava disso, precisava para desligar dos problemas pessoais e acadêmicos”*, e num cochicho quase confidente, *“perfeita a aula!”*



Nesta finalização, fica nossa percepção de que a música desarma e o corpo arma.



Lista de imagens

1. Autora (2023). *Passo a passo*. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais do acervo da autora.
2. Autora (2023). *Marcas*. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais do acervo da autora.
3. Autora (2023). *Ajustes*. Par fotográfico composto por duas fotografias digitais do acervo da autora.
4. Autora (2023). *Cabanas*. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais do acervo da autora.
5. Autora (2023). *Memórias musicais*. Foto-vídeo-ensaio composto por duas fotografias digitais e dois vídeos do acervo da autora.
6. Autora (2023). *Jardineiras*. Foto independente digital do acervo da autora.
7. Autora (2023). *Movimentos (im)pensados*. Foto montagem composta por sete fotografias digitais do acervo da autora.
8. Autora (2023). *Anoite do dia*. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais do acervo da autora.
9. Autora (2023). *Escrituras*. Foto montagem composta por quatro fotografias digitais do acervo da autora.
10. Autora (2023). *Par a par*. Par fotográfico composto por duas fotografias digitais do acervo da autora.
11. Autora (2023). *Movimentos*. Foto montagem composta por sete fotografias digitais do acervo da autora.
12. Autora (2023). *Resumo*. Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais do acervo da autora.
13. Autora (2023). *Tensões*. Foto montagem composta por quatro fotografias digitais do acervo da autora.
14. Autora (2023). *Escrituras II*. Foto montagem composta por quatro fotografias digitais do acervo da autora.
15. Autora (2023). *PORtilhas*. Foto montagem composta por sete fotografias digitais do acervo da autora.
16. Autora (2023). *Memórias Cheias*. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais do acervo da autora.
17. Autora (2023). *Compartilhar*. Fotografia digital independente do acervo da autora.
18. Autora (2023). *Construção*. Foto montagem composta por cinco fotografias digitais do acervo da autora.
19. Autora (2023). *Atenção*. Foto montagem composta por três fotografias digitais e uma fotografia independente do acervo da autora.
20. Autora (2023). *Corporação*. Foto montagem composta por seis fotografias digitais do acervo da autora.
21. Autora (2023). *Pegadas*. Par fotográfico composto por duas fotografias digitais do acervo da autora.

Referência

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Post no feed do Instagram. @ceciliacavalierifrança , 23 de maio de 2023. Acesso em 24 de maio de 2023.



Da memória ao movimento: vivências (im)pensadas para o corpo

Corpo. Memória. Registro

Adrianne Ogêda

Luciana Quintal

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Teve balé e ações cotidianas. Teve a relatoria poética quebrando muros, desobedecendo a ordem e olhando para dentro. Com cheirinho de incenso e vendas nos olhos. Juntando música, poesia e os momentos em que fomos felizes na lembrança do corpo.

(Trecho da relatoria poética construída na aula da Turma de Corpo e Movimento (2022.2), Pedagogia - UNIRIO)

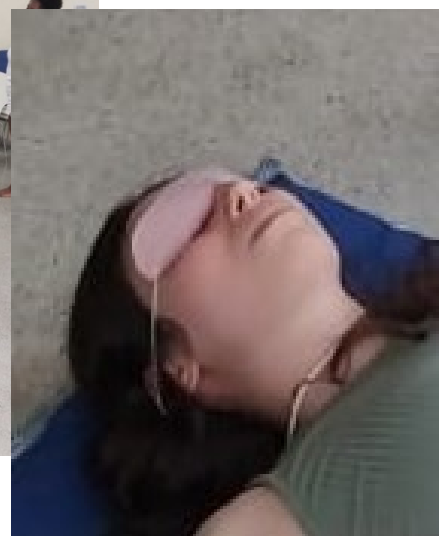
Nesta vivência proposta na turma de graduação da disciplina Corpo e Movimento, colocamo-nos a narrar nossas memórias com narrativas, alongamento do corpo, voltando sempre às perguntas: “você têm boa memória? E boas memórias?”. Realizaram-se jogos teatrais a partir de ações cotidianas; a provocação de uma dança (olhos vendados) sob a escuta de um poema, em movimentos que resgatassem a memória.



Inspirada na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2010), a estrutura do encontro foi organizada em três momentos:

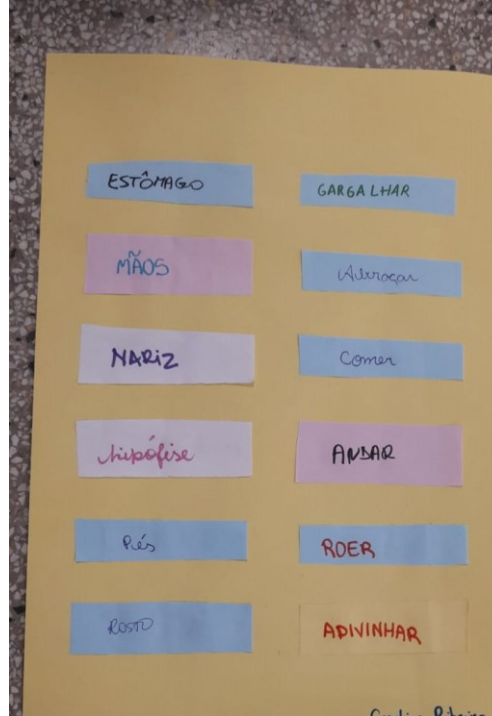
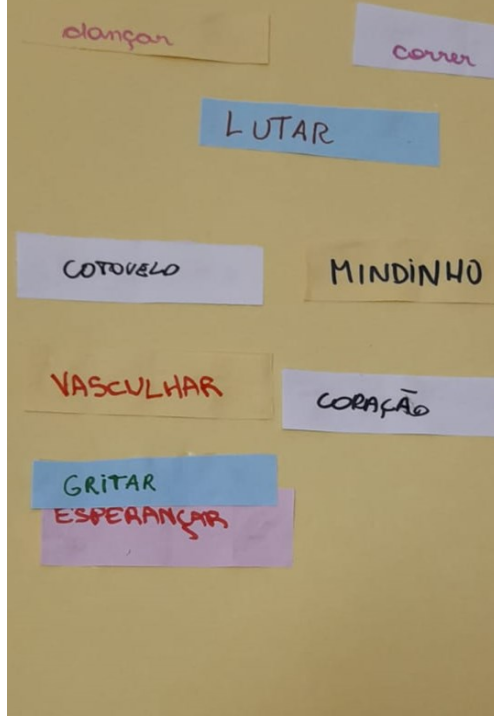
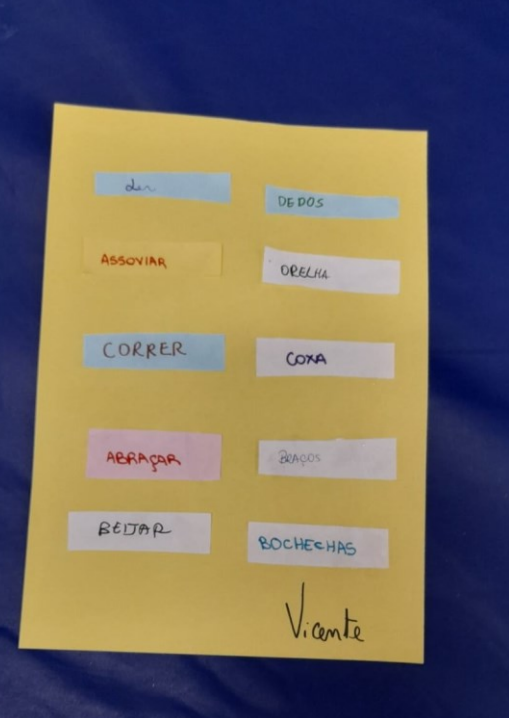
1) Corpo/Corpar (contextualização) - Vocês têm boa memória?

Em círculo, sentados ao chão, falei brevemente sobre a minha pesquisa “Relatorias Poéticas: por uma educação como forma de (a)mar”. Desde a importância da memória, do corpo e do registro para a construção deste trabalho até suas infintas correlações para a vida cotidiana. Para chegar com o corpo, fizemos exercícios de alongamento do balé enquanto lhes contava sobre minha formação em Dança. Em seguida, apresentei-os o texto “Corpar: porque corpo também é verbo”, de Helena Katz (2016). Antes da leitura, desafiei-os com a pergunta: “Vocês têm boa memória?”. E começamos a leitura de forma dinâmica, na qual cada participante tinha apenas uma página do texto. Assim, eu começava um parágrafo e quem reconhecesse o encadeamento das palavras no seu texto, continuava a leitura. Nesse ínterim, eu mudava de lugar na sala, em diferentes planos e posições. Quando terminamos, fizemos a associação do significado de “corpar” com a ideia de ser corpo, de estar no mundo, assim como os participantes se alteravam a partir da minha leitura em diferentes posições pela sala. Em suma, quando nos assumimos corpo, não apenas existimos, mas alteramos o espaço e somos alterados por ele. Somos sempre em relação. Da mesma forma que o balé alterou minha história, cada vivência de cada indivíduo também se registra no corpo. Também traduz a tríade corpo, memória e registro.



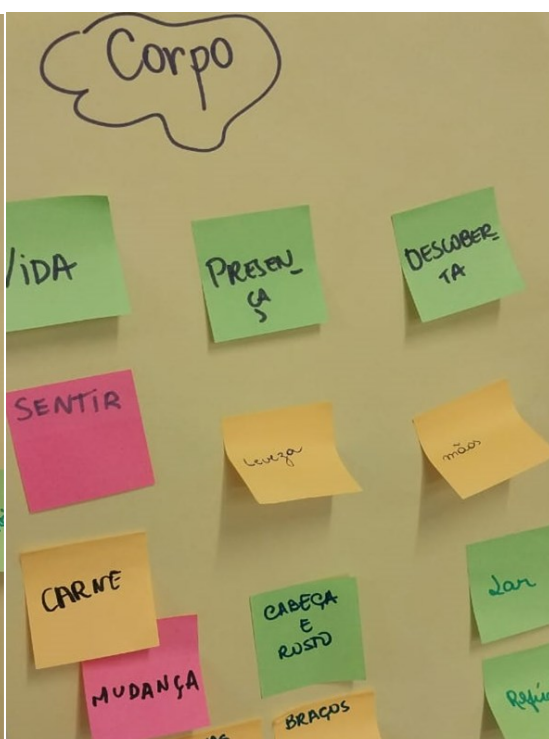
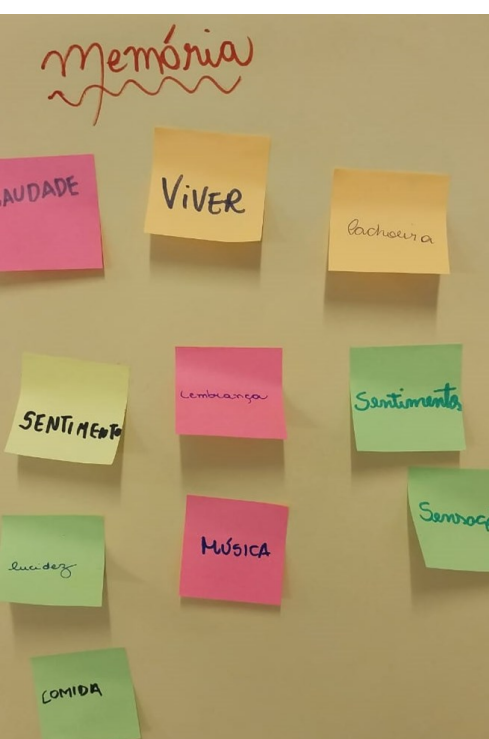
2) Memória (apreciação) – Da memória musical ao movimento: vivências (im)pensadas para o corpo)

Caminhamos pelo espaço, sempre tentando preencher os espaços vazios. Pedia para que eles parassem e realizassem certas ações cotidianas de maneira mimética, como escovar os dentes, montar a cavalo, procurar algum objeto perdido, etc. Cada participante realizava essa ação de modo correspondente à sua memória. Por exemplo, quem nunca montou a cavalo desconsiderava o tamanho do animal e o esforço para subir nele. Quem costuma acordar atrasado escovava os dentes com pressa. E assim por diante. Quando terminamos, propus que pegassem um colchonete, deitassem de maneira confortável, vestissem uma máscara de dormir e relaxassem. Li o poema "Poemas presos" (MOSÉ, 2006a.) para eles. Pedi-lhes que pensassem num momento feliz de suas vidas. Cheiros, sensações, gargalhadas... "Vocês têm boas memórias?". Pedi que pensassem numa música que trouxesse uma memória boa. E depois de um tempo, levantamos e começamos a dividir nossas memórias, musicais ou não. E partimos para a última parte deste encontro.



3) Registro (experimentação) – Do corpo-memória ao registro.

Fizemos dois exercícios de registro. O primeiro se deu pela escrita de ações/verbos em pequenos pedaços de papel; em outros pedaços, a escrita de partes do corpo. E montamos ações (im)pensadas numa folha maior. Nesta parte, aprofundamos as ideias sobre corpo, memória e registro, considerando os elementos característicos da relatoria poética. Enquanto os participantes montavam seus trabalhos, deixamos tocar as músicas que eles haviam citado como boas memórias no exercício anterior. Assim que percebiam, “corpavam” explicitamente para o grupo: “Essa é a minha música!”.



Depois, construímos pequenos murais com palavras que representassem a vivência que tivemos naquele dia, separados por “corpo”, “memória” e registro”. A proposta de então foi que eles pudessem escrever suas próprias relatorias a partir das palavras expostas, considerando a relatoria poética enquanto gênero discursivo particular construído a partir dos critérios de seleção, recorte e edição para a sua elaboração.



Nas dimensões, corpo, memória e movimento, continuamos nos jogos teatrais de gestos e partimos para a leitura do texto – de forma coletiva e consciente do próprio corpo – “Corpar, porque corpo também é verbo (KATZ, 2019). Colecionou-se palavras e, assim, produzimos murais. Do convite ao passado, revisitação de músicas e/ou poemas assim que eu tocar a pessoa. Partilhamos histórias, criamos listas-poemas e relatorias poéticas. Ao final, com a produção dos registros, as músicas-ambiente que acompanhara a experiência da escrita vinham dos momentos partilhados pelos alunos ao longo da última atividade. Diante disso, acredita-se na potência das narrativas memoriais para se pensar a educação e o saber da experiência que visibilize o corpo, o pertencimento e os afetos gerados pelo corpo, pela memória e pelo registro.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

MOSÉ, Viviane. Toda palavra. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

KATZ, Helena. Corpar - porque corpo também é verbo. In: BASTOS, Helena. Coisas vivas: fluxos que informam. São Paulo: ECA-USP, 2021.



Da memória musical ao movimento: vivências (im)pensadas para o corpo

Memórias. Música. Movimento

Mirza Ferreira

Laborarte - Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação - FE - UNICAMP
GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia - UPM

Memórias vivas são aquelas que
continuam presentes no corpo.
Uma vez lembradas, o corpo ri,
chora, comove-se, dança.
(Rubem Alves)

Outubro de 2022. Universidade Estadual de Campinas. Uma pesquisadora. Muita vontade de investigar, ouvir, experimentar. A velha conhecida ED03 - uma sala de chão de madeira vazia de móveis e repleta de histórias. Duas turmas de estudantes cursando o quarto semestre de Pedagogia. Uma professora e um professor*. Dois encontros. O que seriam aulas regulares da disciplina “Educação, Corpo e Arte” se transformam em campo de experimentações da pesquisa. Olhos curiosos. Um pouco de ansiedade de todas as partes!



Primeiro encontro: Turma de Pedagogia diurno.

Quando cheguei o clima estava agitado pela véspera das eleições presidenciais. A turma estava debatendo algumas questões urgentes relacionadas ao tema. Sentei para participar do debate. O tempo foi passando... Será que vai dar tempo? Ansiedade!

Fui apresentada à turma. Apresentei a pesquisa, seus objetivos e fiz o convite para que participassem da proposição escolhida. A grande maioria se interessou. Algumas pessoas optaram por observar.

Depois das minhas orientações muitos corpos se espalharam pelo prédio e pelo entorno da Faculdade de Educação.

Casulos. Introspecção. Memórias. Respiração. Sussurros....



Sons gravados no celular e compartilhados em um padlet.

O tempo de aula estava acabando! Optei por fazer uma roda de conversa ao invés de

realizar a segunda parte da proposição.

Compartilhamos memórias, histórias e emoções. Muitas reflexões sobre a potência do trabalho com a música e a importância da arte na formação humana.

“Las canciones no son algo inocuo. Son mecanismos de reproducción social, es una narrativa que crea, recrea, reproduce y a veces cambia el discurso hegemónico cultural de una sociedad dada en un momento determinado”. (Fernández, 2006, p. 36).

Segundo encontro: Turma de Pedagogia Noturno.

Os mesmos procedimentos iniciais: sou apresentada, apresento a pesquisa e faço o convite para a proposição. Muitas interessadas, mas uma diferença gritante: ninguém levantou do chão para procurar um espaço reservado para construir o seu “casulo”. Os corpos foram encontrando espaços na própria sala. Sensação de estranhamento. Penso: será que o fato de estarem próximas não as impedirá de realmente vivenciar essa experiência?

Apreensão...

Partimos para a segunda etapa da proposição. Partes do corpo mapeadas, ações anotadas. Agora elas vão ter que levantar para experimentar as combinações, eu penso. Engano meu! Elas começam a experimentar todas as possíveis combinações apenas no nível baixo (Laban, 1978)!

Me pergunto: O que as impede de levantar do chão? Cansaço? Desânimo? Falta de costume de movimentar o corpo durante as aulas? A situação me faz refletir sobre a educação dos corpos dos/as educadores/as em formação.



Muito se fala sobre a importância de olharmos para os corpos que habitam a escola, mas muito pouco sobre a importância de olharmos para os corpos dos educadores e educadoras em formação. São muitos os autores e autoras que alertam sobre o quanto os corpos das crianças são esquecidos pelos currículos escolares, mas o que podemos dizer sobre os currículos das licenciaturas? O corpo está presente? (Ferreira, 2021, p.31).

Novamente o tempo se torna escasso. Abro mão da última fase da proposição (associar a lista-poema com a música lembrada) e as convido para uma roda de conversa. Elas compartilham suas sensações, descobertas, dificuldades. Vou percebendo que as experimentações no nível baixo não as impediram de vivenciar a proposição. Temas como: desconstrução das ações cotidianas, observação apurada das potências do corpo e lugar do corpo na escola aparecem em nossa conversa. O horário da aula se encerra. A sala esvazia. Eu permaneço ainda impactada pela forma como a proposição aconteceu. Reflito: quantas vezes em seus processos de formação, essas garotas foram convidadas a pensarem em seus próprios corpos? A estarem atentas sobre suas percepções e sensações corporais? A olharem para sua cultura corporal de movimentos? Como seus professores e professoras estão recebendo seus corpos em suas salas de aula? O currículo que elas vivenciam busca formar corpos potentes, criativos, expressivos, livres? Ou corpos aprisionados, silenciados, podados, inertes? (MARQUES, 2003) Que olhar elas terão para os corpos de seus futuros estudantes?

Fecho a sala e sigo meu caminho de volta pra casa. No pensamento o desejo de que a potência da arte e do encontro reverbere em seus corpos...

Levo comigo inquietações e incômodos. Minha prática como professora formando professores conduziu-me ao movimento de sair em busca. Queria me encontrar com o ser poético do adulto-educador, aquela porção certamente existente em todos nós e da mesma forma negada. Aquela dimensão essencial da vida, cuja força nos conduz à criação e à beleza (Ostetto, 2005, p.19).



“Eu me senti uma criança de novo! Eu fui para o colinho da minha avó e lembrei de uma música que ela cantava para mim. Me deu muita saudade! Foi um momento muito emocionante. Ainda estou com aquele sentimentozinho, um calorzinho no peito.”
(estudante participante da pesquisa)

“A música que me veio era de quando eu tinha uns 2 ou 3 anos. Eu cantava na escolinha. Me veio muita memória visual dessa época e antes da vivência eu não lembrava de nada disso!!” (estudante participante da pesquisa)

“Foi minha irmã mais velha que fez essa música para mim. Eu chorava muito quando era pequena e ela fez a música para eu parar de chorar. Até hoje, se eu pedir para ela me acalmar, ela vai cantar essa música para mim”. (estudante participante da pesquisa)



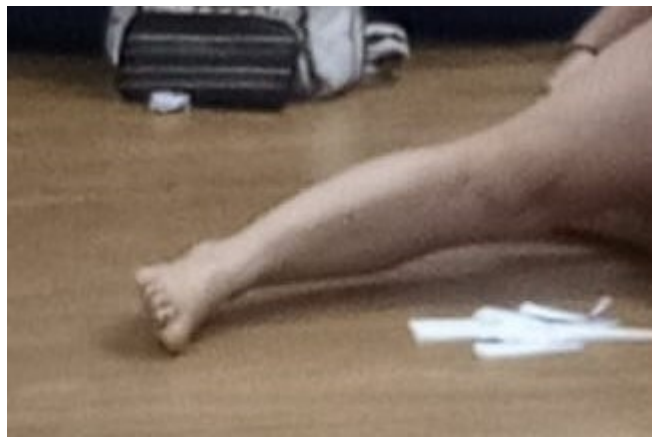
“Achamos a experiência muito inusitada e até engraçada. A gente se divertiu e riu muito!

Algumas combinações - de partes do corpo e ações - foram desconfortáveis!

Descobrimos que no corpo tudo é uma coisa só! Não tem como movimentar o cotovelo sem movimentar o ombro. Tivemos que aprender a desconstruir as ideias que a gente tinha das ações”.
(estudantes participantes da pesquisa)

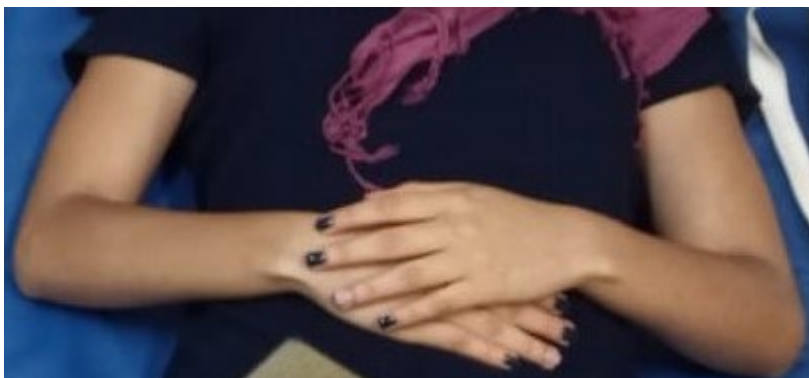


Abraçar com a
panturrilha



Correr com a
cintura

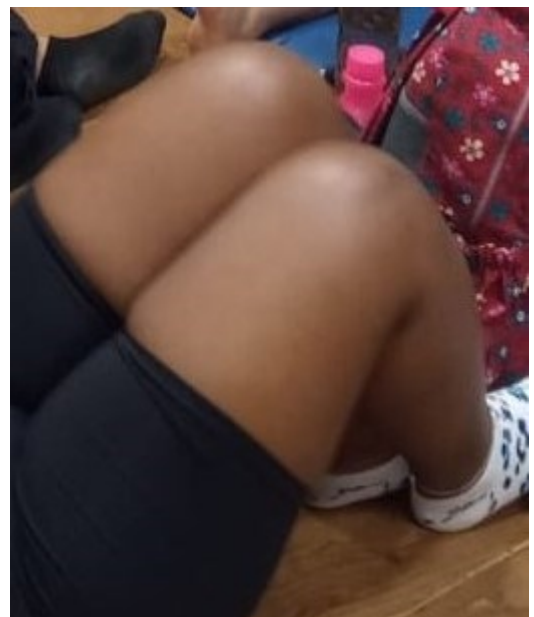
Beijar com o gogó



Andar com o nariz



Pegar com a canela



Lista de imagens

Todas as imagens são de autoria da pesquisadora.

Referências

FERREIRA, Mirza. inCORPORando a formação de educadores. In: Breves ensaios: entre docências e pesquisas – Seminário GPemC/GPAP – Mediação Cultural/Arte na Pedagogia/ organizado por Mirian Celeste Martins ... [et al.]. - São Paulo : LiberArs, 2021.

FERNÁNDEZ PONCELA, Anna M. Género y canción infantil. In Revista Política y cultura, México, n. 26, p. 36, enero 2006. Disponível em:

http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-77422006000200003&lng=es&nrm=iso. Acesso em 15/09/2023.

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educadores na roda da dança : formação - transformação. Faculdade de Educação - UNICAMP. Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

*Meus agradecimentos à professora Eliana Ayoub e ao professor André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira por abrirem suas turmas para receber a pesquisa.



CORPO DANÇANTE movimentos (im)pensados

Isleide Steil, Adair de Aguiar Neitzel,
Mônica Zewe Uriarte, Cleide Pareja,
Janete Nhoque
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul - UCS

*Meus ouvidos estão como as conchas sonoras:
música perdida no meu pensamento,
na espuma da vida, na areia das horas...[...]
Soltei meus anéis nos aléns da saudade.
Entre algas e peixes vou flutuando a noite inteira. [...]
(Cecília Meireles)*

Outubro de 2022. Uma sala organizada com tapetes, almofadas e lenços se mostra um ambiente aconchegante à espera de uma turma de 20 acadêmicos do curso de Pedagogia, 2º período, noturno, da disciplina de Educação Musical, da Universidade do Vale do Itajaí / UNIVALI – SC. Após um dia inteiro de trabalho, os discentes são convidados a se estesiarem pela memória, pela música e pelo corpo. Um passeio pelo passado, retomado no presente e vivenciado pelo corpo.



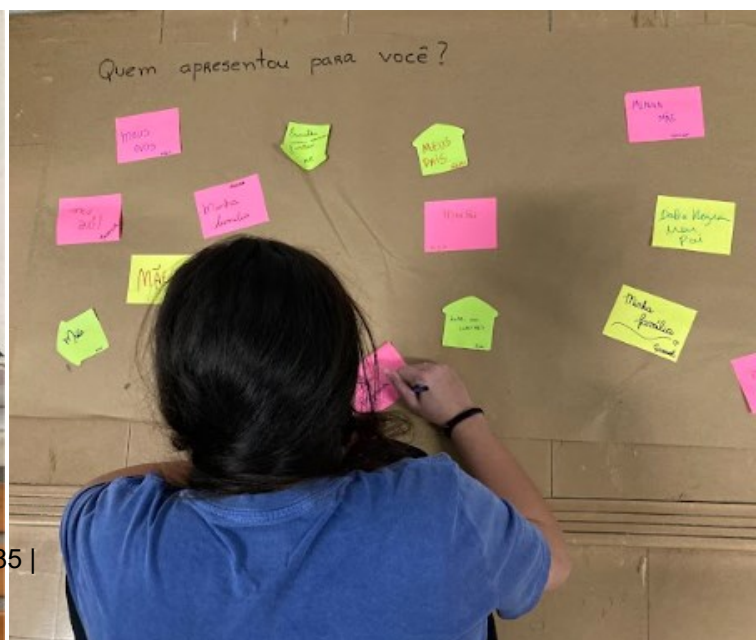
1º Encontro

Os estudantes foram convidados a ocuparem um espaço, a se aconchegarem e se recolherem no seu íntimo, cobertos com um lenço na cabeça. O não ver o outro ou não ser visto permite a liberdade, a entrega e ao não julgamento. Vasculhando o passado, a proposta foi de encontrar uma música, um sentido, um significado.



Quais sensações a música lhe evoca?
Quais sentimentos?
Essa música foi feita para quem?
Para qual finalidade?
Quem a apresentou para você?

Cante para alguém. Escute. Grave.



MEMÓRIA MUSICAL

I say a little
prayer
Beijinho doce O vento (2x)
Jó (2x)
Apesar de você Tempo perdido
Faz chover
Time
Fico assim sem você
Aos olhos do pai
Pula-pula

nostalgia
conforto
esperança
amor saudade
recomeço
calma
carinho
infância
leveza tristeza
felicidade

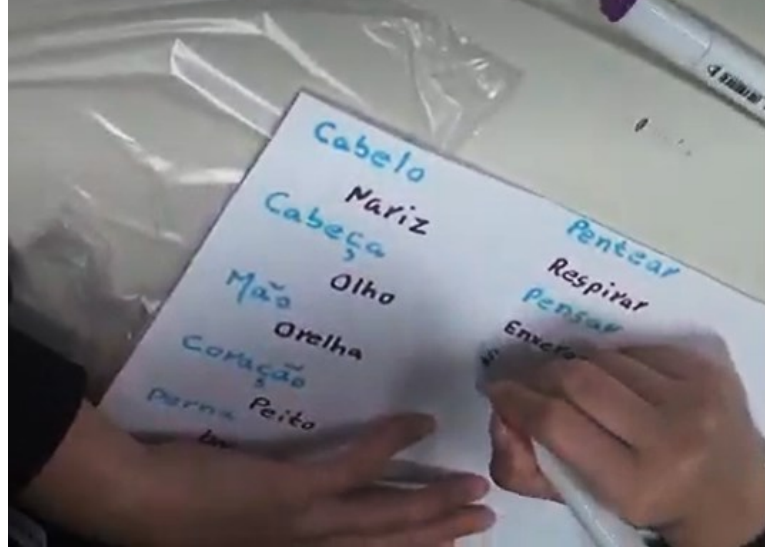
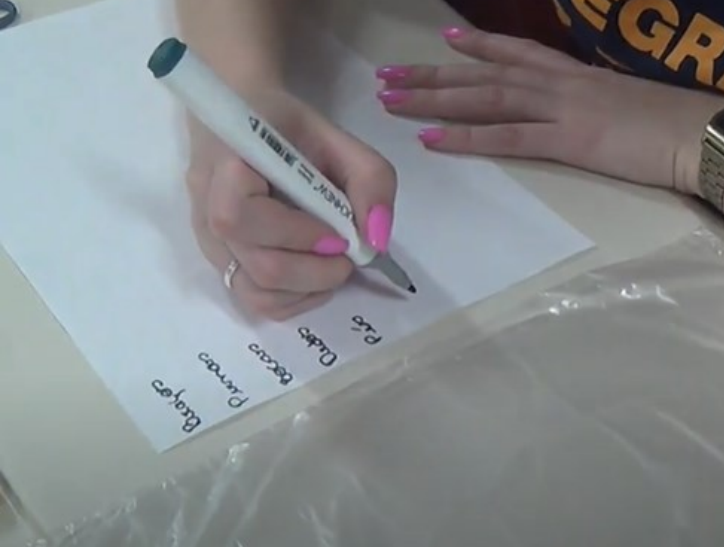
SENSAÇÕES E
SENTIMENTOS

mãe (4X)
pai (4X)
avós (2X)
família
professora
Deus
Internet

QUEM APRESENTOU A
MÚSICA A VOCÊ?

ditadura
pais e filhos Jó pai do cantor
filho do cantor crianças um amor
uma pessoa que precisava
entender seu amor

PARA QUEM FOI FEITA
OU FINALIDADE



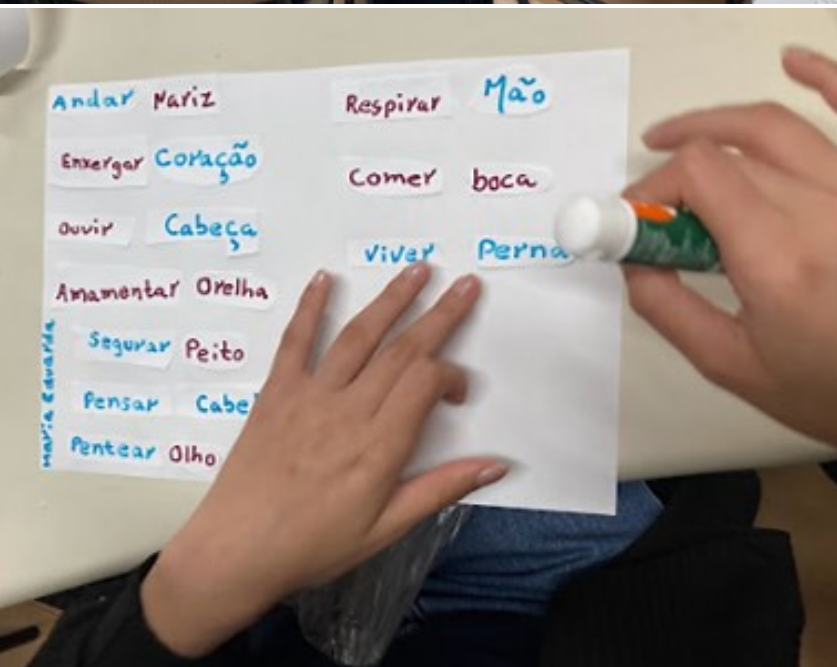
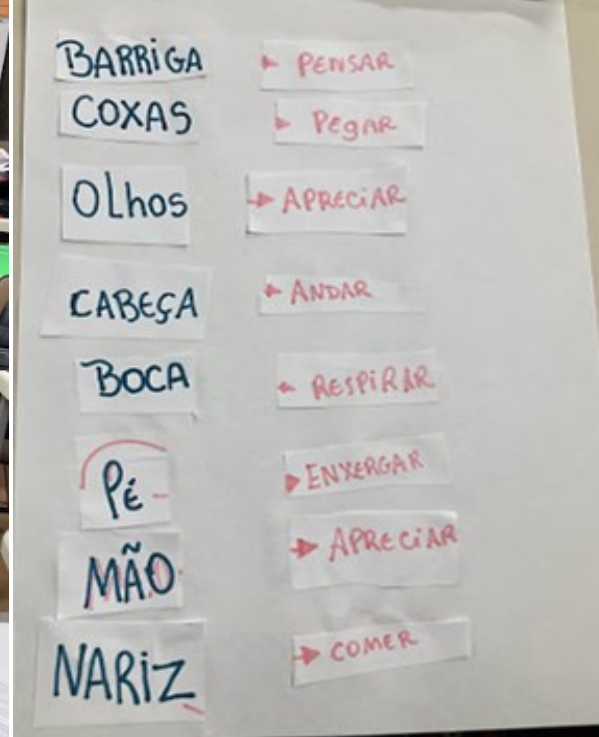
2º Encontro

O convite para poetar é lançado. Os estudantes foram chamados a criar uma lista de palavras com partes do corpo e ações corporais – Lista Poema. Tesoura na mão. O primeiro movimento foi de pensar no corpo, em suas partes e listá-las: cabeça, ombro, pé, cabelo, orelha, nariz, braços, enfim. O segundo foi de pensar as ações que cada parte do corpo é capaz de produzir. Nossos pés podem andar, nadar, correr, saltar, mas não beijar, abraçar, falar. Será?

É hora de recortar as partes do corpo e as ações. Misturá-las como fizeram os dadaístas. Desta ousadia, uma nova lista é proposta, com absurdos que levam a ações impensadas para o corpo. Esta lista-poema lhes convida a uma série de vivências para o corpo: mãos que beijam, bocas e nariz que andam, olhos que pensam, ombro que caminha, pé que abraça, pernas que veem, nariz que acolhe, mão que respira, olho que penteia, cabeça que anda...

Jogar com a imprevisibilidade nos leva a criar aforismos, a produzir a inovação: um pé que canta, escuta, coça a cabeça, come, respira... É preciso uma desordem para tornar o previsível imprevisível, criar dobras nos sentidos das palavras que estão desgastadas. Ao se desafiar as regras se produz novas imagens. Devaneios de intimidade. Poesia e corpo são chamados em uma única ação. A busca pela dança dos gestos, do movimento cotidiano que se desterritorializa, (des)organiza as movências habituais e dá potência ao inusitado, ao movimento poético.

“O movimento performático do corpo, no estado poético, é um transgressor da previsibilidade para uma abertura suave, intensa, que harmoniza e, ao mesmo tempo, dilacera para um estado sinestésico” (Ferreira, 2017, p. 112).





Jogar com as palavras é um exercício que implica em ressignificar a linguagem. Pela experiência estética o corpo se desassossega, se arrisca, se move de maneira (im)pensada. É o desafio proposto que vai incentivar a produção de outros signos e relações. Ao nutrir-se esteticamente, o sujeito joga com os objetos propositores e no jogo razão e sensibilidade são acionados.

“O sujeito nutrido esteticamente olha a diversidade e constrói sentidos, é um ser para além dos padrões políticos, sociais, culturais e educacionais, um ser que expõe suas singularidades. Desse modo, os encontros estéticos proporcionam a ampliação e o enriquecimento da vida”.
(Steil, 2021, p. 57)

As músicas que foram coletadas na parte I desta proposição, são lançadas ao vento para que eles experimentem uma dança com o imprevisível. Esta provocação leva os estudantes a perceberem seu corpo, observando que os discursos produzidos por ele podem mudar, se arriscando assim ao jogo da imprevisibilidade que pode gerar repercussões na sua rotina, reflexões sobre as interdições impostas ao nosso corpo.





O corpo como objeto propositivo de mediações culturais, como anuncia Martins e Picosque (2012). Ele leva a gestos criativos e nos convidam a habitar o mundo e por ele ser habitado.

Para as autoras, objetos propositores são provocadores de mediação cultural e podem impulsionar o encontro com a arte quando potencializam a experiência estética.

A exploração proposta de uma variedade de associações poéticas e sinestésicas, amplia nossas relações perceptivas e sensíveis, intensificando a nossa compreensão sobre o que nos cerca, afinal, nosso corpo são janelas para o mundo, “[...] corpos vivos, corpos pululantes e pulsantes como espaço criativo de ressignificação [...]” (Neitzel, Steil, Barontini, 2022, p. 292).

Braços	Tocar
Mãos	Beijar
Pé	Andar
Cabeça	Pensar
Dedos	Escrever
Palmas	Chamar
Língua	Saber
Nariz	Cheirar
Olhos	Ver
Orelhas	Escutar
Boca	Falar

CABEÇA	BEIJAR
OLHOS	PENSAR
BOCA	RESPIRAR
NARIZ	ACOLHER
OMBRO	CAMINHAR
BRAÇOS	DANÇAR
PÉ	ABRAÇAR
PERNAS	VER

Cabeça	comer
Orelhas	Pensar
Boca	Andar
Cabelo	Pisar
Braços	Pentear
Olhos	cheirar
Dedos	ver
Pernas	andar
Pés	Tocar
Nariz	Pegar
Mãos	Abraçar

Lista de imagens

1. Autoras. A música está no ar. Par fotográfico composto por três fotografias do acervo das autoras.
2. Autoras. Memórias musicais. Par fotográfico composto por três fotografias do acervo das autoras.
3. Autoras. Registros palavras. Par fotográfico composto por duas fotografias do acervo das autoras.
4. Autoras. Sentidos - Significados. Par fotográfico composto por duas fotografias do acervo das autoras.
5. Autoras. Palavras – corpo - ações. Par fotográfico composto por duas fotografias do acervo das autoras.
6. Autoras. Nosso corpo sujeito. Par fotográfico composto por seis fotografias do acervo das autoras.
7. Autoras. Individualidades I. Par fotográfico composto por quatro fotografias do acervo das autoras.
8. Autoras. Corpo e poesia. Par fotográfico composto por duas fotografias do acervo das autoras.
9. Autoras. Mediação. Par fotográfico composto por duas fotografias do acervo das autoras.
10. Autoras. Lista poema. Par fotográfico composto por três fotografias do acervo das autoras.

Referências

- FERREIRA, Gilmar Leite. Corpo e poesia: para uma educação do sensível. Curitiba: Appris, 2017.
- MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Intermeios, 2012.
- MEIRELES, Cecília. Antologia poética. São Paulo: Global, 2013, p. 38.
- NEITZEL, Adair de Aguiar; STEIL, Isleide; BARONTINI, Marcella. Corpografias na leitura do literário. Revista Teias v. 23 • n. 70 • jul./ago. 2022. Disponível em: DOI: 10.12957/teias.2022.64640. Acesso em 06/09/2023.
- STEIL, Isleide. Educação estética e o corpo dançante na escola. 2021. 157f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2021.



Proposição Estética no território da Pedagogia: uma educação pelo sensível Experiência - Memória - Imaginário

Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

Silvia Sell Duarte Pillotto

Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

Dia 19 de abril de 2023, chegamos mais cedo na Universidade da Região de Joinville (Univille) para organizar o ambiente e materiais, aguardando ansiosos os 22 acadêmicos do Curso de Pedagogia. Lá estávamos com a professora do componente curricular Ludicidade e os 15 pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE). E foi assim que tecemos linhas de atuação, buscando potencializar as artes/culturas daqueles que estavam disponíveis à experiência estética. A a/r/tografia foi o caminho metodológico para a Proposição Estética na busca de conexões com a criação (form)ativa, as artes e as sensibilidades, na tentativa de reduzir a distância entre o pensar/fazer e o sentir/pensar. O lugar do imaginário, da memória e da experiência foi garantido nas experiências que envolveram sonoridades, ritmo e silêncio e no revisitamento das infâncias, que se alinharam ao estranho desejo de sair de um lugar conhecido para um outro lugar ainda não explorado. Um misto de gestos, (trans)formados à medida que atravessávamos o tempo presente/passado - tempo de (re)invenção de nós mesmos.



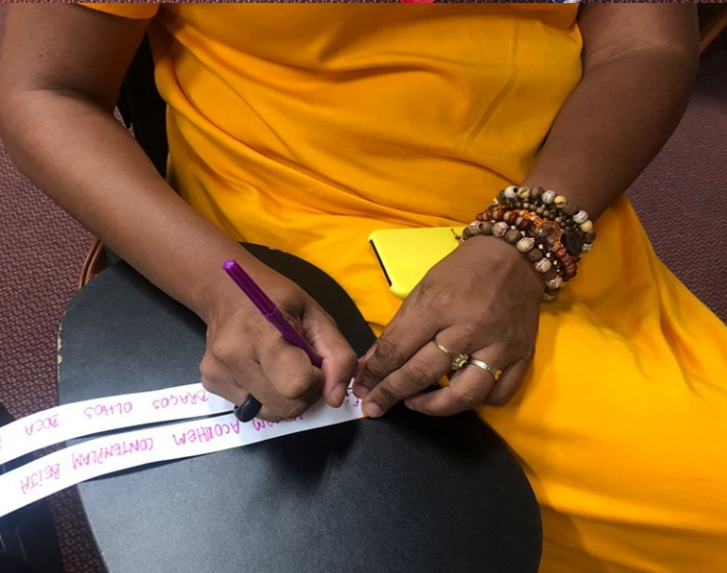
Olhos vendados: o imaginário é potencializado! O que acontece?

Memórias de infâncias... algumas boas, outras nem tanto... bloqueios e silêncios... A voz toma forma e depois... as luzes se apagam e se acendem, enfim! O sorriso é fácil quando se (re)encontram com a voz emitente; acontece então uma espécie de satisfação plena no retorno para si mesmo. “Por um ponto em movimento, o gesto põe a linha a formar planos, penetrando em zonas, deixando rastros, enredos, figuras, emissões em cadeia, simulando espaços e mundos, remetendo a desvios e dispersões” (Meira; Pillotto, 2022, p. 19)

Como pensar fora do sentido convencional de uma lógica habitual? Escuta silenciosa, conversas difusas, introspecção e mergulho em si mesmo. Uma sensação de que os corpos/sentidos movimentavam-se em ritmos diferentes e iguais, mergulhados em experiência!

Lista/Pensamento, Lista/Sentido, Lista/Movimento, Lista/Interação,
Lista/Coração, Lista/Emoção, Lista/Alegria, Lista/Dúvida, Lista/Decisão,
Lista/Relação, Lista/Vida, Lista/Solidão, Lista/Encontro, Lista/Procura,
Lista/Sensação, Lista/Passado, Lista/Presente, Lista/Ação, Lista/Dizer, Lista
Não Dizer, Lista/Só, Lista/Junto, Lista/Coração, Lista/Teia, Lista/Eu,
Lista/Você, Lista/Nós, Lista/Procura, Lista/Brecha, Lista/Vazio, Lista/Cheio,
Lista/Ponto, Lista/Pesponto, Lista/Uma Vez (Pillotto, 2023).



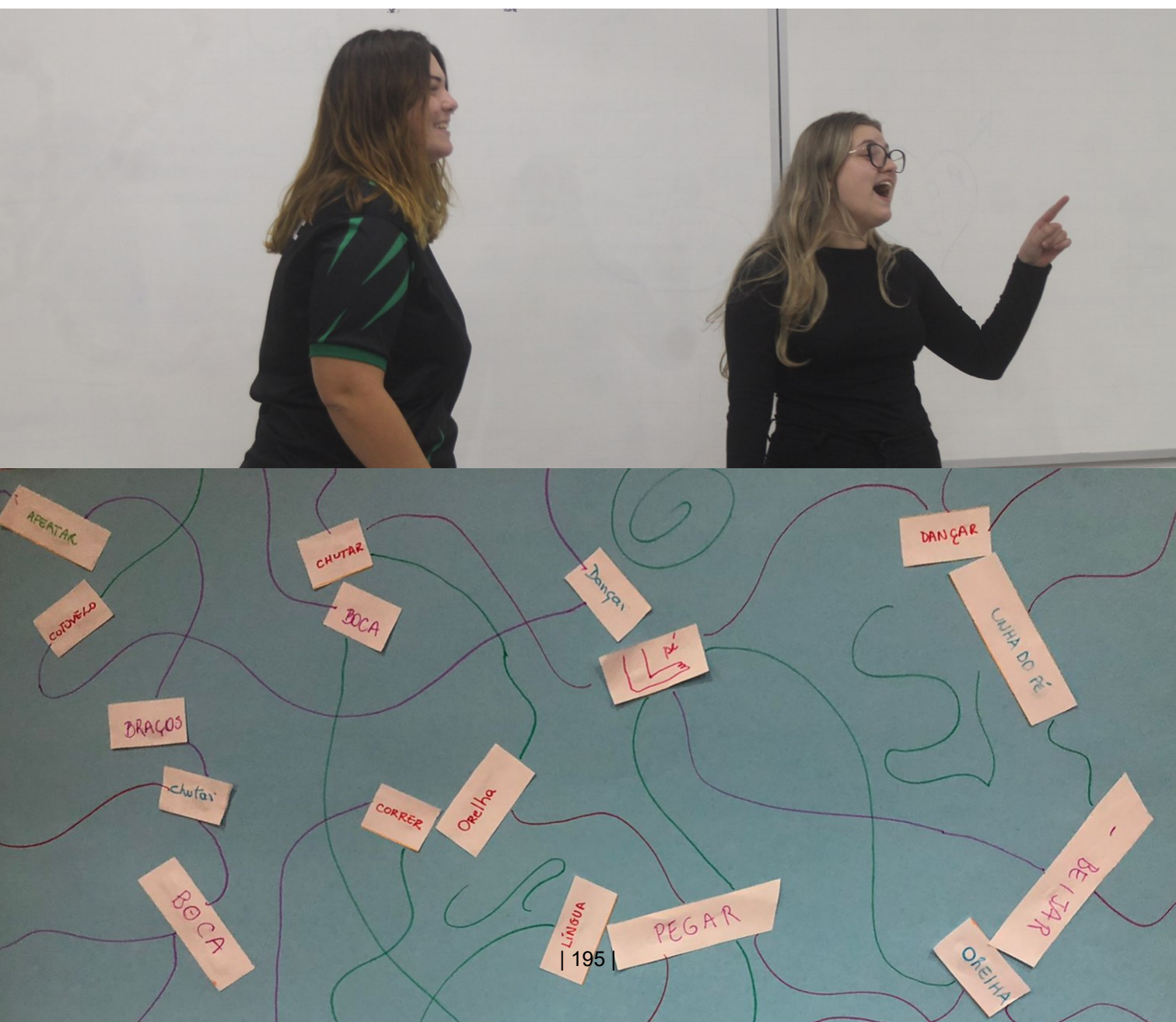


É possível que a experiência estética desperte em cada um de nós, protótipos mentais concretos e que variam em termos de ordem e desordem, que se liga à nossa história pessoal, ao nosso nível de escolarização, à cultura que tivemos em casa, na rua, no trabalho. “Ela permanece constante no que se liga ao corpo com suas necessidades e desejos, ao campo de estesias que o lugar em que vivemos oferece. Refiro-me à capacidade de fruir prazer e dar prazer a alguém” (Meira, 2014, p. 57).

A arte, banhada pela sensibilidade, pode ser a solidez das verdades inventadas ou ainda fios intempestivos, que provocam a suspensão dos saberes e dos poderes... A arte pode ser brechas, abrindo caminhos outros, sentidos imprevisíveis, que se findam na dor e no prazer.

A arte busca os vazios em nós, encontrando fissuras que especulam afetos em uma poética que torna possível apalpar o impalpável... A arte evoca memórias e perpetua experiências; capta o real e cultiva o não real em passagem para o imaginário. A arte pode ser porta aberta para os acasos que geram outros acasos... Estados de imprevisibilidades, revoluções, imersões, atravessamentos. A arte pode provocar viagens de experimentações em noites estreladas e sol pujante! Noite e dia, sombra e luz, transparência e nitidez! A arte pode ser sossego no desassossego; um só em meio a multidão, imponente e solitário, feito de uno e duplo (Pillotto, 2023).

A arte pode ser...





Sussurros e inquietudes nos levaram a desafiar os partícipes, deixando de lado a ansiedade do inesperado para trilhar novos caminhos no imaginário. Depois de um tempo, os provocamos a memorizar uma música que lhes havia afetado, cantarolando-a para o colega ao lado. A princípio, um estranhamento... Depois, a memória (trans)formou-se em um misto de saudade, alento, nostalgia e alegria. As músicas revisitavam as infâncias, a escola, as brincadeiras com os amigos, a família, as perdas e demandas tristes e alegres... As vozes se calavam enquanto as memórias traziam músicas no acomodar dos sentidos. Como nos dizem Lego e Irwin (2023, p. 352)

[...] é na reciprocidade com os outros que nos tornamos atentos para o potencial de investigação. Afinal, necessita-se da presença do outro: é no diálogo que se revelam propostas e conversas que despertam para oportunidades de aprender novamente.

Após a gravação do cantarolar, ouvimos um murmurinho feito simbiose. Um falatório cantado que percorria o espaço da sala. Corpos que vibravam em um tempo e espaço se manifestando pela expressão em sua totalidade. As memórias das infâncias vieram potentes; enquanto observávamos os processos, anotamos em nossos diários de sentidos o que capturamos da experiência; estávamos na condição de pesquisadores/aprendizes.

Seguimos com a Proposição Estética trazendo mais um desafio: alinhar palavra e ação, ou ainda, a lógica sem lógica... Partes do corpo unidas em pares; junção de uma parte com outra. As mãos ouvem? Os pés cantam? Os olhos caminham? Quem sabe dizer? E quando tudo parecia se ajustar na acomodação, o encontro entre dois corpos diferentes, rompem novamente o silêncio... Estranhamento e medo de ser tocado e olhado. Um tempo depois... A harmonia de estar-junto; uma sensação engendrada no encontro entre um corpo com outro corpo e com forças do mundo que os afetam.



A A/r/tografia...possibilita aberturas que “[...] residem nesses entre-lugares e sugerem metaforicamente, que pode haver rachaduras, rupturas, lágrimas ou incisões que percebemos. As aberturas nos ajudam a ver além do que é naturalizado, presumido, dado ou consumado” (Irwin, 2013, p. 33).

É um campo para se pensar na Pedagogia como lugar de criar circunstâncias e (re)inventar o cotidiano. É atravessar fronteiras imprevisíveis na busca do nosso próprio modo de fazer, abrindo fissuras para a form(ação) pedagógica.

Na A/r/tografia é possível ecoar a percepção poética e atitude ética como postura diante da vida. Uma estética/ética da existência, que potencializa a nossa voz e dos (inter)locutores, abrindo fissuras nos campos da escola, da universidade e de espaços não formais da educação, possibilitando(trans)formações e novos modos de ver/sentir a vida (Pillotto; Strapazzon; Costa, 2023, p. 45-46).

A experiência/pesquisa a/r/tográfica nos levou a explorar outros caminhos com pés esperançosas por uma educação pelo sensível. Pés que andaram juntos com outros pés em outros andares, pois como nos lembra Skliar (2014, p. 108) “[...] educar é colocar no meio. Entre. Fazer coisas, juntos, entre nós e entre outros. [...] é pensar algo diferente do registro, do arquivo, da devolução irrestrita do aprendido”.

Lista de imagens

1. *Processos Imaginários*. Foto-ensaio composto por três fotos digitais, à esquerda detalhe de dois acadêmicos memorizando músicas e duas outras fotografias referentes as construções poéticas - Acervo NUPAE (2023).
2. *Descobertas no cantarolar*. Foto-ensaio composto por duas fotos digitais mostrando o processo de memorização musical - Acervo NUPAE (2023).
3. *Fragmentos de sensibilidades*. Foto-ensaio composto por duas fotos digitais referentes as construções poéticas - Acervo NUPAE (2023).
4. *Desdobramentos Sensíveis*. Foto-ensaio composto por quatro fotos digitais sobre os materiais utilizados, uma das pesquisadoras captando a cena e duas imagens sobre os processos do fazer/sentir/pensar - Acervo NUPAE (2023).
5. *(Entre)linhas Dançantes*. Foto-ensaio composto pelo conjunto de duas fotos digitais, destacando as relações corporais a partir dos mapas sensíveis/visuais - Acervo NUPAE (2023).
6. *Construção Poética Coletiva*. Foto-ensaio composto por uma foto digital, referente ao processo criativo dos acadêmicos. - Acervo NUPAE (2023).
7. *Caminhantes*. Foto-ensaio composto por uma foto digital, refletindo sobre os percursos da educação - Acervo NUPAE (2023).

Pesquisadores do NUPAE/UNIVILLE

Coordenação: Prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto

Equipe: Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon; Eliana Stamm; Rita de Cássia Fraga da Costa; Daniela Cristina Viana; Karinna Alves Cargnin; Maura Maria Roth; Lucélio Budal Arins; Paulo Roberto Fernandes; Patrícia Regina de Carvalho Leal; Ana Paula Simião Pinto; Leila Regina Leidens Arcari, Silvane Junior Leandro; Nicole Lia do Rego da Silva e André Gragefe.

Referências

IRWIN, Rita L. *A/r/tografia*. In: BELIDSON, Dias; IRWIN, Rita L (org.) *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 27-35.

LEGGO, Carl; IRWIN, Rita L. Formas de observar: arte e poesia. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli (org.). *Educação estética: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades*. v. 2. Joinville: Editora Univille, 2023. p. 349-388.

MEIRA; Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. *Arte, educação e afeto: a sensibilidade na ação pedagógica*. 2. ed. ver. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022. PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli; COSTA, Rita de Cássia Fraga da. A pesquisa *A/r/tográfica* no território da pedagogia e das sensibilidades. *Revista Palindromo*, Florianópolis, v. 15, n. 35, p. 31-52, fev./maio, 2023.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. (Entre)laçamentos: a imagem e o (entre)lugar da/na educação estética In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli (org.). *Educação estética: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades*. v. 1. Joinville: Editora Univille, 2023. p. 182-201.

SKLIAR, Carlos. *O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação*. Tradução: Adail Sobral... [et al.]. Salvador: EDUFBA, 2014.

PERCURSO-SENTIDOS

Dimensões envolvidas: Percurso e Movimento

Proponentes: Daniela Schneider (coord.) e Lívia Lempek, Rafaela Monteiro Alves, Mariana Silva, Isadora Brum (Universidade Federal do Rio Grande/ Grupo de Estudos e Pesquisa afee! Arte, Formação e Experimentações Estéticas)

Obs: Convide os alunos para um programa de modos de experimentar um trajeto, distribuído em 5 dias, cada um destinado a um dos sentidos do corpo humano.

Selecione um trajeto cotidiano - o caminho de todos os dias. Disponha-se a experimentá-lo desde uma atitude de atenção com intenção. Para cada dia, experimentará um dos sentidos.

dia 01 - percurso-ver

Percorra o itinerário cotidiano escolhido. Ative a atenção no olhar. Sua intenção deve concentrar-se naquilo que está lá, todos os dias, mas não é visto. Olhe para tudo aquilo que não vê. Quais invisibilidades fazem parte do seu caminho? Se quiser, ao fim do percurso, faça um inventário de tudo o que foi visto/experimentado. Compartilhe no @ (ter uma mídia que possibilite a partilha coletiva das proposições).

dia 02 - percurso-ouvir

Percorra o itinerário cotidiano escolhido. Ative a atenção no ouvir. Sua intenção deve concentrar-se naquilo que está lá, todos os dias, mas não é ouvido. Quais sons e silêncios compõem o teu caminho? Se quiser, ao fim do percurso, faça um inventário de tudo o que foi audível/silenciado. Compartilhe no @ (ter uma mídia que possibilite a partilha coletiva das proposições).

dia 03 - percurso-farejar

Percorra o itinerário cotidiano escolhido. Ative a atenção no olfatar. Sua intenção deve concentrar-se naquilo que está lá, todos os dias, mas não é farejado. Quais cheiros compõem o teu caminho? Se quiser, ao fim do percurso, faça um inventário de tudo o que

foi olfatado. Compartilhe no @ (ter uma mídia que possibilite a partilha coletiva das proposições).

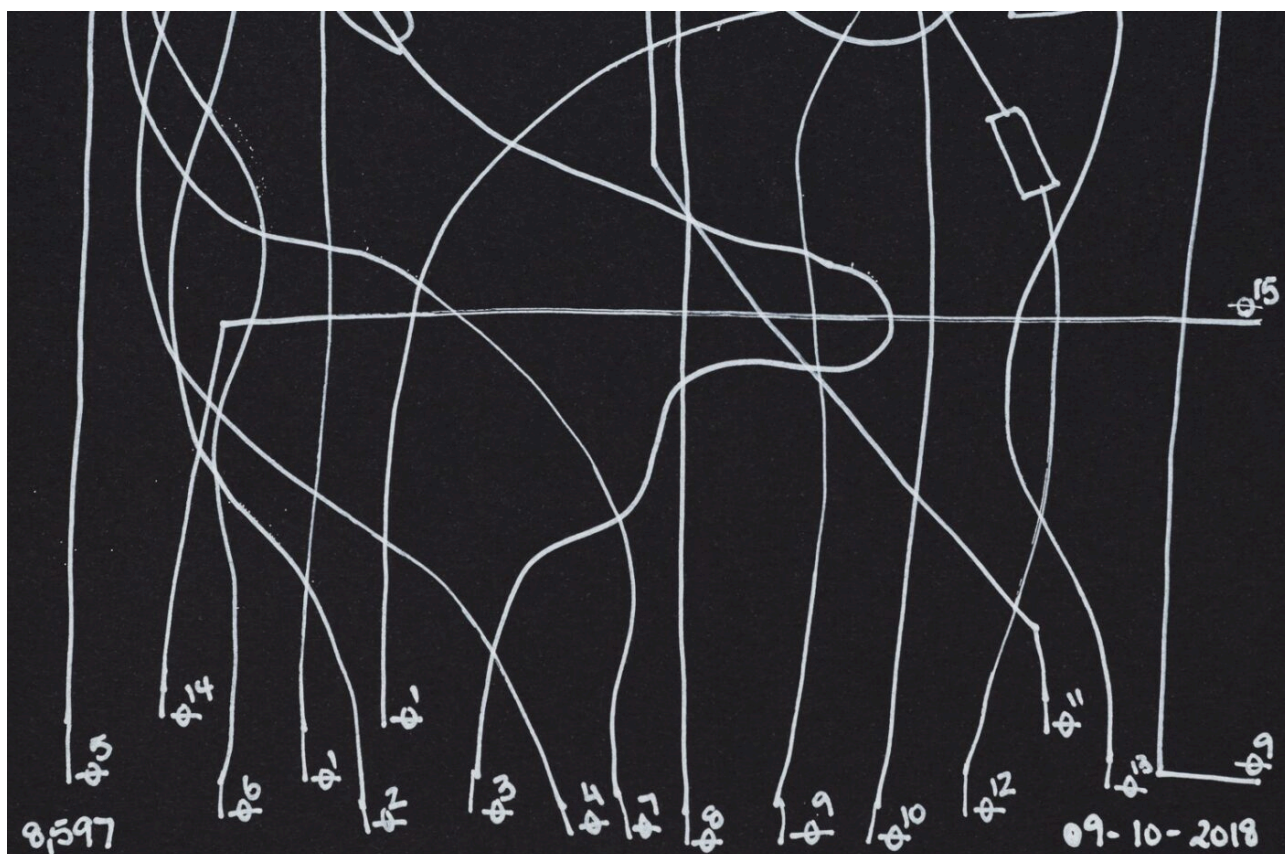
dia 04 - percurso-tocar

Percorra o itinerário cotidiano escolhido. Ative a atenção no tatear. Sua intenção deve concentrar-se na forma como as superfícies te convidam ao toque. Quais asperezas e maciezas fazem te permitem sentir o teu caminho? De que modos o toque é convite ou dissuasão? Se quiser, ao fim do percurso, faça um inventário de tudo o que te alimentou. Compartilhe no @ (ter uma mídia que possibilite a partilha coletiva das proposições).

dia 05 - percurso-saborear

Percorra o itinerário cotidiano escolhido. Resgatando a atenção nos sentidos já experimentado até aqui, quais sabores tem o teu caminho? De que forma esse caminho te nutre. Se quiser, ao fim do percurso, faça um inventário de tudo o que te alimentou. Compartilhe no @ (ter uma mídia que possibilite a partilha coletiva das proposições).

Obra de inspiração: Ana Amorim, Simplified Map (2005)





Percursos-sentidos sensibilizados

Ver. Ouvir. Farejar. Tocar. Saborear

Mirian Celeste Martins
Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Final de semestre. Julho de 2023. Preocupações roubando tempo de um pequeno grupo de alunas¹ que cursavam o segunda etapa do Curso de Pedagogia. Tempo. Tempo. Tempo... No atropelo das tarefas, andar atentas ao próprio percurso gerou uma brecha para ver, ouvir, farejar, tocar, saborear. Não houve tempo entretanto, para a boa conversa que poderia oferecer a partilha da consciência de si, de corpos abertos e sensíveis à experiência e à percepção dos espaços. Mesmo assim, sem a partilha, trago à tona esta proposição para perceber sua potência, exercitando meu olhar sobre o modo como cada uma viveu a proposição. Há textos breves, corridos, apressados. Há textos que refletem o corpo atento. Há palavras que conversam com as fotos que evidenciam descobertas.

Um olhar que vagueia e encontra pouso em pequenos detalhes; ouvidos que se colocam à escuta e que se fixam nos ruídos humanos, das máquinas, dos animais; um nariz farejador que nunca prestou tanta atenção aos aromas e odores; um corpo que toca e ousa sentir também com as mãos; um saborear que vai além do que poderia sentir em sua boca.

Ver.

O visível:

As mochilas variadas, os carros, as paredes brancas e cinzas transbordadas de cartazes e enfeites coloridos, pais, filhos, professores, funcionários e sua rotina.

O invisível:

O carinho. O carinho de um pai que deixa seu filho à porta da escola, ou de uma mãe ao fazer o penteado mais elaborado já visto em sua filha. O carinho dos professores por seus alunos ao vê-los chegando, o carinho o da equipe da segurança olhando por todos com preocupação que vai além do seu posto profissional.

Fernanda Nogueira Paulette

Ouvir.

Silêncios: Quase não há, apesar de as manhãs serem bem mais silenciosas do que as tardes.

Sons: Tanto “Bom dia!” que se ouve... As risadas, os apelidos e gracinhas, as infinitas perguntas e a ansiedade e curiosidade por trás delas.

Fernanda Nogueira Paulette

Farejar.

Neste dia, senti o cheiro do milho cozinhando e do churrasco na entrada da estação de trem. O forte cheiro do rio que fica próximo a uma das estações. O perfume das pessoas. O cheiro natural do ser humano, já que muitas pessoas estavam voltando de um dia de trabalho. Cheiro dos pães de queijo sendo assados nas vendas das estações e nas lanchonetes da faculdade.

Mayara da Silva Borges

Tocar.

Álcool em gel, creme de mãos, creme de pele, perfume, lixa de unha, pinça de sobrancelha, hidratante labial, blush, volante, marcha, freio de mão, buzina, lanterna, limpador de para-brisa, botão do ar-condicionado, botão que regula o volume da música, meu cabelo, meu rosto. Tudo isso é o que eu toco no meu trajeto.

Marina N. Moredo

Saborear.

Passando por essa praça, meu caminho de todos os dias, pude saborear a paz que invadiu meu ser, a tranquilidade de que se tem aí e a alegria por ter concluído esse trabalho! Aprendi muito sobre os cinco sentidos!

Lucilene dos Santos Alves



“Não há nada no intelecto que não tenha estado primeiro nos sentidos: o que significa que o intelecto recolheu o que fica dos sentidos que se torna, portanto, uma memória, um estoque, um banco de dados”, revela Serres (2001, p.337). A ação consciente e intencionada pela proposição se torna linguagem verbal e, para algumas estudantes, também visual traçando um registro partilhado. Corpo atento, sensível e sensibilizado que, como agulha imantada “flutua e varre em seu rodeio dançante os espaços por onde as coisas, o mundo e os outros a bombardeiam ou chamam” (*ibidem*, p. 311). A proposição provoca a experiência que acaba resgatando a percepção e consciência de si...

Este caminho me nutre pois é nele que posso estar sozinha para pensar, prestar atenção aos detalhes e nas pessoas. Apesar de nessa semana ter a minha atenção voltada para os sentidos específicos, nos outros dias, mesmo sem perceber, eu já experimentei todos eles, juntos. Estou sempre atenta e curiosa para tudo o que acontece ao redor. Ao mesmo tempo que estou no meu próprio mundo de pensamentos, também fico pensando sobre em que mundo as outras pessoas do trem estão, imaginando quais músicas estão ouvindo em seus fones ou se aquele livro que está lendo é interessante, se estão sobrecarregadas com a faculdade ou trabalho, se estão sonolentas ou cansadas. (Mayara da Silva Borges)

Final de semestre. Espaços de conversa e expansão com obras e teorias sobre o caminhar, como proposto por Careri (2017, 2013), ou como prática pedagógica como proposto por Monica Hoff (2014), ficaram apenas no desejo.

Um possível adendo: no semestre seguinte, em outro componente curricular, o tato se condensou em uma proposta de um canto criado para a Educação Infantil. Reverberações? E em outro semestre, se condensou em um portfólio coletivo feito livro.

Lista de imagens

Imagem 1. *Nas ruas*. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais, sendo as duas da extremidade de Lucilene dos Santos Alves e a do meio de Marcia Antonia Santos.

Imagem 2. *Do lado de fora*. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais, sendo a da esquerda acima de Amanda Lima, ao lado de Marcia Antonia Santos e a maior abaixo Lucilene dos Santos Alves.

Imagem 3. *Tocar*. Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais de Lucilene dos Santos Alves.

Referências

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: G. Gili, 2017.

_____. *Walkscapes: o caminhar como prática estética* São Paulo : Editora G. Gili, 2013.

HOFF, Monica. *Por uma pedagogia a pé: a caminhada como construção poética*.

Monografia. Porto Alegre, 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Especialização Pedagogia da Arte. Disponível em:

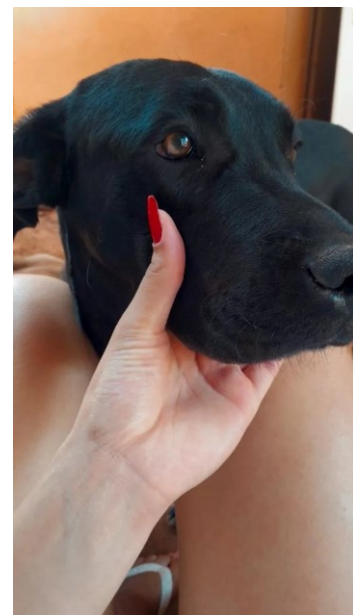
<http://hdl.handle.net/10183/15683>. Acesso em 07 set. 2023.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados -1*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

¹. Estudantes participantes: Amanda Lima, Fernanda Nogueira Paulette, Lucilene dos Santos Alves, Marcia Antonia Santos, Marina N. Moredo e Mayara da Silva Borges.



Começa um movimento de atenções e percepções. Lugares familiares, com sentidos estrangeiros. Captar cores, cheiros, sons, texturas, sabores em espaços rotineiros, que se tornaram invisíveis, no vai e vem do devir do dia-a-dia, um movimento ininterrupto, transformando em realidades insensíveis. E assim foi o vai e vem das estudantes durante 5 dias. Caminhavam agora com sentidos aguçados, como se estivessem entrando em um território totalmente desconhecido. Ane Caroline Pereira relata: Quem viesse de longe poderia facilmente me perceber como uma pessoa que nunca havia estado naquelas ruas, observando e procurando o que sempre esteve ali e não havia recebido a devida atenção. As fotos desse dia giraram em torno de uma “barriguda” (paineira rosa), localizada no meio da praça Dr. Carlos e consequentemente, no meio de Montes Claros. Sempre esteve ali. Linda, frondosa! Anne Caroline Soares comenta que: procurei aguçar meus sentidos para perceber coisas que normalmente não prestaria atenção, como as flores caindo por cima do muro de um vizinho, o barulho dos automóveis na avenida, o trem passando bem longe pelos trilhos, o cheiro de pão francês assando de madrugada na padaria da esquina, entre outras coisas. A Nayara se sentiu extremamente gratificada, pois ao se dispor a vivenciar sensações, conta: fui presenteada por um arco-íris, observei a variedade de cores e cheiros dos hibiscos pelo caminho anteriormente não percebidos, e por fim, tive a oportunidade de interagir, usando a sensibilidade do toque para sentir a energia de um ser não humano.



As estudantes ao passarem por esse movimento de experienciar sensações revelam o quão sufocadas são as pessoas no tocante ao sensível, ao perceptível.

Lara partilha que: a partir desses dias que tirei para explorar os sentidos, foi possível perceber que atrás das correrias do dia-a-dia, tantas coisas simples passam despercebidas que fariam diferença no nosso convívio social... no percurso “tocar”, percebi que algumas texturinhas entortavam meu pé e devido a pressa não parava para olhar o que poderia ser, pude perceber que eram alguns relevos e irregularidades que tinha no calçadão.

Ane Caroline Pereira, realça: o percurso ouvir, foi de longe o mais interessante. A maneira como andar pela cidade te faz ouvir diferentes sons é... belo... fui capaz de perceber que cada loja de roupas, bijuterias ou lanchonetes, contavam com uma caixinha de som, seja passando diversos estilos de música ou, sendo usada para anunciar seus produtos. Andando mais, é capaz de perceber o som da cidade, pessoas andando, conversando, gritando e cantando. Carros, motos, caminhões e ônibus, são responsáveis pela maior parte desse som... é comum você ver que motoqueiros usam a buzina para avisar que estão passando.

Nayara reflete: Sendo assim, ao vermos aquilo que passa despercebido, estamos exercitando nossa capacidade de estar presente no momento presente e colhemos frutos de como essa prática aparentemente simples nos ajuda a reduzir o estresse, a ansiedade e a excitação mental constante e ao mesmo tempo predatória. Ao direcionarmos nossa atenção para o que está acontecendo no aqui e agora, podemos desfrutar mais plenamente das experiências do dia a dia.



Que potencial pode haver em um exercício sensitivo? Os sentidos humanos são fenômenos pujantes para processos cognitivos e intuitivos? Os sentidos aguçados significa uma interação entre mundo externo e interno? Exercitar os cinco sentidos produz experiências estéticas?

O exercício cotidiano dos sentidos, gera um ser sensível e consciente. Qualidades que propiciam experiências estéticas que estão interligadas à cognição e intuição. Gisa Picosque (s/d), ressalta que somos preparados para sermos sensíveis, para tocar o mundo com nossos órgãos dos sentidos e o resultado sensorial gera processos cognitivos, realçando que a porta de entrada para o conhecimento é o entendimento corpóreo.



Para apreender as fontes da experiência estética, portanto, é necessário recorrer à vida animal abaixo da escala humana... O animal vivo acha-se plenamente presente, inteiramente participante em todos os seus atos: nos olhares cautelosos, no farejar sensível, no espetar abrupto das orelhas. Todos os sentidos se encontram igualmente no *qui vive*. Ao observá-lo, vemos o movimento fundir-se com o sentido e o sentido com o movimento... A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimento e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo. Em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. (DEWEY, 2010)





Conceitos nas experiências vividas

Um movimento, onde as estudantes testificam conceitos abordados por Dewey, Ostrower, Picosque e outros, a cada dia que aguçam um sentido específico.

Eis algumas reflexões:

“O exercício foi bem positivo e válido, aguçar esses sentidos para buscar algo que já estava presente foi agradável, cativante, mas principalmente, foi envolvente... foi uma prática que nos ajuda a perceber o quanto estamos correndo e deixando os detalhes para trás. Nos faz perguntar: estamos vivendo ou sobrevivendo?”

Ane Caroline Pereira da Silva

“Nesse contexto, é comum que muitas coisas passem despercebidas, pois não temos tempo ou disposição para observar e refletir sobre o que está ao nosso redor. No entanto, exercitar a habilidade de ver aquilo que passa despercebido no dia a dia é essencial para uma vida mais consciente e plena.”

Nayara Alvim Machado

“Após tais percursos, pude refletir sobre o quanto vivemos inúmeras coisas, sem ao menos prestar atenção no que vimos, farejamos, ouvimos, tocamos e saboreamos. É como se estivéssemos vivendo no automático e não percebemos nos detalhes tão especiais da vida. A partir de tal proposta pude reavaliar meu modo de vida.”

Sandy Pereira da Silva

A proposição percursos/sentidos, traz a luz, que a ação humana são carregadas de subjetividades e referenciais culturais. Ostrower (2009), realça que a intuição e percepção, são modos de conhecimento, apreendendo o mundo externo e interno e paralelamente uma interpretação do que está sendo apreendido.

Lista de imagens

1. Caminhos sensíveis - (Colagem/Foto - Jennyfer Gonçalves)
2. Sensibilidades difusas - Foto Ensaio (Fotos de Ane Caroline Pereira, Anne Karoline Martins Souza, Anne Caroline Soares e Izabela)
3. Tocar - Foto Ensaio (Fotos de Ane Caroline Pereira, Jennyfer Gonçalves, Letícia Ribeiro, Anne Caroline Soares)
4. Sensações urbanas Foto Ensaio (Fotos de Ane Caroline Pereira, Anne Caroline Soares, Sofia Laura Rosa Vargas, Thamara Almeida Soares, Izabela)
5. Identidade Foto Ensaio (Fotos de Claudia Margareth, Letícia Ribeiro, Ane Caroline Pereira)
6. Contexturas Foto Ensaio Fotos de Ane Caroline Pereira, Gabriela Campos, Sandy Pereira)

Referências

DEWEY, Jonh. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2009.

PISCOQUE, Gisa. Revelações do corpo: estesia, conhecimento¹.

https://o.institutoreuna.org.br/downloads/primeirospassos/af/arte/percurso_AF_AR_PF3/percurso_AF_AR_PF3_anexo5_texto-apoio-revelacoes-do-corpo_.pdf



SABER DE COR

Dimensões: palavra – micro/macro – eu/nós – memória

Proponente: Vinícius Stein (UEM); João Paulo Baliscai (UEM); Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens (ARTEI).

PROPOSIÇÃO:

1. Liste nomes utilizados popularmente para se referir às cores, cuja denominação remete a algo que pode ser encontrado na realidade (ex.: laranja, cor-de-rosa, caramelo, cor de pele, limão...).
2. Fotografe coisas às quais as cores remetem.
3. Compartilhe as imagens.
4. Perceba e dialogue na Roda de conversa.
5. Registre a experiência com imagens e palavras.

OBSERVAÇÕES PARA O PROPOSITOR:

A seguir, apresentamos algumas questões que podem mobilizar a realização das etapas que compõe a proposição.

Etapa 1 - Sobre a listagem de nomes das cores: Que palavras utilizamos para nos referir às diferentes cores? Quantos nomes uma mesma cor pode ter? Que coisas e que cores compartilham do mesmo nome?

Etapa 2 - Sobre as cores que serão fotografadas: Quais cores mobilizarão nossas criações? Escolheremos uma delas (ex.: todas as coisas que ajudam a dar nome ao vermelho)? Escolheremos três ou quatro nomes dados a algumas delas (ex.: três nomes dados ao azul, verde e vermelho)? Deixaremos que cada participante escolha quais e quantas cores preferir? Escolheremos aquelas que parecem ser mais fáceis de serem encontradas, ou as mais difíceis?

Sobre a composição das fotografias: Faremos enquadramentos mais fechados, em macro (para que a imagem não mostre a forma da coisa, mas apenas sua cor)? Faremos

enquadramentos mais abertos (para ver não só a cor, mas também as linhas e formas que identificam as coisas)? Faremos fotos com flash ou sem (ou ambas)?

Etapa 3 - Sobre o compartilhamento das fotografias: Como trazer e compartilhar as fotografias? Impressas? Virtuais? Como apresentar as imagens ao grupo?

Etapa 4 - Sobre as percepções e diálogos a partir das fotografias: Que palavras conseguem definir o que vemos? Quantos nomes uma cor pode ter? O nome da cor é capaz de expressar suas diferentes tonalidades? Quando nomeamos uma cor, damos nome ao que vemos ou ao que sabemos sobre ela? Damos mais atenção ao que sabemos sobre as cores ou ao que percebemos ao vê-las? Como as escolhas e significados dados às cores se articulam com pensamentos políticos, culturais e históricos e à manutenção do poder? Como percebemos, nomeamos e significamos as cores nas experiências educativas?

Etapa 5: Sobre o registro do processo: Como podemos registrar esse processo e compartilhar as ideias mobilizadas com pessoas que não viveram essa experiência conosco? Por meio de uma exposição? Um livro? Um objeto? Uma página online? As criações de Arte Contemporânea podem auxiliar a dar visualidade às nossas ideias? Será que as criações listadas a seguir podem nos ajudar a apresentar o nosso processo?

REPERTÓRIO:

Livro/objeto:

- Escala de Cor das Coisas - Letícia Lampert -
<https://www.leticialampert.com.br/home-2/art/escala-de-cor-das-coisas/>
- Hello tomato - Marion Caron e Camille Trimardeau -
<https://www.editionsdulivre.com/en/book/hello-tomato/>

Livro/literatura:

- Flicts - Ziraldo
- Bom dia todas as cores - Ruth Rocha

Exposições/instalações:

- Saber de cor - João Paulo Baliscei - <https://www.instagram.com/grupoartei/>
- Desvio para o vermelho - Cildo Meireles - <https://g.co/arts/o3NmDodThrQcKWH29>
- Terra tão só - Marlene Almeida
<https://ccbb.com.br/wp-content/uploads/2022/01/BrasilidadePosModernismo-Catalogo.pdf> (p. 154 - 158).

Séries (artes visuais):

- Cultivar Series - Uli Westphal - <https://www.uliwestphal.de/the-cultivar-series/>
- Humanae - Angélica Dass - <https://angelicadass.com/pt/foto/humanae/>
- Nuancier - Pierre David - <https://www.pierredavid.net/projets/nuancier/>
- Polvo - Adriana Varejão - <https://artebrasileiros.com.br/arte/povo-de-cores-infinitas/>

Sites:

- Google Arts & Culture - Busca por cores: <https://artsandculture.google.com/color>



Saber de cor

Relato de uma vivência

Vinícius Stein
João Paulo Baliscai
Universidade Estadual de Maringá

O encontro

Sábado. 19 de outubro de 2024. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. O III Simpósio Internacional "Formação Docente com e em Artes/Culturas" acontecia de modo híbrido: pesquisadoras, professoras e estudantes curiosas ocupavam as cadeiras do auditório, enquanto outras se conectavam através de telas, via YouTube, criando uma comunidade expandida pelo desejo comum sobre a formação docente em Arte.

Havia uma expectativa para vivenciar as proposições. Começamos com "Saber de cor". Vinícius Stein e João Paulo Baliscai, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Margarete Sacht Góes, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e Maria Regina Johann, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) mediarão as ações da proposição em seus cinco movimentos.

Primeiro movimento: A lista de cores

Liste nomes utilizados popularmente para se referir às cores, cuja denominação remete a algo que pode ser encontrado na realidade

Este foi o momento da construção coletiva do vocabulário. Telas se acenderam e celulares foram erguidos para participar da ação realizada por meio de uma ferramenta digital. As pessoas digitavam os nomes das cores em seus celulares enquanto uma nuvem de palavras se formava em tempo real, construindo-se através das contribuições de todas.

"Vermelho sangue" apareceu primeiro, grande e pulsante no centro da tela. Logo depois, "cor de burro quando foge", expressão tipicamente brasileira que arrancou risos do auditório. "Rosa chiclete" e "verde bandeira" se juntaram ao conjunto, seguidos por "amarelo ouro", "azul calcinha" e, de forma recorrente e inquietante, "cor de pele", entre muitas outras denominações que emergiram espontaneamente.

O público presencial sussurrava sugestões entre si, digitava em seus dispositivos e olhava para a tela onde a nuvem crescia. Os participantes online também contribuía com suas vozes, pronunciando-se por meio da conectividade que aproximava espaços distantes.

O repertório cromático expandiu-se. Nessas denominações revelavam-se múltiplas referências culturais: a natureza ("madeira, verde abacate", "azul céu"), os alimentos ("amarelo mostarda", "vermelho cereja"), os estados emocionais ("vermelho paixão", "roxo de raiva"), as marcas comerciais ("azul caneta bic", "vermelho coca cola") e expressões inusitadas que evidenciavam a dimensão lúdica da linguagem ("rosa desmaiado").



Segundo movimento: A busca fotográfica

Fotografe coisas às quais as cores remetem

Com a nuvem de palavras pulsando na tela como um mapa cromático, chegou o momento da busca. Os mediadores deram instruções precisas. Cada participante deveria fotografar duas imagens: uma relacionada à expressão "cor de pele" e outra com uma cor específica escolhida livremente da lista coletiva.



"Cor de pele" não havia sido escolhida por acaso. Os mediadores explicaram que essa seria a expressão comum para todas as pessoas, justamente porque carregava em si a problematização que a proposição buscava provocar, isto é, um tensionamento sobre como as escolhas e significados dados às cores se articulam com pensamentos estéticos, culturais, históricos e políticos e com a manutenção de poder.

Os enquadramentos poderiam seguir diferentes abordagens, fosse macro, mostrando apenas a cor sem revelar a forma do objeto, ou aberto.

Cada escolha técnica seria também uma escolha interpretativa, ou seja, uma maneira particular de traduzir visualmente a experiência.

Terceiro movimento: O compartilhamento virtual

Compartilhe as imagens

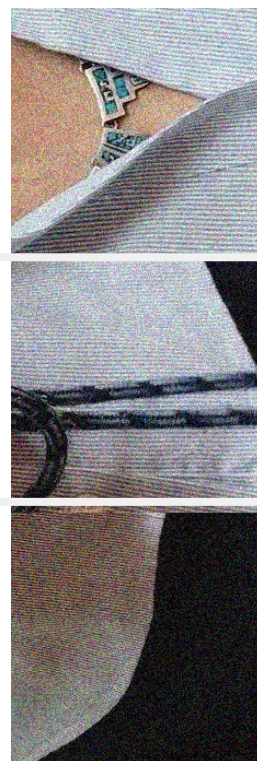
Agora, com as fotografias capturadas, era momento de construir coletivamente um mural visual. A plataforma Padlet se transformou em um repositório coletivo e um espaço onde cada imagem poderia dialogar com as outras. As fotografias começaram a chegar como peças de um quebra-cabeças abstrato. Cada uma vinha acompanhada de um comentário que revelava não apenas o que havia sido fotografado, mas como cada pessoa havia interpretado e vivenciado a proposição. O mural foi se transformando em um atlas visual das percepções cromáticas e semânticas do grupo.

Quarto movimento: A roda de descobertas

Perceba e dialogue na Roda de conversa

O mural virtual foi projetado na tela grande do auditório enquanto as pessoas comentavam o que observavam nas imagens compartilhadas. Cada fotografia provocava novas reflexões e conexões entre as participantes. Entre as fotografias, apareceu o retrato de Mirian Celeste Martins, coordenadora da pesquisa maior que abrigava nosso trabalho, com a legenda "azul celeste". O auditório se agitou com risos e comentários. A imagem criava uma ambiguidade instigante: referia-se à roupa azul que ela vestia, ao colar com detalhes azuis em seu pescoço, ou era uma brincadeira poética com seu sobrenome, Celeste?

Essa fotografia exemplificou as possibilidades interpretativas da proposição, demonstrando como as cores podem adquirir significados para além de suas características puramente visuais, entrelaçando-se com aspectos pessoais, afetivos e simbólicos. Este foi o momento de dar sentido às descobertas, de compartilhar não apenas o que havíamos fotografado, mas o que havíamos percebido no processo.



Quinto movimento: O registro reflexivo

Registre a experiência com imagens e palavras

O Padlet funcionou não apenas como espaço de compartilhamento, mas como meio de registro da experiência. As pessoas realizaram anotações, complementaram suas fotografias com reflexões escritas e estabeleceram conexões entre suas descobertas individuais e as discussões coletivas.

As imagens de "cor de pele" se destacaram no mural: close-ups de peles humanas revelaram a complexidade visual que a expressão esconde. Variações sutis de luminosidade, texturas marcadas por linhas e relevos naturais da pele, uma paleta que transitava entre marrons, rosados e dourados e tinha detalhes azulados e acinzentados. Cada fotografia constituía um argumento visual contra a simplificação cromática.

As conversas se estenderam pelos corredores e intervalos do evento, demonstrando como a proposição havia mobilizado reflexões que ultrapassaram o momento formal da ação. Participantes continuaram trocando percepções sobre suas descobertas cromáticas e questionando seus próprios repertórios visuais.

A criação da proposição

A proposição "Saber de Cor" havia sido desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI, da Universidade Estadual de Maringá, como parte da investigação sobre as bagagens artísticas e culturais de estudantes de Pedagogia. A experiência se alimentou de múltiplas referências artísticas que questionam padronizações cromáticas.

Essas referências abrangem as investigações artísticas de Letícia Lampert (2009), que em sua "Escala de Cor das Coisas" cria uma paleta de amostras cromáticas com fotografias de objetos cotidianos, assim como a série "Cultivar" de Uly Westphal (2010-2024), que revela através da fotografia de vegetais a diversidade natural.

No campo das questões étnico-raciais, recorremos às criações artísticas de Adriana Varejão (2013) e sua série "Polvo", que apresenta retratos confrontando as categorizações impostas às cores de pele, e ao projeto "Humanae" de Angélica Dass (2012-2024), no qual a artista documenta sistematicamente a diversidade de tons de pele humana, criando um arquivo visual que desafia qualquer pretensão de universalidade da expressão "cor de pele". Estabelecemos ainda diálogo com o livro "Imagens da branquitude", no qual a historiadora Lilia Moritz Schwarcz (2024) analisa o fenômeno da branquitude a partir de suas manifestações simbólicas, examinando uma iconografia múltipla que se estende do século XVI ao presente.

No próprio grupo ARTEI, João Paulo Baliscei já havia abordado as questões cromáticas na publicação "Não se nasce azul ou rosa, torna-se" (Baliscei, 2021) e na exposição artística "Saber de cor: existências outras para além do azul e rosa" (Baliscei, 2022). Suas obras "Max Steel" e "Bar(BLUE)" exemplificam essa investigação ao questionar diretamente os códigos visuais utilizados na normatização de gênero desde a infância. A primeira apresenta um boneco de ação pintado de rosa, enquanto a segunda mostra uma boneca Barbie pintada de azul, problematizando assim como as cores podem funcionar como dispositivos de controle social.



O título da proposição foi emprestado da mostra de Baliscei. "Saber de Cor" brinca com dois sentidos complementares: "saber de cor" (com a pronúncia *côr*), no sentido de conhecer as cores, investigá-las e percebê-las em sua complexidade; e "saber de cor" (com a pronúncia *cór*), como na expressão "saber de cor e salteado", que remete ao conhecimento memorizado e automático, isto é, aquele que repetimos sem necessariamente refletir sobre seu significado.

A proposição se revelou como uma ação capaz de provocar processos criativos que mobilizaram, através da própria prática, as referências, memórias e repertórios culturais das participantes. Mais do que uma metodologia de pesquisa, "Saber de Cor" se constituiu como uma experiência estética de educação do olhar e um convite para que cada pessoa desenvolvesse uma investigação sensível sobre as cores do mundo.

Lista de imagens

1, 2, 3, 4, 5 – Fotografias compartilhadas pelos participantes da ação no Padlet coletivo. Acervo dos autores, 2024.

6 - João Paulo Baliscei, 2022. *Max Steel* e *Bar(BLUE)*.

Referências

BALISCEI, João Paulo. Não se nasce azul ou rosa, torna-se: cultura visual, gênero e infâncias. Salvador: Devires, 2021.

BALISCEI, João Paulo. Saber de cor: existências outras para além do azul e rosa. Maringá: Gráfica e Editorial Massoni, 2022. 1 catálogo. Projeto selecionado pelo Edital Branco de Melo, Fundação Cultural do Pará.

DASS, Angélica. Humanae. [S. l.], 2012-2024. Disponível em: <https://angelicadass.com/pt/foto/humanae/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

LAMPERT, Leticia. Escala de cor das coisas. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.leticialampert.com.br/home-2/art/escala-de-cor-das-coisas/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Imagens da branquitude: a presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

VAREJÃO, Adriana. Polvo. São Paulo: Fortes D'aloia & Gabriel, 2013. Disponível em: <https://fdag.com.br/exposicoes/polvo/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

WESTPHAL, Uli. The Cultivar Series. [S. l.], 2010-2024. Disponível em: <https://www.uliwestphal.de/the-cultivar-series/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

ARTESANIANDO A VIDA COM A PRODUÇÃO DE SI

Dimensões: memória, eu/nós, percursos

Proponentes: Silvia Sell Duarte Pillotto (UNIVILLE); Eliana Stamm (UNIVILLE); Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (UNIVILLE); Karinna Alves Cargnin (UNIVILLE) ; Rita de Cássia Fraga da Costa (UNIVILLE); Ana Paula Simião Pinto (UNIVILLE); Silvane Junior Leandro (UNIVILLE); Paulo Roberto Fernandes (UNIVILLE)

Obs: A sala deve ser preparada com papéis, lápis para desenho e se possível, pequenos espelhos ou celular, além de pedaços de tecidos para bordado, costura ou colagem, bem como agulhas, linhas, tesouras, etc.

Veja sua imagem no espelho ou celular e sem olhar para o papel, desenhe seu rosto, evitando visualizar o que está sendo desenhado.

Ao terminar o desenho, transfira-o para o tecido e inicie sua produção bordando, costurando, pespontando, alinhavando, colando, complementando e compondo o artesanial.

Socialize em roda de conversa sua experiência em artesanaria, apresentando sua produção em narrativa de vida. Ao final das narrativas, a mediadora poderá organizar um pano coletivo, constituído com todas as produções.

AUTORRETRATO

Dimensões envolvidas: MEMÓRIA; PALAVRA; EU/NÓS

Proponentes: Juliana Marcondes Bussolotti (UNITAU); Ana Paula Souza Vaz Boechat de Azevedo (UNITAU)

Ler o poema Autorretrato de Mário Quintana que lhe foi entregue.+

Autorretrato (Mário Quintana – Antologia Poética)

*No retrato que faço
- traço e traço-
Às vezes me pinto nuvem,
Às vezes me pinto árvore...
Às vezes me pinto coisas
De que nem há mais lembrança...
Ou coisas que não existem...
Mas que um dia existirão...
E, desta lida, em que busco
- pouco a pouco-
Minha eterna semelhança,
No final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!*

Em um jogo de leitura participativa o propositor iniciará cada verso e os participantes deverão completar da seguinte maneira “No retrato que me faço –traço a traço, às vezes me pinto...(o quê?) e os participantes completam “nuvem”) .

Produzir seu "autorretrato" por meio de qualquer uma das linguagens (dança, movimento corporal, desenho, poema, intervenção, imagem visual etc.).

Leitura compartilhada dos autorretratos produzidos.

Reflexão a partir do diálogo e da experiência vivida.

Obs: É importante que o espaço possa ter uma multiplicidade de oportunidade de expressões, como por exemplo, papel, lápis, lápis de cor, massa de modelar, tecidos, tintas, etc.

BANQUETE LITERÁRIO

Dimensões envolvidas: MOVIMENTO; PALAVRA; EU/NÓS

Proponentes: Adair de Aguiar Neitzel (UNIVALI); Flávia Brocchetto Ramos (UCS); Janete Ribeiro Nhoque (UNIVALI); Cleide Jussara Müller Pareja (UNIVALI)

Cada participante escolhe um poema e traz para o encontro.

Compor com seu poema a grande mesa cuidadosamente organizada com guloseimas, livros, poemas, fragrâncias, excertos de outros poemas escolhidos pelo mediador e escritos nos guardanapos.

Sentar-se à mesa, servir-se do alimento e escolher um texto para compartilhar a leitura aos demais presentes.

Caminhar livremente pelo espaço lendo baixinho seu poema.

Ao soar das palmas: a) procurar um/a parceiro/a, colocar-se frente a ele/a, olhando-o/a nos olhos. Ler o seu poema e ouvir a leitura do/a parceiro/a; b) Voltar a caminhar. c) Procurar um/a outro/o parceiro/a e repetir a leitura e escuta; d) Voltar a caminhar; e) Ler para um/a novo/a parceiro seu poema, em voz alta, intercalando os versos dos poemas dos dois participantes.

Após as leituras abre-se espaço para que os participantes avaliem o encontro a partir da seguinte questão: Qual o alimento que melhor expressa as sensações que emergiram da proposição realizada? Por quê? Escreva.

MEDUSA CONTEMPORÂNEA

Dimensões envolvidas: MEMÓRIA; MICRO/MACRO; EU/NÓS

Proponente: Pê Braga (UFPE)

Trazer para o encontro imagens, frases, objetos, recortes, fios, fitas, linhas, documentos de cabelos femininos.

Compartilhar as imagens somadas às trazidas pelo mediador (o mito da Medusa e obras de arte a partir dele)



*Medusa, Caravaggio
(1597)*



*Mariele Franco,
de @cajuartsffitti
(2019).*



*Bombril, de Priscila Rezende (2010). Acesse o video pelo QR
Code*



Conversar a partir da questão: De quantas formas é possível recontar um mito?

Compor um mural coletivo com as imagens, frases, objetos, recortes, fios, fitas, linhas, documentos que expressem a experiência vivida.

Compartilhar em roda de conversa as possíveis leituras desta produção e a possibilidade de continuar o processo.

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Dimensões envolvidas: Memória, eu/nós

Proponente: Mirian Celeste Martins

Voltar amorosamente para a infância e adolescência e lembrar seus encontros com a arte - teatro, circo, música, dança, artes visuais, cinema, museus... quais as marcas que você traz do passado? Muitas, poucas ou quase nada? Quem lhe trazia o lado mágico da contação de histórias, das brincadeiras de faz-de-conta, das visitas...? Você também viveu histórias tristes com a arte? Bloqueios, medos, não saber?

Com estas imagens no coração, a proposição é fazer uma produção. Não há modelos... pode ser um portfólio como um caderno, um diário, um livro de artista, uma caixa de guardados, uma mala de lembranças, fotos, textos, produções guardadas... como quiser compartilhar... O importante é que você possa presentificar o que e como foram (ou não foram) seus encontros com a arte, dentro e fora da escola. Importante relembrar aspectos positivos e negativos.

Postar sua produção em um padlet (que precisa ser criado pelo responsável).

Antes de apresentar as produções, conte o processo de criação vivido. O que é possível perceber nestas produções compartilhadas?

Obs para mediador: Se houver tempo, pode-se dividir os participantes em grupos para análise com focos de observação específicos que também serão postados no padlet.

Alguns focos possíveis: Quais linguagens artísticas fizeram parte da vida das pessoas com a arte? Quais lugares apareceram? Quem provocou o encontro com a arte? Como a família apareceu nestes relatos? Quem da família? Como a escola apareceu?

Professores apareceram? De quais disciplinas? Histórias negativas foram contadas ou talvez apagadas? Que tipo de mídia foi utilizada para registrar as histórias de encontros com a arte? Alguma outra questão possível? Uma possibilidade também é pedir uma avaliação metafórica da experiência

MOVIMENTOS E REGISTROS SONOROS – MOVIMENTO E MEMÓRIA

Dimensões envolvidas: Movimento e Memória

Proponente: Monica Zewe e Islaide Steil (UNIVALI)

Obs: O mediador convida o grupo para sair da sala de aula.

Aprecie a paisagem do entorno e registrar por meio de linhas as formas encontradas na natureza, nas edificações, nos corpos, objetos ou outros.

Como você poderia sonorizar os registros traçados? Em grupo, o que poderá ser realizado por meio da voz ou vozes, do atrito de objetos ou qualquer outro suporte sonoro que esteja disponível? Gravem em aparelho celular o resultado das sonorizações.

Como transformar os registros traçados em movimento corporal, observando as linhas retas, ascendentes, descendentes, longas e curtas, ou qualquer outra característica que possa ser evidenciada nos desenhos?

Em roda de conversa, compartilhe as percepções sobre a sequência das proposições e as impressões sobre a experiência realizada por todos.

Dimensões envolvidas: MOVIMENTO; PERCURSO; EU/NÓS

Proponentes: Adriana Vilchez Magrini Liza (UPM/GPEMC); Lúcia M. S.S. Lombardi (UFSCAR/GPAP); Mirza Ferreira (Laborarte/GPAP)

Caminhar pela universidade.

Observar seu corpo-sujeito, respirar e escutar o ambiente e os seguintes elementos: outras pessoas;

corpos coletivos;

incertezas; certos ou errados;

águas; terras; fogo; ar e ventos;

encontros inesperados internos/externos; rastros; chegar e partir.

O final da proposição é em roda de gesto-conversa.

Cada participante cria um gesto que expresse a experiência e, se desejar, fala sobre ela.

O CÉU EM MIM E EM NÓS

Dimensões envolvidas: MOVIMENTO; PERCURSO; PALAVRA; EU/NÓS

Proponentes: Leisa Sasso (SECEC/SEEDF/MUN); Glaucia Melasso Garcia de Carvalho (IFB Campus Brasília); Tereza Bernardette (IFB Campus São Sebastião)

Deitar-se no chão, observando as cores do céu por cerca de cinco minutos em silêncio, buscando a quietude. (Quando não for possível, no espaço escolar, ou no turno noturno, fazer na própria casa.)

Registrar as cores do céu em um tira de papel ½ A4 na vertical (o formato é inusitado e preferencialmente deve ser feito com tinta).

Sugere-se que a experiência possa ser feita em vários momentos.

Escolher uma outra forma de expressão artística para apresentar de poeticamente o seu céu: dançar, musicar/sonorizar, poetizar ou performar o céu – suas cores e movimentos.

Montar um painel coletivo das pinturas individuais de todos os estudantes envolvidos com o céu em nós.

E depois, propor a leitura das pinturas e das produções em diversas linguagens. Depois, escrever o que descobriu com a experiência estética. Essa experiência enriqueceu ou não suas múltiplas habilidades? Como contornou as dificuldades encontradas?

O CORPO DAS COISAS

Dimensões envolvidas: Atenção, observação e imaginação

Proponente: Maria Regina Johann (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI)

Obs para a mediadora:

Produzir cartões com palavras aleatórias e organizar materiais e objetos sobre a mesa. Será interessante fotografar enquanto a ação/ produção é realizada.

Escolha um cartão que terá no verso a escrita de uma palavra e escolha entre 4 e 5 elementos/objetos que estão sobre a mesa e crie algo considerando a palavra e os objetos escolhidos .

Compartilhe seu processo de criação expressando os sentidos que a vivência estética teve para você

O OLHAR COMO CONHECIMENTO DE SI E DO OUTRO

Dimensões: micro/macro – eu/nós – palavra

Proponentes: Silvia Sell Duarte Pillotto (UNIVILLE); Eliana Stamm (UNIVILLE); Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (UNIVILLE); Karinna Alves Cargnin (UNIVILLE); Rita de Cássia Fraga da Costa (UNIVILLE); Ana Paula Simião Pinto (UNIVILLE); Silvane Junior Leandro (UNIVILLE); Paulo Roberto Fernandes (UNIVILLE)

A exposição: *Moquém Surarî: arte indígena contemporânea*, foi apresentada no Museu de Arte Moderna de São Paulo com a curadoria de Jaider Esbell no período de 4 de setembro a 28 de novembro de 2021.

Conheça os trabalhos de 34 artistas na visita virtual proposta no site:

<https://www.3dexplora.com.br/seutour.aspx?codigo=xqYm4VuESN5&play=1&hl=0&q=1&wh=1&lp=0&ts=1>.

Registre o que lhe afetou na exploração do ambiente virtual por meio da linguagem/expressão desejada: escrita, desenho, pintura, colagem, entre outros... Socialize seu registro em roda de conversa, destacando suas impressões, experiências, percepções, memórias e seu processo de criação. O que percebe de seu olhar a partir do olhar do outro?

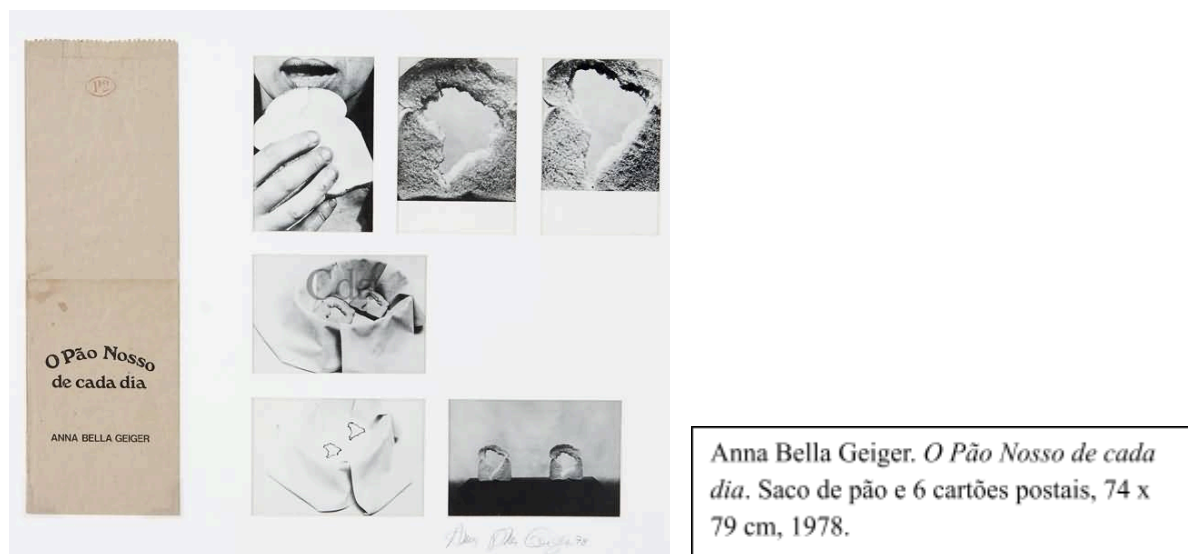
Para saber mais sobre esta exposição e sobre Jaider Esbel visite:

https://mam.org.br/exposicao/moquem_surari-arte-indigena-contemporanea/ e <https://www.youtube.com/watch?v=lQ5wTGyYXY0>

O PÃO NOSSO DE CADA DIA

Dimensões envolvidas: MEMÓRIA; MICRO/MACRO

Proponente: Mirian Celeste Martins (UPM)



Parar para olhar, ver mais devagar, demorar-se na reflexão frente a obra de Anna Bella Geiger;

Como ela, pegar uma fatia de pão de forma (ou qualquer outro “pão nosso de cada dia”) e a partir dele pensar nos desafios de nossa educação e de nossa cultura;

Intervir no pão como suporte de um pensar sobre os desafios de nossa educação e de nossa cultura utilizando quaisquer materiais;

Fotografar como um postal (10x15 cm), como a artista o fez.

Compartilhar no padlet ou em outro suporte virtual ou não, com o título, seu nome, a cidade onde mora (e, se quiser, escrever sobre sua obra).

O SEU OLHAR NO MEU

Dimensões envolvidas: eu/nós, Palavra

Proponente: Maria Regina Johann (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI)

Obs para o/a mediador/a: Produzir cartões com várias cores.

Você receberá um cartão de uma determinada cor e procure um colega que tenha em mãos a mesma cor.

Sente-se à sua frente.

Olhe atentamente nos olhos do colega por aproximadamente 3 a 4 minutos, em silêncio.

Registre a experiência com palavras, pensamentos, símbolos, desenhos, etc.

Em roda de conversa, compartilhe a experiência.

PERCURSOS-CONVITES

Dimensões envolvidas: Percurso e Movimento

Proponentes: Daniela Schneider (coord.) e Lívia Lempek, Rafaela Monteiro Alves, Mariana Silva, Isadora Brum (Universidade Federal do Rio Grande/ Grupo de Estudos e Arte, Formação e Experimentações Estéticas)

Tendo constituído seus próprios modos de percorrer caminhos;
tendo gerado a diferença na repetição; elabore uma proposição para que
outros, outras e outrem experimente seus itinerários cotidianos.

Neste convite, peça para que outro, outra e outrem faça algo, atente para algo,
produza algo, etc. que faça parte do teu cotidiano.

Obra de inspiração: Emily Jacir, De onde viemos (Where we came from, 2001-
2003); Yoko Ono, proposição Peça carimbo: cubra o mundo de paz (2003)

RECEITAS DE OLHAR

Dimensões: palavra – eu/nós – memória

Proponentes: Caroline Carvalho (FURB); Carla Carvalho (FURB); Patrícia G. Jorge (FURB)

Obs: A/o mediadora/o deve ter em mãos os poemas do livro *Receitas de Olhar* de Roseana Murray (FTD, 1999) e fazer uma pesquisa prévia sobre Aldravia.

Também deve providenciar materiais para a escrita posterior.

[ALDRAVIA - poesia minimalista \(recantodasletras.com.br\):](http://www.recantodasletras.com.br)

<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/3797797>

<https://silviamota.com.br/visualizar.php?id=5691046>

A sala guarda um segredo.

Espere sua vez de entrar, pois entra um de cada vez.

Ao entrar encontre poemas e escolha entre eles.

Leia em voz alta para o colega que entra na sala.

Acompanhe o processo, assistindo a cada colega que entra na sala e ouvindo os vários poemas.

Cada poema fará sentido de maneira singular, mas também coletiva.

Compartilhe em roda de conversa sua percepção sobre o tema dos poemas e, em especial, a experiência vivida e a partir dela você será convidado a escrever uma Aldravia.

Ela será escrita em um suporte diferenciado, como um pedaço de madeira (com pirógrafo, se for possível), em uma pedra; em bordado ou um outro suporte.

As leituras das Aldravias comporão mais receitas para ampliar o olhar sensível, crítico e curioso.

(RE)MODELANDO MEMÓRIAS

Dimensões: movimento, memória, micro/macro, eu/nós

Proponentes: Silvia Sell Duarte Pillotto (UNIVILLE); Eliana Stamm (UNIVILLE); Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (UNIVILLE); Karinna Alves Cargnin (UNIVILLE) ; Rita de Cássia Fraga da Costa (UNIVILLE); Ana Paula Simião Pinto (UNIVILLE) ; Silvane Junior Leandro (UNIVILLE); Paulo Roberto Fernandes (UNIVILLE)

Obs: A sala deve ser preparada com blocos de argila de boa qualidade sobre tecidos em algodão grosso (individuais ou coletivo). O mediador poderá organizar um espaço com mesa composta por: livros, imagens de obras/objetos de arte e artesanato sobre cerâmica e escultura, além de estecas e objetos e outros materiais que produzam texturas (rendas, palitos, garfos, galhos, etc.).

Com olhos fechados manuseie a argila, percebendo: temperatura, textura, maleabilidade e consistência.

Deixe a organicidade da argila falar por si acompanhada de memórias de infâncias. Ainda de olhos fechados, modele a argila criando formas.

Ao abrir os olhos, veja sua criação/produção. Se quiser, interfira, altere, complemente, buscando a forma/síntese da sua produção artística.

Socialize em roda de conversa sua experiência e produção com os demais estudantes/participes.



CAMINHOS

QUEM SOMOS

Grupos de Pesquisa

Grupos que iniciaram a pesquisa



Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia

Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia - GPAP

O grupo soma forças na luta pela presença da arte e das culturas no curso de Pedagogia desde 2012, ano que demarca sua formalização. Vinculado ao Diretório do CNPq e à Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, é formado por professores de Arte que atuam ou pesquisam formação docente, inquietos com a ínfima carga horária voltada ao ensino de Arte nos cursos de Pedagogia e com políticas públicas na formação docente inicial e continuada tendo em vista a melhoria do desenvolvimento profissional e da qualidade educacional.

Líder do grupo: Prof^a. Dr^a Mirian Celeste Martins - UPM

Vice-líder do grupo: Prof^a. Dr^a Jéssica Mami Makino – USP/Ribeirão Preto

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7171489607866053>

Site: www.arte-pedagogia-mediacao.com.br

Integrantes Participantes: Ana Cláudia de Oliveira Freitas, Carolina Votto Silva, Estela Maria Oliveira Bonci, Jéssica Mami Makino, Mirian Celeste Martins, Mirza Ferreira, Paulo Sérgio de Andrade Bareicha, Renata Moraes de Queiroz Americano, Veronica Devens Costa.



Grupo de Pesquisa Mediação Cultural

Grupo de Pesquisa Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas - GPeMC

Vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie e ao Diretório do CNPQ, nasceu em 2009 de um grupo na UNESP (2003-2007). A produção derivada desse grupo acadêmicogeraram a participação em congressos nacionais e internacionais, a elaboração de dissertações e teses, a organização de simpósios e publicações. Pesquisas e publicações registram e compartilham as paisagens entrelaçadas à trajetória do grupo enredado pela Arte como um lugar de encontros movidos pela mediação cultural onde aprendemos pela experiência que se amplia quando compartilhada.

Líder do grupo: Profa. Dra. Mirian Celeste Martins - UPM

Vice-líder do grupo: Profa. Dra. Estela Maria Oliveira Bonci - UPM

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6230847572123154>

Site: www.arte-pedagogia-mediacao.com.br

Integrantes Participantes: Adriana Vilchez Magrini Liza, Cleber Cardoso Xavier, Estela Maria Oliveira Bonci, Hania Cecília Pilan, Leísa Sasso, Leonardo Birche de Carvalho, Mirian Celeste Martins.

Grupos participantes



Grupo de Estudos e Pesquisa Arte, Formação e Experimentações Estéticas AFEE/UFRG

Dedica-se a compor espaço de estudo, pesquisa, diálogo e problematização da formação estética docente, a partir da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, compreendendo a pesquisa como eixo articulador e enquanto atitude formativa dessa amálgama. Partindo de abordagens contemporâneas e emergentes de produção e ensino de arte, alinha-se, metodologicamente, com as perspectivas cartográficas e da ARTografia, comprometendo-se em ampliar conhecimentos teóricos e experimentações teóricas, práticas e poéticas em torno da formação docente. Apostando nas conjugações, busca fortalecer os sentidos da práxis educacional e artística, compreendendo a arte como prática social e cultural.

Líder: Profa. Dra. Daniela da Cruz Schneider

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/799438>

Integrantes Participantes: Daniela Schneider, Isadora Brum, Lívia Lempek, Mariana da Rocha Silvia, Rafaela Monteiro Alves.



Grupo de Investigación ALTERARTE

O grupo é filiado ao Programa de Educação Artística vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Surcolombiana. Atualmente, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação da República da Colômbia identifica o grupo com o código COL0083025. Os objetivos do Grupo de Pesquisa são: proporcionar conhecimento que contribua para a consolidação da Educação Artística como área fundamental dos planos de educação formal e não formal em âmbito nacional; realizar cursos teóricos e práticos dentro das tendências da Educação Artística que contribuam para o fortalecimento da identidade cultural regional e colombiana; formar pesquisadores; desenvolver pesquisas nas áreas de Pedagogia, Didática e Avaliação na área de Educação Artística, bem como os processos de Produção, Difusão, Valorização e Consumo das práticas artísticas; além de outros e de divulgar os resultados das pesquisas realizadas.

Líder do grupo: Prof. Dr. Jaime Ruiz Solórzano

Endereço digital: https://scienti.minciencias.gov.co/gruplac/welcome/login_success.do

Integrante Participante: Jaime Ruiz Solórzano



Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação – GPAEE/FURB

O Grupo de Pesquisa tem por objetivo investigar relações entre arte, estética e educação, discutindo as formas de interação dos sujeitos a partir de manifestações da arte seja visual, cênica, musical ou literatura buscando compreender processos de mediação cultural e educação estética em espaços formais ou não formais de educação.

Líder do grupo: Profa.Dra. Carla Carvalho - FURB

Vice Líder do grupo: Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza - UFPel

Diretório no CNPq: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9161673100369501

Integrantes participantes: Carla Carvalho, Caroline Carvalho, Fransuê Ribeiro, José Inácio Sperber, Patrícia Gonçalves Jorge.



Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI/CNPq-UEM

Realiza pesquisas sobre imagens a partir dos Estudos da Cultura Visual. Desde 2019, o grupo analisa o olhar como construção social, investigando artefatos culturais que articulam questões de poder e identidade ao ensino de Arte. O grupo desenvolve estratégias didáticas para interpretação de imagens e formação de professores, integrando pesquisa acadêmica, práticas de ensino e ações extensionistas no campo das Artes Visuais.

Líderes do grupo: Prof. Dr. João Paulo Baliscai e Prof. Dr. Vinícius Stein

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/499137>

Integrantes Participantes: João Paulo Baliscai, Vinícius Stein.



Grupo de Estudos Arte Educação e Criação - GEAEC/MPE

Os grupos de estudo criados junto ao Mestrado Profissional em Educação (MPE – UNITAU) são braços do Grupo de Pesquisa Educação: desenvolvimento profissional, diversidades e metodologias. O Grupo de Estudos Arte Educação e Criação (GEAEC), foi criado em março de 2020. O grupo valoriza a arte como ferramenta essencial na formação docente, explorando temas como interdisciplinaridade, artografia, cartografia em arte e formação de professores arte-educadores. Atua em duas frentes: uma dedicada à realização de seminários, oficinas e discussões metodológicas, resultando em produtos técnicos e tecnológicos; e outra voltada para o levantamento da prática docente em artes visuais, música, dança e teatro no Brasil, com o objetivo de produzir materiais didáticos e artigos científicos.

Líderes do grupo: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti, Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza e Profa. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/554622>

Integrantes Participantes: Ana Paula Vaz Boechat; Juliana Bussolotti; Michael Santos Silva e Raquel Balduino da Silva



Grupo de Pesquisa [compor]

É formado por professores(as) no ensino formal e não formal, em suas diversas modalidades, no ensino das Artes Visuais e outras áreas. Nas pesquisas realizam experimentações com a filosofia

da diferença para inventar outras dobras em modos de investigar o ensino e a formação docente. Os objetivos do grupo são: propor estudos em/sobre/com arte e educação, expandindo suas margens e fronteiras; promover encontros de práticas artísticas contemporâneas com formação docente e práticas pedagógicas; utilizar metodologias de pesquisa baseadas na arte e na cartografia e apostar em escritas como processos literários e artísticos; bem como fortalecer a produção acadêmica sobre artes visuais, formação docente, interseccionalidade e ensino, a partir de publicações, entre elas, a Revista [compor] UDESC, pesquisas colaborativas, intercâmbios entre universidades e grupos de pesquisa.

Líder do grupo: Profa. Dra. Elaine Schmidlin e Profa. Dra. Juliana Crispe

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/788659>

Integrante Participante: Andressa Argenta



Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora - UNIVALI

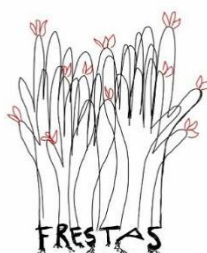
Tem por objetivo investigar como a cultura, em especial a arte e a estética, contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional do sujeito. Os projetos de pesquisa estão direcionados para discussões que envolvem as áreas Literatura, Artes Visuais, Teatro, Cinema, Dança e Música, com o intuito de discutir a natureza do conhecimento sensível e sua interferência principalmente na constituição do discente e docente.

Líder do grupo: Profa. Dra. Adair de Aguiar Neitzel

Vice-líder do grupo: Profa. Dra. Isleide Steil

Diretório no CNPq: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5771144812580520>

Integrantes Participantes: Adair de Aguiar Neitzel, Cleide Pareja, Isleide Steil, Mônica Zewe Uriarte



Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Trocas, Arte e Sentidos FRESTAS/ UNIRIO

Constituído originalmente por um grupo de professoras da Educação Básica da Rede Pública de Ensino do Rio de Janeiro voltado para as questões do Corpo e das Artes no convênio MEC/UNIRIO, consolidou-se como tempo/espço de investigação na perspectiva da pesquisa-formação, que se entrelaçam e retroalimentam. Entre suas metas estão investigar a formação docente considerando o espaço da arte e da corporeidade presentes tanto nos espaços formativos, quanto no cotidiano das escolas e suas práticas. A conversa e as perspectivas biográficas/autobiográficas levam em conta as trajetórias e narrativas dos sujeitos na construção de suas subjetividades e com metodologias minúsculas, que reforçam a importância das multiplicidades, das diferenças, da polifonia, dos diálogos.

Líderes do grupo: Profa. Dra. Adrianne Ogêda Guedes e Profa. Dra. Priscilla M.de Farias - UNIRIO

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/244563>

Integrantes Participantes: Adrianne Ogêda Guedes; Carolina Cony; Luciana Quintal; Michelle Dantas; Priscilla Menezes; Virna Bemvenuto, Wasti Silvério Ciszewski Henriques.



Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (GEPAEI)

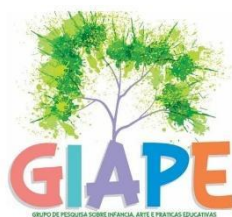
Nascido no segundo semestre do ano de 2019, no Centro de Educação (CE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tem por objetivo envolver estudantes de graduação de Artes Visuais e Pedagogia, egressas/os, estudantes de pós-graduação e professoras/es da Educação Infantil. Busca fomentar a pesquisa no campo do ensino das Artes Visuais na/para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Realiza estudos e pesquisas sobre o ensino da Arte com crianças e a produção de materiais educativos que contribuam para a formação inicial e continuada de professoras/es a partir da perspectiva da Arte Contemporânea e Decolonial.

Líder do Grupo: Profa. Dra. Margarete Sacht Góes

Diretório no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4521092181767304>

Site: <https://gepaei.ufes.br/>

Integrante Participante: Margarete Sacht Góes.



GIAPE - Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte e Práticas Educativas

O Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte e Práticas Educativas (GIAPE) é um organismo coletivo vinculado à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), certificado pelo CNPq desde 2014. Reúne pesquisadores(as) dedicados(as) à produção de estudos, reflexões, projetos, investigações, publicações e eventos científicos voltados à formação cultural e artística de professoras(es) que atuam com crianças e suas infâncias. O grupo investiga as linguagens da Arte: Teatro, Música, Dança e Artes Visuais - e os diálogos interdisciplinares entre elas, compreendendo os processos educativos formais e não formais com as artes como espaços e tempos de conhecimento, criação e constituição da pessoa em sua complexidade. O GIAPE integra a DIÁLOGOS - Rede Internacional de Pesquisa, que articula grupos, núcleos e laboratórios do Brasil e do exterior no desenvolvimento de pesquisas em perspectiva colaborativa sobre educação e artes.

Líder do grupo: Profa. Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi (UFSCar)

Vice-líder do grupo: Profa. Dra. Renata Franco Severo Fantini (UFSCar)

Diretório do grupo no CNPq: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3033192032065788

Site GIAPE: www.giape.ufscar.br

Canal YouTube GIAPE: <https://www.youtube.com/@giapeufscar5320>

Integrante Participante: Lúcia M. S. S. Lombardi



Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação – GPECAE/UFRPE

Formalizado em maio de 2016 reúne pesquisadores dedicados ao debate sobre os Estudos Culturais em Educação partindo do entendimento de que estudar educação não é somente olhar para dentro dos muros da escola, mas sim, dar ênfase ao conjunto de produção cultural de uma sociedade, com sua diversidade de textos e práticas. Trata-se de pensar, sobretudo, sobre os modos pelos quais os artefatos, instituições e espaços têm atuado na constituição de sujeitos, na medida em que produzem e fazem circular saberes e práticas e, portanto, pedagogias que implicam em modos de ser e estar na cultura que transitam no campo epistêmico da Arte/Educação em suas diferentes linguagens: Artes Visuais, Dança, Teatro e Música.

Líder(es) do grupo: Profa. Dra. Ana Paula Abrahamian de Souza e Profa. Dra. Fabiana Souto Lima Vidal

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/214313>

Integrantes Participantes: Ana Cláudia de Oliveira Freitas, Ana Paula Abrahamian de Souza, Fabiana Souto Lima Vidal.



Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação – LABORARTE/UNICAMP

É composto por docentes da Faculdade de Educação/UNICAMP, por pesquisadoras(es) convidadas(os), orientandas(os) de pós-graduação e de graduação, além de ex-orientandas(os) que atuam em projetos de ensino, pesquisa e extensão encabeçados pelo grupo. Desenvolve estudos que relacionam arte, corpo e educação, em diálogo com a formação e o trabalho docente, arte educação, educação física, educação somática, educação médica, memórias, narrativas e tecnologias, em diferentes contextos educativos, tanto no âmbito da educação formal como no da educação não formal.

Líder do grupo: Profa. Dra. Eliana Ayoub

Diretório no CNPq: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5313325233793540>

Integrante Participante: Mirza Ferreira



Laboratório de Universos Poéticos e Aprendizagens em Arte - LUPA -FE– UnB

O grupo de pesquisa tem por objetivo: Investigar processos de aprendizagens e criações em Arte e suas manifestações estéticas e educativas. Relaciona práticas artísticas às pesquisas em processos pedagógicos como escrituras artográficas.. Proposições artísticas e pedagógicas

são experienciadas nos laboratórios: Museu Nacional da República e Ludoteca do IFB, Campi de São Sebastião.

Líder do grupo: Prof. Dr. Paulo Bareicha - FE/UnB.

Vice Líder do grupo: Profa. Dra. Leísa Sasso - SEEDF/ ProfArtes/IDA/UnB

Diretório no CNPq: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9009947478090796

Integrantes Participantes: Aurelice Vasconcelos, Cristiane Herres Terraza, Glaucia Melasso Garcia de Carvalho, Leísa Sasso, Paulo Bareicha, Tereza Salles, Maria del Rosário Tatiana Fernández Méndez e Luísa Günter.



Mediações: grupo de estudos e pesquisa em Arte e Educação

Em formação, procura reunir estudantes de licenciaturas, pesquisadores, artistas, professores, produtores culturais para desenvolverem estudos e pesquisas sobre arte e educação; - promover eventos científicos e culturais, de modo a divulgar os resultados de seus trabalhos e promover trocas com outros professores, artistas e pesquisadores; - promover ações de formação continuada em Arte e Educação; - promover proposições artísticas na cidade de Ribeirão Preto.

Líder do grupo: Profa. Dra. Jéssica Mami Makino – USP/Ribeirão Preto

E-mail: jmakino@usp.br

Integrante Participante: Jéssica Mami Makino



Grupo de Pesquisa em Arte, Cultura Visual e Educação - MIRARTE/UFMS/RS

O Grupo parte das interlocuções entre Arte, Cultura Visual e Educação para investigar: o campo das Metodologias Visuais, Artísticas e Inovativas na pesquisa Educacional com ênfase na Formação de Professores; as relações entre Práticas Artísticas, Visualidades Contemporâneas, Pedagogia e Docência; atravessamentos entre Gênero, Cultura Visual e Educação. Neste interim, são desenvolvidas experimentações transdisciplinares para reflexionar sobre o olhar culturalmente situado no que tange aos artefatos visuais e à hegemonia cultural com vistas à compreensão crítica e (per)formativa das imagens. Busca-se aprofundar e discutir modos de pensar/propor a docência no que tange aos processos de formação inicial e continuada ao examinar como operam as políticas de representação no âmbito dos Estudos Visuais na produção das identidades. Na esteira dessas questões, recorre-se às Metodologias Visuais, PEBA, Artografia pelo viés de abordagens narrativas e (auto)biográficas.

Líder do Grupo: Prof. Dr. Lutiere Dalla Valle

Diretório no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8719603741327428>

Integrante Participante: Lutiere Dalla Valle



Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão Paulo Freire – NEPE/UNEB

Reúne professores, estudantes e técnicos administrativos constituindo-se como um espaço de diálogo, ação e interrelação entre os diversos atores educacionais com vistas a conhecer, refletir e elaborar por meio da pesquisa, propostas que contribuam para o desenvolvimento da prática educativa, na produção e sistematização de saberes formais e não-formais, fortalecendo um dos papéis da Universidade, no reconhecimento e enriquecimento dos saberes produzidos socialmente. Os saberes locais são vistos enquanto patrimônio cultural que deve ser reconhecido e articulados aos saberes universais objetivando a construção de outros saberes capazes de produzir avanços no campo da formação e da prática educativa em nosso contexto.

Líderes do grupo: Profa. Dra. Sônia Maria A. de Oliveira Reis e Profa. Me. Solange M. de Oliveira

Diretório no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6201133570540061>

Integrante Participante: Ana Cláudia de Oliveira Freitas



Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE/UNIVILLE

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade da Região de Joinville (Univille) é constituído desde 2003 de pesquisadores comprometidos com práticas sociais, tendo em suas bases a educação estética e as sensibilidades. Tem caráter singular, mobilizando pesquisadores pelo fascínio daquilo que ainda não compreendem, reconhecendo o pesquisar como fenômeno em vias de se fazer. As investigações se constituem em linhas rizomáticas que se abrem para diferentes tempos/pausas, potencializando a experiência e o (com)partilhar. Para o NUPAE pesquisar é criação e deslocamentos que se constituem de multiplicidades, conectando-se com às dimensões afetivas. Emerge no processo de pesquisar e pesquisar-se (entre)laçados as sensibilidades e a educação estética, destacando o caráter enigmático e inventivo de fazer pesquisa.

Líder: Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto

Vice-Líder: Profa. Dra. Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/13093>

Integrantes Participantes: Ana Paula Simião Pinto, Daniela Cristina Viana, Eliana Stamm; Karinna Alves Cargnin, Lucélio Budal Arins, Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon, Paulo Roberto Fernandes, Rita de Cássia Fraga da Costa, Silvana Junior Leandro, Silvia Sell Duarte Pillotto.



Observatório de Leitura e de Literatura (OLLI)

O grupo de pesquisa, que tem como foco a leitura em diferentes fases da vida, desenvolve estudos no âmbito da linguagem, da literatura e da informação, assim como dos processos e das

práticas de interação e mediação leitora em escolas, bibliotecas e em outros espaços de ensino e de aprendizagem. Este grupo tem vínculo, principalmente, com o Programa de Pós-Graduação em Educação e com o Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade de Caxias do Sul, privilegiando a linguagem como constitutiva dos seres humanos.

Líder: Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos

Vice-líder: Profa. Dra. Lovani Volmer

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/1742135960263892>

Integrante Participante: Flávia Brocchetto Ramos



Grupos de Pesquisa Paidotribas - Educação, Corpo e Cultura

Três focos diferentes de investigação que dialogam entre si com estudos: dos processos educativos materializados no e pelo ensino das Práticas Corporais no universo da educação formal; dos processos de sociabilidade e de socialização mediados pelo envolvimento em Práticas Corporais diversas, realizadas em diferentes contextos sociais na contemporaneidade; das interfaces entre e Práticas Corporais e Saúde a partir de uma aproximação desde a educação e as ciências sociais e humanas. Tem como objetivo desenvolver pesquisas relacionadas com as temáticas da Educação Física e o ensino das práticas corporais no contexto escolar, bem como as dinâmicas de seus atores, professores, alunos, equipes pedagógicas.

Líder(es) do grupo: Prof. Dr. Robson Machado Borges e Prof. Dr. Ivan Carlos Bagnara

Diretório do grupo no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0478980665377037>

Integrante Participante: Maria Regina Johann, Maria Regina Johann, Bruna Barboza Trasel Schönwald, Sheila Stock kommers e Dione Beatris Salviano.

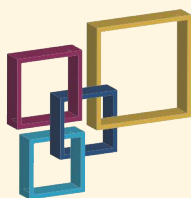
Pesquisadora independente: Profa. Me. Gabriela Ferreira Olasso – Licenciada em Ciências da Educação e Mestre em Teorias e Práticas Educativas pela Universidad de la República (UDELAR - Uruguai). Docente de Pedagogia no Departamento Pedagógico, Histórico e Filosófico do Conselho de Formação em Educação (ANEP).





O livro Formação Docente com/em Artes/Culturas – Volume I: Proposições Artísticas e Estéticas é uma resposta poética e política à urgência de repensar a formação docente em cursos de Pedagogia. Composto por proposições artísticas vivenciadas em pesquisa realizada em mais de 20 universidades do Brasil e da América Latina, o livro apresenta um cardápio de proposições artísticas e estéticas, desenvolvidas e vivenciadas a partir do contexto de sala de aula em Cursos de Pedagogia. São práticas criativas que aproximam arte e pedagogia, voltadas para formar educadores sensíveis, críticos e autores de seus próprios percursos formativos. Traz uma contribuição efetiva para a formação em arte não só para pedagogos em formação.

APOIO:



fapeti

FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DA UNITAL

ISBN: 978-85-9561-214-3



CD